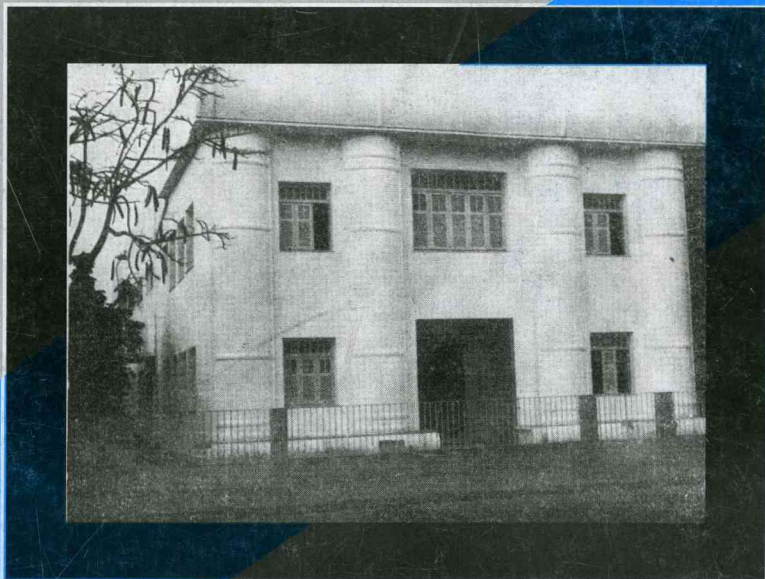


# REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS



ISSN 0567-5995

N. 32 - Vol. 44 - Julho/Dezembro de 2001



Edição - Cláudia Ferraz  
Revisão - Patrícia Borges  
Capa - Cláudia Ferraz  
Edição eletrônica - Evaristo Silva de Paula

Presidente  
Diógenes de Castro Lima

Vice-Presidente  
Rafael Maciel

1.º Secretário  
Nelson Patrício

2.º Secretário

# REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Editor da revista  
Luiz Wilson Mendes

Editor da revista  
Luiz Wilson Mendes

Conselho de Censura

Presidente  
Luiz Wilson Mendes

Membros

Comissão de Seleção

José de Aguiar, Evaristo

José de Aguiar, Evaristo

Número 32 – Volume 44  
Julho/Dezembro 2001

**Digitação** – Cláudia Franco

**Revisão** – Pelos autores

**Capa** – Olavo Oliva

**Editoração eletrônica** – Erinaldo Silva de Sousa

REVISTA DA ACADEMIA  
NORTE-RIO-GRANDENSE  
DE LETRAS

Catálogo da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede  
Divisão de Serviços Técnicos

Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras. – vol. 1, n.1 (1951).  
–. – Natal(RN): A Academia, 1951 –

Descrição baseada em: v. 44, n. 32 (jul./dez. 2001)

Periodicidade semestral a partir do n. 31, v. 43.

Publicada pela EDUFRN a partir do n. 31, v. 43.

ISSN 0567-5995

1. Literatura brasileira – Periódicos. 2. Poesia Norte-rio-grandense – Periódicos. 3. Cultura – Rio Grande do Norte – Periódicos. 4. Ensaios – Periódicos. 5. Ficção Norte-rio-grandense – Periódicos. I. Título.

RN/UF/BCZM

18/01

CDD B869

CDU 821.134.3(81) (05)

# DIRETORIA DA ACADEMIA

## **Presidente**

Diógenes da Cunha Lima

## **Vice-Presidente**

Paulo Macêdo

## **1º Secretário**

Nilson Patriota

## **2º Secretário**

João Batista Pinheiro Cabral

## **Tesoureiro**

Enélio Lima Petrovich

## **Diretor da Biblioteca**

João Wilson Mendes Melo

## **Diretor da Revista**

Manoel Onofre Jr.

## **Comissão de Contas**

Sanderson Negreiros, Gilberto Avelino e  
Maria Eugênia Montenegro

## **Comissão de Sindicância**

Jurandyr Navarro, Olavo de Medeiros Filho e  
José de Anchieta Ferreira



**ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS**

**PATRONOS E ACADÊMICOS**

**Situação em outubro de 2001**

Cadeira Nº	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
01	Padre Miguelinho	Adauto Câmara	Raimundo Nonato da Silva; Sívio Pedroza - Falecido
02	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão; Grácio Barbalho
03	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira
04	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich
05	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida; Manoel Onofre Júnior
06	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva; João Batista Pinheiro Cabral
07	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho; Nestor dos Santos Lima
08	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley; Nilson Patriota
09	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas; Humberto Dantas; Peregrino Júnior; Dorian Gray Caldas
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva; Miguel Seabra Fagundes; Fagundes de Menezes; Paulo de Tarso Correia de Melo; eleito
12	Amaro Cavalcante	Juvenal Lamartine	Veríssimo Pinheiro de Melo; Oswaldo Lamartine – eleito
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes – Falecido
15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antônio Pinto; Eloy de Souza; Umberto Peregrino
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Chaves Wanderley; Maria Eugênia Montenegro
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluízio Alves
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	Dom Nivaldo Monte
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira; Murilo Melo Filho
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mário Moacir Porto; Dorian Jorge Freire
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcante	Luís Rabelo; Valério Mesquita
22	Leão Fernandes	Padre Luís Monte	Dom José Adelino; Padre Jorge O'Grady de Paiva – Falecido
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Menezes; Jaime dos Guimarães Wanderley; Iaperi Soares de Araújo – eleito

24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antônio Azevedo; Antônio Soares Filho ; Tarcísio da Natividade Medeiros
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires; João Wilson Mendes Melo
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandy Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluízio Azevedo
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides Lamartine
34	José da Penha	Alvamar Furtado	
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho
37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães
38	Luís Antônio	José Tavares	Jerônimo Vingt-Un Rosado Maia
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	



# SUMÁRIO

<b>I – GALERIA ACADÊMICA</b>	<b>9</b>
Fagundes de Menezes: um fugaz acadêmico – Murilo Melo Filho	11
Os Epitáfios. Luís Carlos Guimarães – Diógenes da Cunha Lima	15
Réquiem para o amigo Luís Carlos Guimarães – Dorian Gray Caldas	18
Newton Navarro – Um esboço biográfico – Manoel Onofre Jr.	21
Nos 80 anos de Veríssimo – Vicente Serejo	35
Antônio Soares de Araújo Filho – Imortal – Professor – Amigo – Enélio Lima Petrovich	37
<b>II – ARTIGOS E CRÔNICAS</b>	<b>49</b>
A Vida é Viagem – Diógenes da Cunha Lima	51
A Paz – Jurandyr Navarro	53
O Pão, o Peixe e a Farinha do Nordeste – João Wilson Mendes Melo	56
Sonhos e Sonos e os Dorminhocos da História – José Melquíades	58
De Igreja e Terra – Pedro Vicente Costa Sobrinho	62
O Concerto de Villa-Lobos – José de Anchieta Ferreira	65
Uma Tarde com Câmara Cascudo – Getúlio Araújo	68
Humberto de Campos e Mossoró – Vingt-Un Rosado, Isaura Ester Rosado e Caio César Muniz	70
Em Louvor de um Justo – Fernando Abbott Galvão	80
Dix-Sept, a Notícia de uma Dor – Vicente Serejo	82
<b>III – NOVO ACADÊMICO</b>	<b>90</b>
Saudação ao Novo Acadêmico Tarcísio Medeiros, em nome da Academia – João Wilson Mendes Melo	91
<b>IV - HISTÓRIA</b>	<b>95</b>
A Beata Clara de Macedo e a povoação de São João Batista do Assu – Olavo de Medeiros Filho	97
O Sindicato Condor e o Governo Potiguar – Pery Lamartine	102
O Ensino Farmacêutico no Rio Grande do Norte – Aluísio Azevedo	104
<b>V – MEMÓRIAS</b>	<b>111</b>
Uma Ágora Chamada “Cocadas” – Inácio Magalhães de Sena	113
<b>VI – CONTO</b>	<b>117</b>
A Metamorfose Anual de Seu Olavo – Francisco Sobreira	119
<b>VII – POESIA</b>	<b>123</b>
Canto em Louvor do Poeta Eugênio de Andrade – Gilberto Avelino	125
14 Moedas Antigas – Paulo de Tarso Correia de Melo	127



# TRABALHO DE BARRAGEM em Inga, Pernambuco

Maria Helena

Com a inauguração da Barragem de Inga, Pernambuco, em 1954, iniciou-se a construção de uma grande obra de engenharia e arquitetura. A obra foi planejada e executada sob a direção do engenheiro brasileiro, Sr. João de Deus, e sob a supervisão do engenheiro português, Sr. João de Deus. A obra foi planejada e executada sob a direção do engenheiro brasileiro, Sr. João de Deus, e sob a supervisão do engenheiro português, Sr. João de Deus.

Este trabalho tem por objetivo apresentar os aspectos arquitetônicos e estruturais da Barragem de Inga, bem como os aspectos históricos e culturais da obra.

## I

Esta obra foi planejada e executada sob a direção do engenheiro brasileiro, Sr. João de Deus, e sob a supervisão do engenheiro português, Sr. João de Deus. A obra foi planejada e executada sob a direção do engenheiro brasileiro, Sr. João de Deus, e sob a supervisão do engenheiro português, Sr. João de Deus.

## Galeria Acadêmica

Esta obra foi planejada e executada sob a direção do engenheiro brasileiro, Sr. João de Deus, e sob a supervisão do engenheiro português, Sr. João de Deus. A obra foi planejada e executada sob a direção do engenheiro brasileiro, Sr. João de Deus, e sob a supervisão do engenheiro português, Sr. João de Deus.

A obra foi planejada e executada sob a direção do engenheiro brasileiro, Sr. João de Deus, e sob a supervisão do engenheiro português, Sr. João de Deus. A obra foi planejada e executada sob a direção do engenheiro brasileiro, Sr. João de Deus, e sob a supervisão do engenheiro português, Sr. João de Deus.

Esta obra foi planejada e executada sob a direção do engenheiro brasileiro, Sr. João de Deus, e sob a supervisão do engenheiro português, Sr. João de Deus. A obra foi planejada e executada sob a direção do engenheiro brasileiro, Sr. João de Deus, e sob a supervisão do engenheiro português, Sr. João de Deus.

Esta obra foi planejada e executada sob a direção do engenheiro brasileiro, Sr. João de Deus, e sob a supervisão do engenheiro português, Sr. João de Deus. A obra foi planejada e executada sob a direção do engenheiro brasileiro, Sr. João de Deus, e sob a supervisão do engenheiro português, Sr. João de Deus.



## FAGUNDES DE MENEZES: um fugaz acadêmico

*Murilo Melo Filho\**

Quando sugeri aos meus confrades da Academia Nortério-grandense de Letras a candidatura do jornalista e escritor Fagundes de Menezes para suceder Seabra Fagundes na Cadeira nº 11 do Quadro de Membros Efetivos desta nossa ANRL, e quando, logo em seguida, fui por ele escolhido para saudá-lo em sua posse, mal sabia eu, nem podia imaginar ou prever que, alguns meses, seria designado para fazer-lhe o necrológio.

Ele foi, assim, talvez um dos mais fugazes dos nossos Confrades, transitório e passageiro, que muito pouco conviveu conosco.

Mas nem por isto foi menor a importância de sua presença entre nós como ocupante da Cadeira nº 11, que agora cabe ao estimado Acadêmico Paulo de Tarso Correia de Melo ocupar e engrandecer.

Porque, mal se calavam os canhões da I Grande Guerra e já nascia, em Macau, no ano de 1918, um novo potiguar, que na pia batismal tomou o nome de João. Teve uma infância humilde e própria das nossas cidades do interior.

A sua longa e penosa maratona começou aos 16 anos de idade, quando, ainda na Natal daqueles tempos de guerra, já trabalhava na "A Republica" e no "Diário de Natal". No Recife, fez os estudos secundários e os três primeiros anos na Faculdade de Direito.

Depois, transferido definitivamente para o Rio, passou a dedicar-se por inteiro ao jornalismo, fiel àquela máxima segundo a qual quem se forma em Direito pode até advogar... Trabalhou aí seguidamente no "Diário de Notícias", "Jornal do Brasil", "O Globo", "Última Hora", "O Cruzeiro" e "Manchete", além de colaborar nos suplementos literários do "Correio da Manhã" e do "Jornal do Commercio".

Membro efetivo do Pen Clube do Brasil e presidente da União Brasileira de Escritores, dizia-se que em seu peito não havia mais espaço para outras condecorações, porque já era detentor da:

- Medalha Alberto Maranhão, aqui no Rio Grande do Norte;
- Medalha Tiradentes, da Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro;
- Medalha Bolivar, da Associação de Escritores da Venezuela;
- Medalha Cultural, da União Brasileira de Escritores;
- Troféu da Associação de Poetas Profissionais do Rio de Janeiro.

Extensa, também, é a relação dos livros que publicou.

- O estudo sobre “Nitzsche e a Mística do Super-Homem”;
- Os contos de “O Vale dos Cataventos” e do “Cárcere das Águas”;
- A novela de “Os Enteados de Deus”;
- As crônicas de “O Território Livre” e de “A Dissipação da Aurora”;
- A poesia de “Vagonauta”, de “Memória do Longo Caminhar” e de “Aurora Trucidada”;
- Os ensaios de “Jornalismo, Literatura e Liberdade” e dos “Três Papa-Jerimuns: Peregrino Júnior, Luís da Câmara Cascudo e Jorge Fernandes”, até
- Os romances “Alagamar” e “A Capital do Paraíso”.

Fagundes de Menezes foi um jornalista e um escritor de posições e convicções políticas coerentes, que, por elas, pagou um preço muito caro.

Demitido e perseguido, pela Revolução de 64, nunca renunciou às suas idéias, mesmo prestando o tributo altíssimo, de uma fidelidade e de um corajoso desassombro, que são motivos de orgulho para todos os seus contemporâneos e um ítem importante, ao nível da sua biografia, que ora aqui estamos tentando começar.

Ele sabia muito bem que aquela densa noite de trevas, abatida sobre o Brasil durante 21 anos, era um descaminho passageiro, e que, mais cedo ou mais tarde, os ventos da Democracia e da Liberdade voltariam a soprar em nosso País.

Foi um mestre de jornalismo e um professor de novos repórteres, aos quais proibia, por exemplo, o uso das palavras “aliás” e “pois”, que eram simplesmente desnecessárias e não faziam nenhuma falta ao texto.

Tinha horror às expressões “incêndio voraz”, “leão feroz” e “grande multidão”, argumentando que todo incêndio já é voraz, todo leão é feroz e toda multidão é grande.

Sugeria aos repórteres que jamais opinassem numa reportagem, pois o que o leitor queria era informação e não opinião. E lembrava o conselho de Voltaire, segundo o qual o maior inimigo do substantivo é o adjetivo.

A literatura fagundiana tinha amplitudes universais.

A poeta Stella Leonardos, que foi Secretária-Geral da sua U.B.E., durante muitos anos, costumava dizer que “a leitura dos poemas de Fagundes é um êxtase de campo-múltiplo, um amoroso cantar passível de ser traduzido em qualquer idioma e de ser compreendido em qualquer lugar, onde quer que se ame.

Seus caminhos desse mundo de poesia ficaram semeados de amor”.

Fagundes foi poeta, cronista, contador de histórias, mas foi sobretudo um jornalista. Lembrava sempre que os evangelistas Marcos, João, Mateus e Lucas haviam sido os repórteres do maior episódio da História da Humanidade. Homero foi o primeiro repórter, quando narrou, na Ilíada, os combates entre troianos e gregos, no cerco de Tróia, onde Heitor foi morto por Aquiles. E Pero Vaz de Caminha foi o primeiro jornalista a escrever sobre a nova terra, recém-descoberta. Alvimar Rodrigues, que foi um dos seus maiores amigos, recorda hoje que o estilo revela o homem Fagundes, no caso um homem que preservou a sensibilidade e a singeleza dos meninos macaúenses: crianças de pés gretados, que brincam com ventoinhas coloridas por mimetismo dos grandes moinhos moedores de ar, paletas girando incessantes e aprisionando lençóis do Atlântico para transformar em cristais as salinas de sua terra muito querida. Para Fagundes, Macau era uma região de miragens. As pirâmides de sal refletiam maravilhas que estavam a quilômetros de distância, projetando no céu claro veleiros, florestas, igrejas, sobradões. Por que não projetariam também a imagem de Fagundes, um filho ilustre no convívio da inteligência brasileira?

Apesar dos reveses, dos enfrentamentos difíceis nos tempos do obscurantismo político, das perdas familiares e dos companheiros fraternos, Fagundes manteve sempre até a morte a postura tranqüila, aberta, de bem com a vida, como se continuasse brincando com ventoinhas.

Feliz, recebia em casa os amigos para provar as invenções de sua competente culinária. Sentimental, à bordo de muitas cervejas, numa mesa de bar, deixava fluir as saborosas

reminiscências do nosso Rio Grande do Norte. Entusiasmado, escrevia incessantemente, dirigia a Rádio Nacional, a chefia de departamentos do Instituto Nacional do Livro e a presidência da União Brasileira de Escritores, onde realizava, anual e penosamente, concursos literários para entrega de prêmios a romancistas, poetas e ensaístas de todo o Brasil.

Assim foi em vida o Acadêmico João Fagundes de Menezes, sobrinho de Miguel Seabra Fagundes, outro grande Acadêmico, ao qual sucedeu nesta Casa, e sobrinho, também dos Acadêmicos Peregrino Júnior e Umberto Peregrino.

Durante pouco tempo, Fagundes de Menezes esteve entre nós. Já de volta ao Rio, começou a ser vítima de graves problemas coronários, agravados pela morte de sua mulher.

Morreu no dia 8 de fevereiro deste ano, cercado pelo carinho de sua família e dos seus muitos amigos. Tinha 82 anos de idade e muitos projetos a executar.

Deixou nesta academia a imagem e a lembrança de um homem cordial, afável, carinhoso e gentil.

Mas deixou sobretudo saudades imensas.

---

\* Membro efetivo das Academias Norte-rio-grandense e Brasileira de Letras, da UBE, da ABI e do Pen Club do Brasil, jornalista.



## OS EPITÁFIOS. Luís Carlos Guimarães

Diógenes da Cunha Lima\*

Currais Novos deu poetas ao nosso País. Luís Carlos Guimarães é um poeta do Brasil. De Currais Novos, que abrigou Zila Mamede. Da cidade que teve a síntese de José Bezerra Gomes e a poesia ingênua de Mariano Coelho.

Um irmão precisa ser muito bom para ser igual a Luís Carlos. Deixou a poesia inacabada, a ternura adiada, o olhar azul perdido, o sabor da vida, as horas saídas dos relógios, os amigos com acrescida solidão.

Saboreou o vinho da segunda-feira, vinho de uva molhada por águas de São Francisco, vinho da amizade rica e enriquecedora, bebemos todas as lembranças líricas, com Nei Leandro de Castro. Gilberto de Mello Kujawsky já nos havia ensinado que “vinho é poesia líquida”.

Relembramos o Soneto, em tom de elegia, para Moema: *“A luz fugitiva do teu olhar que arde / com o brilho da estrela no fim da tarde”*.

Fugiram o poeta e o seu olhar na tarde, ficou a sua poesia densa, terna e sempiterna. Poesia do cotidiano, do mágico, do extraordinário que o poeta viu nas coisas mais comuns. Uma vez ele descobriu um poema, *Canção Urbana*, em um funcionário público, o homem do paletó cor de goiaba que entornava seu chopp silenciosamente. O homem tinha acessos semanais de asma brônquica e uma sogra que encarnava o dragão vomitador de fogo. Lembra que o homem parece um boi, o boi que vão levando ao matadouro. Luís Carlos Guimarães nos deixou oito livros impressos, além de contos e poemas não publicados: *O Aprendiz e a Canção (1961)*; *As Cores do Dia (1965)*; *Ponto de Fuga (1979)*; *O Sal da Palavra (1983)*; *Pauta de Passarinho (1992)*; *A Lua no Espelho (1993)*; *O Fruto Maduro (1996)*. E finalmente *113 Traições Bem-intencionadas (1997)*.

O Poeta não tinha o direito de morrer, não desejava morrer, não carecia morrer, mas sentia, ou melhor, pressentia que o seu coração era sensível demais para este mundo. Fez como os grandes poetas. Camões, Bocage, Fernando Pessoa, Castro

Alves deixaram os próprios epitáfios. Não como um breve elogio ao que passaram na vida, não um auto-elogio, sintético e lapidar. Sim, como mostra e mestra da vida.

Já havia escrito uma Ode Mínima ao Enfarte do Miocárdio:

*“O enfarte não tem sutilezas.*

*Não manda flores.*

*Nem um telegrama misterioso:*

*Chegarei crepuscular...”*

O Poeta adivinhou que no fim da tarde viria o enfarte sem aviso nem flores. Já havia escrito:

*“O que sou neste fim de tarde?*

*Essa dor que arde no peito.”*

Luís Carlos escreveu vários epitáfios:

*“Fui esta vontade*

*Doida e doída de viver,*

*Que viveu todos os minutos*

*Como se fosse sempre.”*

Ou antes:

*“Aqui jaz um menino azul*

*Tragicamente desaparecido*

*Em um desastre de velocípede”.*

O seu riso de menino no espelho não atravessou a ponte de safena.

A poética de Luís Carlos Guimarães é, a um tempo, culta e popular. Tem ritmo para acentuar a originalidade e a invenção. Nele o poema flui por metáforas e alegorias. Os seus epitáfios traduzem a consciência do tempo fugaz, canto e desencanto, renúncias, desesperança. Todavia Lula nunca iria repetir Mauro Mota: *“Os endereços e epitáfios rastejam / na semântica dos limos”*.

Luís Carlos sempre se ultrapassava no amadurecimento da sua poesia e das traduções criadoras de poesia. Era o artesão da palavra em plena evolução poética, mais e mais condensada doçura.

Teve o caminho limpo, absolutamente superior às basbaquices da província. Defendia-se do cotidiano vulgar, descobrindo o extraordinário nas cores do dia. Sugeriu temas estranhos à pintura de Dorian Gray. Chegou a pedir que Assis Marinho pintasse um trem entrando no mar. Construía parábolas surrealistas. Fazia associações visuais e auditivas. Em vinho retirou-se, abandonando-se à eternidade.

Sentindo a perda, quero falar com Luís Carlos Guimarães. Mas ele é uma árvore. Calado e vivo como uma árvore. Porque como R. M. Rilke: amadurecido em dor, foi longe. Para além da vida.

Aqui, ele continúa luminoso como uma estrela. Imagino que o meu amigo navega em um rio sem margens e sem lodos, maestro de uma banda musical de anjos-da-guarda, cada vez mais íntimo da poesia, divisando os seus olhos azuis estranhos portos em virgem geografia. Imagino que Luís Carlos quer voltar para Leda, para os filhos, para a cidade amada, para os amigos. Não volta. Os eternos pedem que ele não volte, que lá permaneça, para a alegria de todos. Até de Deus.

---

\*Advogado, poeta e escritor, presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

## Réquiem para o amigo Luís Carlos Guimarães

*Dorian Gray Caldas\**

A palavra queima nos meus dedos, escrevo e dói, a mão pesa quase inútil; punho contra a morte. Dizem, a dor é muda, o sentimento voa, em qual céu ou espaço estão tuas asas de poeta? O vôo alto que sempre sonhaste? Companheiro de tantas décadas, adolescente, sorvíamos o ar noturno, as brisas do mar, as luas azuis, os bens dos livros, as ruas, os terraços em sombra; noturno, vejo-te no cerne das coisas essenciais: o trigo deste pão que se repartia com os amigos e agora após os anos que se foram breves nos relógios ou nas longas e intermináveis horas das sombras douradas das árvores, o fruto maduro da poesia, a fina tessitura da palavra. Qual morte procuraste? Se do infarto fatal não podias escapar? E me disseste naquela tarde, “estou me acostumando com a idéia de morrer”. Não me acostumo, poeta, digo como Edna St. Vincent Millay, “mas não aprovo esta ausência”.

Estamos os três na praça entre verdes, Sanderson dez anos mais jovem. Você de mim cinco anos, mas temos a mesma idade da alma. Nunca contamos no calendário estes anos, que nos separavam.

Estou diante do teu retrato, poeta, as palavras espalham-se na tessitura da escrita; mil palavras nada dizem. Mallarmé escreve: “li todos os livros, todos!” O que pode a palavra de encontro ao duro concreto, ao mármore mais puro, ao bronze mais eterno? Que pode a palavra, sortilégio da eleição, emoção da alma, cinza do carvão, enganos, contradições ao longo exercício das distâncias, ser maior que a vida, a extraordinária vida que a simples presença confirma? Para que não doa tanto, seja a palavra puro alento berceuse de tudo que se perde a cada dia; tudo que se despede a cada hora. Barco que parte deste cais; estrela caída sobre nós, horas dobradas e guardadas nas folhas enormes deste livro da eternidade.

Reclamo e procuro os dias pretéritos, o doce encanto; o vinho da vida, as jovens e imorredouras horas da juventude. Tínhamos este dom do paraíso: saber que a poesia nos salvaria do tédio, do ócio, do comum, da serventia, das torturantes

burocracias. A eleição da poesia salvou-nos dos encargos comuns do dia-a-dia. Lêda, tua querida companheira, e seus filhos sabiam quanto custava ao poeta as gentis rosas miúdas do convívio que enriquecias com teus gestos, tuas fugas, sempre generoso com os amigos. É difícil nascer com o destino de poeta e viver entre os demais, em harmonia com as aparências, com a certeza dos justos e a grandeza dos eleitos. Mas, se isto não bastasse, completavas os dias com projetos, viagens, leitura, cinema, versos e mais versos. Todas as formas permitidas que sopravam no coração do poeta em qualquer parte, Paris ou Madri, Currais Novos ou Búzios, quando a hora abissal, aquela que retiravas dos espelhos visitados em companhia de Neruda, nas odes noturnas do poeta. A poesia deve ter nascido prematura, no menino azul do velocípede, ou veio a ti predestinação dos deuses. O poeta não finge ser poeta, é poeta. Sente-se no ar, algo inefável, energia quântica: palavra, o sal bíblico amargava o sangue que percorria o continente do teu corpo, mas ascende nas traduções: Rimbaud, Verlaine, os latinos-americanos nas traduções bem intencionadas, intertextualizadas, recriadas com tal cuidado e respeito, vivias a contextura do desfecho. Creio que em algumas melhor que o próprio poeta, que as fez. Mas, isto são exercícios do poeta, nada se compara à sua poesia na primeira pessoa, quando diz:

*“excluo a solidão como bem  
que se transmita a alguém”*

E esta tua necessidade dos amigos, da convivência; oh! que festa em véspera da partida, em teu aniversário. Assim, como Drummond, os amigos te fariam! Encontro no bar ou no terraço de algum jardim, celebrar-te-iam uma nova data. Diógenes, em verso e prosa e rosas que não existem, ofertaria em gestos largos de poesia. Nei encomendaria um poema para a amada, numa nova hipótese de amor extraída da “casada infiel”, de Lorca, tua última tradução.

E vão chegando mais os amigos: Sanderson saúda-te irmão na canção da madrugada que nasce de repente. E são tantos, unânimes nesta hora, na qual evitas o duelo das palavras, basta o coração para festejar; mas, o coração já não suporta tanta alegria, e se doa aos amigos, “fruto maduro” rompido pelos fios

invisíveis; “barco descendo os rios impassíveis”, de Rimbaud. Para falar de ti, crepuscular pierrô, deslizaste para a morte diante da porta que não abre e o desencontro da chave. Eliot sabia que atrás da porta encontramos a resposta. Será verdade? Ó surdo baque, ó cavo som do corpo que desaba de todos os céus da poesia. Ó triste resposta do chão, mas, é para o alto que os pássaros levantam o teu corpo sem a pauta das notas, nas asas azuis, sem “ponto de fuga”, asas que te levam para outra imprevisível eternidade.

(Excerto do discurso pronunciado em sessão solene da ANL)

---

\* Artista plástico, poeta e escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# NEWTON NAVARRO – Um Esboço Biográfico

Manoel Onofre Jr\*

Nasceu em Natal (e não em Angicos, como consta do Dicionário Brasileiro de Artistas Plásticos – INL e do Dicionário das Artes Plásticas no Brasil, de Roberto Pontual) a 8 de outubro de 1928.

Do sertão angicano, o seu pai, Elpídio Soares Bilro, que veio para Natal e aqui casou-se com D. Celina Navarro. Algum tempo depois, tiveram o primeiro filho, a quem deram o nome de Newton Navarro Bilro. Moravam, então, numa casa da Av. Rio Branco, esquina com a atual Rua Gal. Osório, Cidade Alta. Newton é assim, xaria da gema.<sup>1</sup>

Seu Elpídio, homem simples, sertanejo fibra longa, era classificador de algodão, ofício que aprendera na algodoeira S. Miguel, *fazenda dos ingleses*, situada no Município de Angicos. Mas, artesão amador, Seu Elpídio tinha como hobby a marcenaria, e certa vez, quando o filho, inconsolável, perdeu um passarinho de estimação, fez-lhe outro de madeira, igualzinho. “Minha alegria foi imensa e, na minha pureza eu quis que ele voasse, tão bonito havia ficado”(N.N. – Depoimento in *Newton Navarro; o Artista e sua Obra*, de Marlene Gouveia Galvão)<sup>2</sup>.

A mãe, D. Celina, era professora primária. Newton costumava pedir-lhe pedaços de giz colorido, da Escola onde ela ensinava, e com o giz passava horas e horas fazendo desenhos na calçada da casa onde morava, na Av Alexandrino de Alencar.

“Eram borboletas, eram pássaros, era o Cristo...”<sup>3</sup>

D. Celina, numa entrevista concedida aos repórteres Vicente Serejo e Jorge Batista, em 1974, lembra que Newton era um menino calmo, nada travesso. Só depois que cresceu foi que ficou impossível (O Poti, módulo III, Natal). O que gostava muito era de fazer discursos para os companheiros, entre estes os primos Grimaldi e Moacir<sup>4</sup>. Ele improvisava uma *tribuna* no meio da rua, e tome verbo. Sua avó vivia dizendo: “Esse menino será um grande orador”.

Fez o curso primário e parte do secundário no Colégio Santo Antônio, ainda no velho prédio da Rua Santo Antônio (atual convento franciscano), terminando-o no Atheneu Norte-riograndense, que então ficava na Rua Junqueira Aires, prédio hoje ocupado pela Secretaria de Finanças do Município de Natal.

Seus pais induziram-no a seguir a carreira jurídica. Dava *status* ter um filho bacharel. Newton foi para o Recife, certo de ingressar na tradicional Faculdade de Direito. Consta que, lá chegando, as matrículas estavam encerradas. Começou, então, a freqüentar o curso livre de desenho da Escola de Belas Artes do Recife, ministrado por Lula Cardoso Ayres. Logo torna-se amigo do mestre, mais velho do que ele 25 anos. E aí se esquece do Direito, abraça a sua verdadeira vocação: as artes plásticas. Sua convivência com os outros artistas em início de carreira, tais como Aloísio Magalhães, Reinaldo Fonseca, Abelardo Rodrigues, Ladjane Bandeira e Hélio Feijó, muito contribuiu, certamente, para que ele viesse a tornar-se um senhor pintor e desenhista. Ao mesmo tempo, outros amigos – Mauro Mota, Carlos Pena Filho, José Gonçalves de Medeiros – estes, como aqueles, companheiros das noitadas de boemia, atraíram-no para a literatura. Um jovem pintor, Cícero Dias, vindo de Paris, onde era Adido Cultural da Embaixada do Brasil, trouxe uns quadros abstracionistas que causaram sensação.

Em 1948, Newton Navarro debutou, por assim dizer, expondo no I Salão de Arte Moderna do Recife. Neste mesmo ano, voltou a morar em Natal e aqui realizou sua primeira exposição individual, por muitos considerada o marco zero da Arte Moderna no Rio Grande do Norte. Esse evento, que escandalizou a província, teve lugar a 31 de dezembro daquele ano, na antiga Sorveteria Cruzeiro. Compunham a mostra numerosos desenhos – bico de pena, carvão –, aquarelas e óleos.

Um ano após, dois jovens artistas, imbuídos dos mesmos ideais – Dorian Gray e Ivon Rodrigues – juntaram-se a Newton e promoveram a I Exposição Coletiva de Arte Moderna, na antiga sede da LBA, av. Rio Branco, Natal. Rebulição no meio artístico, então, diga-se a verdade, bastante acanhado. Alguns pintores acadêmicos ficaram indignados. Mas, não faltaram palavras de estímulo aos arautos da nova arte. Veríssimo de Melo, em sua coluna de “A República”, acolheu-os com simpatia.



Irrequieto, nômade, parecendo ter sangue cigano, Newton não demorou a voltar ao Recife, onde teve oportunidade de participar, com três quadros, do II Salão de Arte Moderna.

Depois, foi para o Rio de Janeiro. Na capital cultural do País, freqüentou o curso particular do mestre Goeldi, na antiga Escolinha de Arte do Brasil, e integrou-se nos círculos literários, tendo feito amizade com Carlos Cavalcanti, Homero Homem, seu conterrâneo, e outros escritores e artistas.

Mas, o Rio, com todo o seu charme, não o prenderia por muito tempo. Natal, a cidade amada, chamava-o de volta. E veio para ficar. Daqui só sairia em viagens de lazer ou de estudo, exceto uma vez, em que se demorou alguns meses em Porto Alegre.

## O ESCRITOR

Múltiplo e fecundo, Newton Navarro cultivou diversos gêneros literários: conto, novela, crônica e poesia. Desconheço ensaio de sua autoria. No exercício da Palavra, sempre foi, antes de tudo, um artista. Pena que, em sendo um tanto dispersivo, não tenha produzido muito. Mas, o que fez é de primeira qualidade.

Distingue-se, sobretudo, como contista. Seu primeiro livro de contos, *O Solitário Vento do Verão* (Natal, 1961) já mostra qualidades apreciáveis, mas é com o segundo deste gênero – *Os Mortos São Estrangeiros* (Fundação José Augusto, Natal, 1970) – que se afirma, sem dúvida, Mestre com M maiúsculo. Dotado de rara elegância estilística, sua prosa revela um descritivo rico de valores plásticos e cromáticos, denunciando a presença do artista plástico. Também se surpreende nela uma certa eloquência, todavia não comprometedora.

Tematicamente voltado para a nossa terra (o sertão do seu pai, que conhecia bem, e a cidade natal), não raro usa motivos folclóricos na construção de histórias plenas de densa poesia.

Dois contos – *Os Patos e Os Cavalos* – são antológicos, sem favor. O primeiro consta de *Contistas Norte-rio-grandenses*, de Nei Leandro de Castro (Departamento Estadual de Imprensa – RN – Natal, 1966) e o segundo, de *Os Potiguares – I – Contistas*, de Manoel Onofre Jr. (Nossa Editora, Natal, 1987).

*De Como se Perdeu o Gajeiro Curió* (Clima Editora, Natal, 1978), breve novela (ou conto extenso?), faz-me lembrar *Os Trabalhadores do Mar*, de Victor Hugo. Já tive oportunidade de dizer isto em *Salvados* (FJA, Natal, 1982). Com efeito, há afinidades entre os dois livros, não apenas pela temática desenvolvida, mas, também, pelo caráter romântico da prosa.

Curió, uma das grandes criaturas navarrianas, é um herói nos moldes de Gilliatt. A pequena/grande odisséia do pescador do Areal, assim como a obra-prima de Victor Hugo, quase constitui-se num longo poema em prosa. Em tais comparações, entretanto, convém guardar as devidas proporções.

Aspecto importante, a construção psicológica dos personagens parece-me aqui um tanto, digamos, **ingênuo**. Mas, isto não terá sido proposital, para acentuar a simplicidade dessa história de gente simples?

Um outro aspecto a ressaltar: como pano de fundo à ação romanesca, surge a cidade do Natal, revelada com grande autenticidade, em alguns dos seus traços mais característicos.

*Beira Rio* (Departamento Estadual de Imprensa – RN – Natal, 1970) é obra de difícil classificação, como gênero. Conto? Crônica? Anotações-quase narrativas, segundo o autor. Na verdade, trata-se de um misto de crônica e novela. Tema fascinante: o Potengi – “*sua água, seu leito, suas margens, seus barcos e navios, seus mistérios*”- e uma gente simples que vive o rio. Gente só, não. Bichos, também. E dentre estes, a cachorra Aparecida, outra grande criatura de Navarro, que me lembra a Baleia, de Graciliano Ramos.

Dois livros de crônicas enfeixam pequena parte da abundante produção do autor, neste gênero, que explora com maestria. São eles: *30 Crônicas Não Selecionadas* (Departamento Estadual de Imprensa –RN, Natal, sem data)<sup>5</sup> e *Do Outro Lado do Rio, Entre os Morros* (Natal – sem indicação de editora, nem data). O primeiro contém notas de viagem (Paris, Lisboa, Porto, Madrid), fatos do cotidiano, mulheres, Manuel Bandeira, Marilyn Monroe, mar e vento... É provável que o autor tenha aproveitado, neste volume, algumas crônicas do seu anunciado *Livro do Sol*, que desistiu de publicar.<sup>6</sup>

*Do Outro Lado do Rio, Entre os Morros* é uma declaração de amor à Redinha. Abre o livro uma crônica, verdadeiramente antológica, que descreve a travessia do Potengi, rumo àquela praia. A visão não é apenas do escritor, mas também do artista plástico.

No cais Tavares de Lyra ele sente “*um misterioso chamamento, que vem das bandas de lá*”.

Percebe-se que tem a Redinha ligada a alguns dos melhores momentos de sua vida. Seu livro ganha sabor memorial, repassado de nostalgia. Lembra o tempo de infância vivido ali; revive cenas da juventude buliçosa, docemente irresponsável, que fazia dos veraneios uma festa. E lamenta: “... *a Redinha perdeu muito da sua feição antiga*”. No final uma galeria dos seus tipos inesquecíveis, inclusive o amigo José Aguinaldo de Barros, poeta e boêmio legendário, a quem o livro é dedicado.

Ainda nos domínios da prosa, o livreto *Natal Colorida*, roteiro turístico e cultural, texto de Newton Navarro, fotos de Francisco Amêndola. Versão para o inglês do Prof. Dalton Melo de Andrade (Gráficos Brunner Ltda, São Paulo, sem data).

Na poesia, Newton Navarro não se realiza tão bem quanto no Conto. Mas é, quase sempre, bom. Publicou dois livros do gênero: *ABC do Cantador Clarimundo* (Fundação José Augusto, Natal, sem data), à maneira de cordel e com influência de Garcia Lorca – Prêmio Câmara Cascudo/1964 – e *Subúrbio do Silêncio* (Departamento de Imprensa-RN, Natal, 1953), do qual Rômulo Wanderley selecionou o poema *As Roupas* para a sua antologia *Panorama da Poesia Norte-rio-grandense* (Edições do Val, Rio/Governo do Estado do Rio Grande do Norte, 1965).

Outra faceta, aliás pouco conhecida: dramaturgo, revelando profunda religiosidade, escreveu *Onde Começa a Cruz e Via Sacra*. Fez adaptações, para o teatro, de *Um Jardim Chamado Getsêmani* e *O Muro*, de Jean Paul Sartre. É autor, também, do show *Hoje tem Poesia*.

Como jornalista, colaborou n’ *A República*, no *Diário de Natal* e na *Tribuna do Norte*. Seu colega de jornal, Veríssimo de Melo, dá um depoimento, no discurso de saudação, que lhe fez, por ocasião de sua posse na Academia Norte-rio-grandense de

Letras. Ambos assinavam colunas diárias, comentando fatos e livros, “*bolando coisas quando faltava assunto*”. Diz Veríssimo:

*“Vez por outra, eu e Navarro nos xingávamos cordialmente, que era para o outro responder no dia seguinte. Escrevendo no mesmo jornal, até crônica a quatro mãos fizemos juntos. E cometemos um folhetim, à maneira de Eça e Ramalho Ortigão – um romance de capa e espada, complicadíssimo, porque o bom era deixar situação intrincada para o outro desvendar e prosseguir a trama do romance”<sup>7</sup>.*

Orador, Newton Navarro também foi e dos melhores do seu tempo. Como tal, pontificou em eventos culturais, como, por exemplo, lançamentos de livros, e participou de comícios em campanhas políticas memoráveis. Nunca, porém, disputou cargo eletivo.

## O ARTISTA PLÁSTICO

Mais do que escritor, Newton é artista plástico. Segundo Iaperi Araújo, o maior de todos, no Rio Grande do Norte. Ele e Dorian Gray são vigas mestras (vá lá a expressão) da Arte Moderna do Estado. Sem dúvidas, é o melhor dos nossos desenhistas. Domina a técnica da pintura a óleo e da aquarela, mas não produziu muito, nestas modalidades. Menos ainda na gravura: deixou duas, apenas. Painéis seus encontram-se em vários prédios de Natal: CEFET, Edifício do SENAC, América Futebol Clube, Edifício do SESC, Hospital dos Pescadores e Balneário do SESC.

*“Ele não se situa em nenhuma Escola de Pintura. Vincula-se a um grafismo pleno, permanente”* (Profa. Marlene Gouveia Galvão)<sup>8</sup>.

Sua carreira divide-se em três fases distintas: a) A primeira, dos tempos iniciais, ainda no Recife, sob a influência de pintores recifenses, especialmente Cícero Dias; b) a segunda fase, *“caracterizada pelo telúrico, pela busca das coisas do povo, do chão, numa tentativa de se libertar da influência de Cícero Dias, mas, sensivelmente, preso à pintura de Lula Cardoso Ayres, seu mestre”*; c) a terceira fase: *“Hoje, a minha criatividade limpa, onde*

*eu uso o pescador, a rendeira, o vaqueiro, os santos, o Cristo... que eu tentava reproduzir, desde os 5 anos, na calçada alta da minha casa.*"<sup>9</sup>

Sua temática é o Nordeste. *"Mesmo quando pinto Don Quixote eu o ponho vestido de vaqueiro, com traços característicos do homem nordestino"*<sup>10</sup>

Muito o influenciou, para a escolha dessa temática telúrica, o folclorista e etnógrafo Câmara Cascudo, de quem era amigo pessoal e grande admirador.

A seguir, uma relação das suas exposições individuais e das coletivas de que participou. (Dados, em grande parte, obtidos com o auxílio da viúva do artista, D. Salete Navarro, a quem, neste ensejo, externo os meus agradecimentos).

## EM NATAL

### Individuais:

- 1) Desenho e pintura (nanquim, bico de pena, carvão, aquarela e óleo sobre papelão). Sorveteria Cruzeiro, 31 de dezembro de 1948.
- 2) Marinhas – Loja Maçônica 21 de março
- 3) Livraria M-Boi Tatá (*"Sobre esta exposição Newton guarda a lembrança de um fato que ele considera engraçado: na abertura, a bebedeira foi tão grande que todos os quadros foram roubados"* – Gerson Luiz – *Reportagem n' A República, Natal, 04 de agosto de 1974*).
- 4) *Saguão da sede social do ABC Futebol Clube ("Sou americano, mas fiz essa concessão ao alvinegro"* - N.N. – rep. cit.)
- 5) Teatro Alberto Maranhão. Promoção da Diretoria de Documentação e Cultura da SMEC, Prefeitura Municipal de Natal, 1961.

- 6) Villaflor Galeria de Arte (A Villaflor, de propriedade do poeta e escritor Augusto Severo Neto, era ponto de encontro de artistas e intelectuais).
- 7) Temas da Bahia – Desenhos – Palácio Potengi, 1964.
- 8) Museu de História do Estado (Sobradinho), atual Museu Café Filho – junho/1968.
- 9) Galeria da Biblioteca Pública Câmara Cascudo – FJA, 05 de novembro de 1969.
- 10) *“São Francisco, o Mendigo de Deus”* - Associação Cristã Feminina, 02 de dezembro de 1972.
- 11) *“25 Anos de Pintura”* – Promoção do Governo do Estado, 08 de dezembro de 1974.
- 12) Desenhos – Promoção do Governo do Estado / UFRN – Palácio Potengi, 18 de outubro de 1978.
- 13) 20 Marinhas – Iate Clube, junho / 1979.
- 14) Desenhos – Galeria da Biblioteca Pública Câmara Cascudo / FJA, 1979.
- 15) Galeria da Biblioteca Pública Câmara Cascudo / FJA, 17 de dezembro de 1980.
- 16) Salão Nobre do Palácio Potengi, 1981.
- 17) Homenagem ao 1º Centenário de Picasso – Cópias de desenhos e montagens – Galeria Xamanana, 08 de dezembro de 1981.
- 18) Galeria da Biblioteca Pública Câmara Cascudo / FJA – Homenagem ao Governador eleito, José Agripino – 17 de dezembro de 1982.
- 19) Desenhos – Galeria da Biblioteca Pública Câmara Cascudo/FJA, 1987.
- 20) Desenhos - Galeria da Biblioteca Pública Câmara Cascudo/FJA, 06 de maio de 1988.
- 21) Desenho e pintura – Escola Doméstica, 1988.
- 22) 2º aniversário de falecimento – Salão Paroquial do Convento Santo Antônio, 18 de março de 1993.

### **Coletivas:**

- 1) 1ª Coletiva de Arte Moderna – Salão da Antiga sede da Legião Brasileira de Assistência, à Av. Rio Branco, 1950.

- 2) Galeria de Arte da Prefeitura Municipal de Natal (Ficava na Pça. André de Albuquerque; foi demolida) – Coletivas (I,II,III).
- 3) Arte Popular do Rio Grande do Norte – Pintores do Nordeste – janeiro/1965.
- 4) Feira de Arte Potiguar – Promoção da Fundação José Augusto.
- 5) Salão de Arte Moderna – SESC
- 6) Séde da Aliança Francesa
- 7) 12 Pintores do Rio Grande do Norte – Galeria da Biblioteca Pública Câmara Cascudo/FJA, 02 de maio de 1986.

## FORA DE NATAL

### Individuais:

- 1) Desenhos – Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, Recife, 1958.
- 2) Teatro Santa Isabel, tendo como madrinha a atriz Cacilda Becker, Recife.
- 3) Clube dos Arquitetos de Pernambuco (Apresentação do Poeta Carlos Pena Filho) – Recife.
- 4) Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura Municipal, Recife.
- 5) Umbu Hotel, Porto Alegre (Com a presença do escritor Érico Veríssimo, que foi presenteado com um quadro, *Brigas de Galo* – V. reportagem. cit.)
- 6) Biblioteca Nacional do Exército, Rio de Janeiro.
- 7) Mostra informal promovida pelo Secretário da Embaixada brasileira em Portugal, Fernando Abbot Galvão – Lisboa, 1966.
- 8) Galeria Nega Nega Fulô, Recife, 16 de outubro de 1970 (Inaugurada pelo sociólogo Gilberto Freyre, com a presença de Ariano Suassuna, Abelardo Rodrigues e Mauro Mota).

- 9) Hotel Nacional – Promoção do senador Jessé Freire e da Confederação Nacional do Comércio – Brasília, 23 de novembro de 1971.
- 10) Promoção do Rotary Clube, Mossoró.
- 11) Galeria Rodrigo M.F. de Andrade – FUNARTE, Rio de Janeiro, 12 de junho de 1980.
- 12) Galeria Augusto Rodrigues, Recife, 05 de maio de 1981.
- 13) *Folclore e Futebol* – Arquivo do Estado de São Paulo – São Paulo, 22 de junho de 1982.
- 14) *Nordestero* – Museu de Arte Contemporânea – Olinda, 1984.

### **Coletivas:**

- 1) I Salão de Arte Moderna, Recife, 1948.
- 2) II Salão de Arte Moderna, Recife.
- 3) Artistas Nordestinos – Salvador (Na Bahia conheceu Pancetti, de quem ficou amigo, dele recebendo influências em sua arte).
- 4) Artistas Sul-americanos – Paris, França.
- 5) Arte Potiguar nos Salões do BID – Washington, EUA, 23 de outubro a 13 de novembro de 1973.
- 6) Mestres Contemporâneos – Rodrigue's Galeria de Arte, Recife, 05 de junho de 1981.
- 7) 1ª Mostra de Artistas Plásticos Nordestinos – Galeria Metropolitana de Arte Aloísio Magalhães, Recife.
- 8) Pintores Norte-rio-grandenses – Feira da Providência – Centro Cultural do Brasil, Academia Brasileira de Letras – Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1987.

*OBS: As datas são as de abertura das mostras.*

### **Álbuns publicados:**

- *Natal em Preto e Branco* – Desenhos – Sem data.
- *Navarro* – Desenhos de 1966, com poemas de Dailor Varela, Luís Carlos Guimarães, Nei Leandro de Castro, Augusto Severo Neto e Otoniel Meneses.



- *Gravura* – Obra coletiva – C/ Dorian Gray, Carlos José, Leopoldo Nelson, Manxa, Irani, Zeneide, Iaperi e Thomé – sem data.
- *Boi Calemba* – Desenhos de 1968.
- *Futebol* - Desenhos de 1968.
- *Futebol* – Desenhos de 1970 (Continua a temática).
- *Lance e Arrastão* – Motivos da praia de Ponta Negra – Desenhos de 1987.
- *Palhaço* – Obra póstuma – Desenhos de 1984 – Texto de Celso da Silveira – Boágua Editora, Natal, 1992.

Em homenagem ao artista, a Fundação José Augusto criou prêmio de pintura com o seu nome.

## O PROFESSOR

Newton Navarro é tido e havido como autodidata. Na verdade, fez o Ginásial e o Científico (atual 2<sup>ª</sup> Grau) e, tendo desistido de cursar Direito, frequentou diversos cursos de Arte, que, de certa forma, supriram a falta de instrução superior convencional.<sup>11</sup>

Sem formação pedagógica, era um professor inato. Ainda jovem, ensinou Desenho no Atheneu Norte-rio-grandense, por algum tempo. Já na maturidade, ministrou dois cursos de extensão universitária (UFRN): *Arte da Pintura, História e Interpretação*, começado a 21 de setembro de 1971, e outro sobre a Semana de Arte Moderna, com início em 15 de março de 1972. Ainda na UFRN – *Tentativa Quase Elementar de Interpretação da Obra de Picasso* (12 de maio de 1975).

Em 1961, teve a idéia de fundar uma escola de arte, para crianças, nos moldes da Escolinha de Arte do Brasil, dirigida por Augusto Rodrigues, no Rio de Janeiro. Com o apoio do então Governador do Estado, Aluizio Alves, organizou a sonhada escola, que denominou *Cândido Portinari*, tendo sido o seu primeiro diretor.

Inicialmente vinculada ao Gabinete Civil do Governo do Estado, a Escolinha tornou-se, depois, órgão da Fundação José Augusto. Após a morte do seu fundador, passou a denominar-se Newton Navarro.

Essa Escolinha teve significado especial para Newton, pois foi lá que conheceu e começou a namorar a Professora Maria Salete de Souza, sua grande admiradora, com quem se casou, a 10 de janeiro de 1980.<sup>12</sup>

## O ANDARILHO

Vivendo de sua arte, na província, tinha de ser pobre.

Ocupou cargo público (Assessor Cultural, Fundação José Augusto), cujo salário não bastava para prover a sua subsistência. No tempo de Djalma Maranhão, prestou serviços à Diretoria de Documentação e Cultura, órgão da Prefeitura Municipal de Natal.

Todavia, com o pouco que ganhava, sempre manteve um padrão de vida digno. Pôde, inclusive, viajar ao exterior, várias vezes. Imagino o quanto economizou, para tanto.

Em 1951, visitou Buenos Aires, onde, segundo Veríssimo de Melo, teve o primeiro contacto direto com a obra de grandes mestres da pintura moderna, exposta em museus da metrópole.<sup>13</sup>

Conhece Paris em 1965, tendo participado de coletiva, em que vendeu quatro dos oito trabalhos expostos, de sua autoria. No ano seguinte, voltou ao Velho Mundo, desta vez expondo em Lisboa, sob os auspícios da embaixada brasileira. Encantou-se com as cidades por onde passou – Madri e Porto, afora as referidas. Leia-se as suas impressões de viagem (*30 Crônicas Não Selecionadas, págs. 9 a 37*).

Em 1973, viajou a Washington, a convite do Banco Interamericano de Desenvolvimento, para participar da mostra *Arte Potiguar nos Salões do BID*, juntamente com Dorian Gray e Iraken Marques. Expôs 20 *panneaux* e desenhos.

Consta que esteve em Caracas. Infelizmente, não consegui confirmar a informação.

## O BOÊMIO

Ser boêmio é uma arte – já disse, *ex cathedra*, o escritor e poeta Celso da Silveira. Se assim é, pode-se dizer que Newton Navarro foi, também, neste particular, um grande artista. Ficaram famosas as suas jornadas etílicas, pela noite de Natal, em

companhia de outro grande artista: Albimar Marinho. O escritor Veríssimo de Melo que, vez por outra os acompanhava, sabe de histórias deliciosas.<sup>14</sup>

Na própria obra literária de Newton, encontram-se reflexos da sua vida boêmia. Veja-se *Beira-Rio, Do Outro Lado do Rio, Entre Os Morros*, etc.

Tomando umas e outras, ele se tornava mais carlitiano do que nunca. Às vezes, nestas circunstâncias, ficava impossível, que nem menino grande. Irreverente, cáustico, não tinha papas na língua. Mas, se, por acaso, feria alguém, não tardava a pedir-lhe desculpas. Com humildade.

Numa dessas noites de boemia, estando no bar do late Clube de Natal, encontrou-se, casualmente, com ninguém menos que John dos Passos. O célebre escritor norte-americano estava em visita a Natal (1962). No seu livro *Brazil on the Move* (Sidgwick and Jackson Ltd., 1963) registra o encontro. Newton causou-lhe viva impressão. *“Falando, gesticulando, argumentando, parece não ser uma mas três ou quatro pessoas juntas. A impressão que me dá é de uma multidão”*. Admira-se do conhecimento que Newton revela ter da Literatura norte-americana.

Câmara Cascudo, grande amigo, companheiro de mesa da Confeitaria Delfícia, dá depoimento sobre outro momento da vida do boêmio:

*“Newton também é capaz de acordar você às sete horas da manhã com uma serenata, como fez comigo, há uns anos atrás, na Junqueira Aires.<sup>15</sup> O bonde passando, levando pessoas para o trabalho e esse bandido e um amigo à minha porta. Mas eu já o perdoei”*.<sup>16</sup>

## MORTE

Algum tempo antes de morrer, Newton disse-me estar revisando um conto inédito, de sua autoria – *O Chapéu de Espelhos* –, em que fazia muita fé. Ele não disse, mas deixou entrever que seria a sua obra-prima. Pretendia enfeixá-lo em livro, com outros contos inéditos.

Aos 62 anos, estava em plena forma... intelectual. Fervilhando de idéias, planos. A morte fez estancar essa torrente criativa. Levou-o no dia 18 de março de 1991.

## NOTAS

<sup>1</sup> Até o começo do século XX, havia grande rivalidade entre os moradores da Cidade Alta e os da Ribeira, chamados, respectivamente, *xarias e canguleiros* (V. *Xarias e Canguleiros*, de Veríssimo de Melo – Imprensa Universitária – UFRN, Natal, 1968, págs. 11-18).

<sup>2</sup> Coleção Textos Acadêmicos, nº 73, UFRN, Natal, 1982, pág. 11

<sup>3</sup> Ob. cit., pág. 11.

<sup>4</sup> Grimaldi Ribeiro de Paiva, figura de projeção na vida pública do Rio Grande do Norte, já falecido. – Moacir de Góes, educador, autor dos livros *De Pé no Chão Também se Aprende a Ler* – 1961/1964 – *Uma Escola Democrática, Sem paisagem* – *Memórias da Prisão e Entre o Rio e o Mar*.

<sup>5</sup> Segundo Veríssimo de Melo, é de 1969. V. *Patronos e Acadêmicos*, vol. II – Editora Pongetti, Rio, 1974, pág. 344.

<sup>6</sup> Transcrevo da coluna *Literatura e Vida Literária*, que mantive no jornal *A Ordem*, de Natal, a seguinte nota:

“*Recém-chegado da Europa, Newton Navarro informa-nos a próxima publicação de dois livros seus: Livro do Sol, notas de viagem ao velho mundo, e A Estátua com Frio, contos selecionados*”.

Este último, também, não foi publicado.

<sup>7</sup> *Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras*, ano XX, nº 9, Natal, 1971, págs. 92 a 93.

<sup>8</sup> Ob. citada, pág. 28.

<sup>9</sup> Professora Marlene Gouveia Galvão, ob. cit., págs. 26 e 27.

<sup>10</sup> Newton Navarro – Depoimento prestado à professora Marlene Gouveia Galvão, ob. cit., pág. 16.

<sup>11</sup> Curso livre de desenho da Escola de Belas Artes do Recife, ministrado por Lula Cardoso Ayres; curso particular (gravura) com o mestre Goeldi, no Rio de Janeiro; curso de Arte (história e interpretação) – André Lothe, Rio de Janeiro; *Interpretação e História da Arte* – Carlos Cavalcanti; curso de interpretação artística – Clarival do Prado Valadares, Natal.

<sup>12</sup> Nesta data, o ato civil. No ano seguinte, a 22 de dezembro, o ato religioso.

<sup>13</sup> Saudação a Newton Navarro, por ocasião de sua posse na Academia Norte-rio-grandense de Letras, *Revista da ANL*, ano XX, nº 9, Natal, 1971, pág. 91.

<sup>14</sup> V. discurso de saudação, na ANL – *Revista da ANL*, ano XX, nº 9, Natal, 1971, pág. 91.

<sup>15</sup> Rua Junqueira Aires, 377, endereço residencial de Cascudo, durante longos anos

<sup>16</sup> Da reportagem sobre os 46 anos de N.N., n’A República, Natal, 1º de dezembro de 1974.

(De “Ficcionistas do Rio Grande do Norte”(UFRN, Natal, 1995). Texto revisto e ampliado)

---

\* Desembargador e escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

## NOS 80 ANOS DE VERÍSSIMO

*Vicente Serejo\**

Para ter o seu nome vivo, tal como ele manteve até os nomes dos artistas e poetas anônimos, há de reconhecer em Veríssimo de Melo o seu olhar treinado para o novo. Antes dele, como formadores de uma gênese da modernidade entre nós, são os olhares de Henrique Castriciano, Jaime Adour da Câmara e Câmara Cascudo. Do scholar que foi Henrique, à revelação de modernista que foi Adour, ao grande estudioso crítico de nossa produção literária que foi Cascudo com o seu pioneiro Alma Patrícia.

É bem verdade que Henrique foi grande demais para caber apenas numa citação circunstancial como esta. São suas as leituras fundadoras do nosso saber literário mais antigo, como são seus os textos fundadores mais importantes de nossa poesia e de nossa prosa. Homem do seu tempo, seu nome caminhava nas rodas literárias do Rio, figurava nas antologias mais importantes de sua época, e ainda hoje, sua cultura se forjava na Paris que ele vencia nas caminhadas ao longo dos buquinistas do Sena.

Mas Veríssimo, que veio mais tarde, e despontou no início dos anos cinquenta, Veríssimo tem singularidades que lhe asseguram a reserva de um lugar merecido na história cultural do Rio Grande do Norte e do Nordeste. E de todos os seus caminhos, e foram vários e múltiplos, numa pluralidade de ritmos e curiosidades, mas dois foram nacionalmente mais visíveis: sua preocupação com as manifestações da cultura popular e as experiências modernistas, antes e depois de 22, no âmbito da poesia nordestina.

Logo cedo, aliás, ainda em 1952, seus registros críticos em torno da poesia de Jorge Fernandes mereceram uma carta de Manuel Bandeira, aquela que terminaria, com autorização do poeta, sendo o prefácio do livro de estréia de Veríssimo no plano nacional – Dois Poetas do Nordeste, Rio, Ministério da Educação, 1964 – com o foco modernista sobre a poesia de Jorge Fernandes e Ascenso Ferreira, de quem se tornaria amigo e de quem publicaria, anos depois, uma bem humorada correspondência.

Em 1971, sete anos depois, é convidado pela direção da Biblioteca Pública da Paraíba para fazer uma conferência sobre a Contribuição do Nordeste ao Movimento Modernista, quando é saudado pelo crítico Virgínius da Gama e Melo. Ele que, em 1970, um ano antes, organizara a edição definitiva do Livro de Poemas de Jorge Fernandes, com introdução e notas e a transcrição da carta de Bandeira, 18 anos depois de chegar às suas mãos e quando o poeta já havia partido para sua doce Pasárgada.

Na cultura popular, Veríssimo não é menos importante para a nossa história cultural. Discípulo de Cascudo e participante, ao seu lado, da Sociedade Brasileira de Folclore, nascida de uma ousadia cascudiana, sua estréia pra valer acontece em 1948 com seu pequeno estudo sobre Adivinhas, primeiro título da Sociedade, impresso em Natal, mas com uma capa que singela e despojada nos traços modernistas, é assinada por Lula Cardoso Aires, o modernista de Recife que era amigo de Cascudo.

Depois vieram as Parlandas e, por fim, a precoce consagração que lhe garantiu o prêmio do Departamento de Cultura de São Paulo, em 1949, quando venceu um concurso que tinha na sua comissão julgadora três dos maiores nomes da crítica, da sociologia e da antropologia então nascentes no Brasil, no chão da austera Universidade de São Paulo, a USP: Gilda de Mello e Souza, Florestan Fernandes e Egon Schaden que assinam a nota editorial atestadora e anunciadora do mérito.

Autor de pequenas biografias de personagens de sua admiração pessoal, como Humboldt, Ortega y Gasset e Albert Einstein, entre outros, nem por isso se descuidou de desenhar o perfil das nossas figuras populares, como José Areia, Xico Santeiro, os cantadores de viola ou as mulheres artesãs das garrafas de areias coloridas de Tibau. Talvez, depois de Cascudo, tenha sido ele quem melhor compreendeu a importância da história do cotidiano como se conhecesse a nova história dos Annales.

---

Publicado originalmente na coluna Cena Urbana, Jornal de Hoje, de 13 de julho de 2001.

\* Jornalista, professor e escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# ANTÔNIO SOARES DE ARAÚJO FILHO

## Imortal - Professor - Amigo

*Enélio Lima Petrovich\**

Esta sessão de saudade revive e reverencia, na lembrança de todos nós – pobres e efêmeras criaturas humanas – sob o paradoxismo da imortalidade, a existência de alguém que, pertencendo aos quadros da Academia Norte-rio-grandense de Letras, soube, durante 8 décadas, rejubilar-se, sofrer, amar e até partir para a eternidade, com extrema resignação e confiança em Deus.

Referimo-nos a Antônio Soares de Araújo Filho, nascido a 16 de junho de 1914, do signo de Gêmeos, e que se encantou em 3 de agosto de 1996.

Sucedeu, nesta Casa da Cultura, outro Antônio – o acadêmico Antônio Antídio de Azevedo. Fora patrono de sua cadeira o poeta Gothardo Neto, tão moço falecido.

Advogado, professor universitário, nos ensinou Direito Judiciário Penal, nos velhos tempos da Faculdade de Direito – 1ª turma – outubro de 1959. Já se vão 39 anos...

Amigo na acepção do termo, fazia parte de nosso quase secular Instituto Histórico e Geográfico.

Por estas circunstâncias tão peculiares e gratificantes, afluiu o compromisso ora assumido, com o beneplácito dos ilustres pares e, nesta ocasião, o estímulo dos que, aqui presentes, vislumbrando as suas fisionomias cativantes, aplaudem as promoções da inteligência, na terra dadivosa, berço de Luís da Câmara Cascudo, *primus inter pares* da cultura potiguar, fundador e patrono deste cenáculo de letras.

Além de tudo – convenhamos – nenhuma data mais propícia do que a de hoje – 15 de outubro, para evocarmos a memória do professor Antônio Soares de Araújo Filho.

Sim, Dia do Professor – atentemos para esse fato – foi reconhecido e proclamado em toda a nação brasileira, graças ao entusiasmo e à palavra do saudoso jurista e historiador Nestor Lima, meu tio-avô, padrinho de batismo e de casamento, e presidente perpétuo do nosso Instituto Histórico e Geográfico,

que seguiu e fez repercutir a idéia do eminente pedagogo Raul Gomes, representante do Paraná, no VIII Congresso Brasileiro de Geografia – Vitória – Espírito Santo, em 1926, vinculando a efeméride às comemorações do 1º centenário do ensino primário no país, um ano após – 1927.

Nestor Lima, de igual modo, doador de sabedoria, continuará dignificando também este templo da Literatura. Ocupava a cadeira nº 9, tendo como patrono o abolicionista Almino Álvares Afonso. Hoje, condignamente, está o acadêmico, confrade e artista plástico Dorian Gray Caldas, que substituiu Peregrino Júnior, outro intelectual de nomeada, cujo centenário de seu nascimento transcorre este ano e que deverá ser festejado por esta Academia.

Entendemos, por isso, *an passant*, valerem estes registros emocionais e históricos, a fim de que não permaneçam no esquecimento eventos e pessoas de projeção e grandeza indiscutíveis.

Justiça, portanto, se faça, nesta hora saudosista e telúrica, aos nossos antepassados que valorizam sobremaneira o saber e as tradições altas e nobres desta potiguarânia, em dimensões nacionais.

Eis, conseqüentemente, à vista das normas acadêmicas, as razões que nos ensejaram reunir esta plêiade de amigos e admiradores de Antônio Soares de Araújo Filho, para, em torno de sua personalidade, dizer algo, como prova de nosso respeito e bem-querer.

Com um espírito aberto, compreensivo, perspicaz às vezes, de memória privilegiada, contador de histórias e estórias, conselheiro retilíneo, sempre estava apto a nos oferecer os eflúvios benfazejos de sua inteligência e de seu humanismo, infensos a quaisquer vaidades e gestos de prepotência.

E é ele próprio, na simplicidade de sua conduta, que nos transmitiu, a 8 de agosto de 1980, este depoimento, através do programa “Memória Viva” – TV Universitária, tendo sido entrevistado pelos seus amigos Alvamar Furtado de Mendonça, Hélio Galvão (acadêmicos), Tarcísio Gurgel e Ticiano Duarte (jornalistas).

Ouçamo-lo, pois:



“Meu nome é Antônio Soares de Araújo Filho, conhecido por professor Antônio Soares ou Dr. Antônio Soares, distinguindo-me assim do nome do meu pai, desembargador Antônio Soares, que nunca exerceu o magistério nem advocacia, nem eu exerci a magistratura.

O livro de versos “Lira de Poti” é do meu pai. Não fiz poesia parnasiana, nem lírica; apenas, no meu tempo de estudante, em jornais estudantis, fiz uma espécie de versos futuristas, mas assinava sempre sob o pseudônimo de Armindo Sampaio.

Nasci em Natal, na rua Cel. Estêvam, na casa bem em frente ao portão principal do cemitério do Alecrim. A recordação mais antiga que tenho é de maio de 1919. No mês seguinte completaria cinco anos de idade. Refiro-me ao eclipse do Sol, ocorrido, parece-me a 18 ou 19 de maio de 1919, quando foi constatada e demonstrada a Teoria da Relatividade de Einstein. Lembro-me bem do fenômeno, porque recordei meu pai quebrando vidros e esfumaçando, para que nós apreciássemos o fenômeno, e meu irmão Oto me fazendo medo, dizendo que o mundo ia se acabar”.

E prossegue o inesquecível acadêmico, recordando, até, uma ocorrência curiosa e original:

“Aos oito anos, participei de um acampamento de escoteiros (eu era aspirante a escoteiro do Alecrim) na Praça Pio X, em comemoração ao centenário da Independência. Na ocasião, estava presente, integrando a delegação de escoteiros de Serra Negra, com dezenove anos de idade, o senador Dinarte Mariz.

Em 1926, meu pai foi nomeado desembargador, e passou a receber gratuitamente assinaturas de diversos jornais do Sul (Rio, São Paulo e Recife) e desta forma, desde os doze anos lia todos aqueles jornais e estava em dia com o noticiário mundial. Acompanhei o processo de Sacco e Vanzetti; lembro-me do vôo de Charles Lindenberg. Esse, ainda hoje, recordei com emoção, porque para mim o vôo da chamada “Águia Solitária” foi a maior prova de audácia do século, superior mesmo à

chegada do homem à Lua, cheio de aparelhos sofisticados e controlado da terra pela NASA; Charles Lindenberg voou de New York ao aeródromo de Le Bourget, na França, sem rádio, sem qualquer aparelho de orientação, sozinho, aproveitando todo o espaço para poder encher o tanque de gasolina (conta-se até que ele não levou nem escova de dentes, para aproveitar o peso da mesma). Para mim é o maior feito de audácia do século.

Depois, através dos jornais, acompanhei a viagem do presidente eleito dos Estados Unidos, Herbert Hoover, que chegou ao Rio de Janeiro em dezembro de 1928. Então, sabendo que ele passaria ao largo de Natal (viajava num cruzador, Utah), comecei a imitar a assinatura do presidente eleito dos Estados Unidos, cujo fac-símile saía nos jornais do Rio. Quando me senti habilitado, recortei a parte superior de uma folha de papel almaço e escrevi: "Good year. Herbert Hoover". Por aí se vê logo que a coisa não estava certa. Nenhum americano diz "good year", diz "Happy new year", sobretudo um homem da categoria de Hoover. Mas, vamos adiante. Quando aprendi a imitar a assinatura do homem e escrevi no papel, coloquei dentro de um frasquinho branco e fui para a beira da praia. Lá, vejo o meu primo Tarcísio Medeiros, criança, correndo à beira-mar. Quando chegou mais ou menos na posição estratégica, joguei o vidro à beira-mar. Ele esbarrou em cima e gritou:

– Uma mensagem!

Apanhou o frasco e saiu correndo para a casa do meu tio, o professor Luís Soares. Mergulhei no oceano, rindo à vontade, sem condições de voltar para casa. Quando voltei, estava o escarcéu feito: meu tio já tinha mandado uma notícia para a "A República" e o jornal publicou, no dia 25 de janeiro de 1929, na página dois, com o título "Uma saudação do presidente Herbert Hoover". A notícia dizia o seguinte: "Em um dos últimos dias de dezembro, passou à vista desta cidade, o encouraçado Utah, a cujo bordo viajava o presidente eleito dos Estados Unidos, senhor Herbert Hoover. Na tarde de anteontem, na praia da Redinha, foi encontrado pelo menino Tarcísio Medeiros, um frasco dentro do qual se

achava um cartão do eminente viajante, com os seguintes dizeres: "Good year. Herbert Hoover". O cartão ficou em poder do professor Luís Soares, Diretor da Associação dos Escoteiros do Alecrim, e vai figurar no museu dessa agremiação. Acrescento que alguns exemplares de "A República" foram remetidos para a "Casa Branca" em Washington, e não me consta qualquer repercussão maior sobre o assunto".

Ainda explicita o professor Antônio Soares de Araújo Filho:

"Com a Revolução de 30 e o começo da ditadura, a mocidade ficou em disponibilidade política. Uns penderam para a Direita, outros penderam para a Esquerda. Para a Esquerda eu não podia ir, minha formação religiosa não permitia. Então pendi para a Direita. Em 1933 ingressei na Ação Integralista Brasileira. Fui integralista e disso não me arrependo, porque foi no Integralismo que aprendi a amar melhor minha Pátria. Mas quero contar um fato curioso desse 1933. Chegou, aqui, numa caravana integralista, o padre Helder Câmara, hoje Arcebispo de Olinda e Recife, e pedi um autógrafo para a minha coleção. Ele assinou: "Padre Helder Câmara, sacerdote camisa verde". Quer dizer, hoje o acusam de esquerdista, mas eu o conheci como da Direita.

Depois rebentou a guerra. Muita gente torcendo pela Alemanha. Fui fichado na Polícia como italianófilo, porque minha admiração, realmente era pela Itália. Apreciava Mussolini. Tinha minhas restrições, como por exemplo, a educação dos balilas. Fiquei ao lado de Pio XII, claro, mas admirava Mussolini, o criador de uma idéia nova. O homem que deu tranqüilidade à Itália, que vivia sob guerrilhas; assinou o Tratado de Latrão com a Santa Sé, libertando o Papa de uma prisão de mais de setenta anos; transformou pântanos em terras aráveis. Apreciava o Duce, com todas as minhas restrições, e, por isso fui fichado como italianófilo. Mas, desses ditadores europeus minha simpatia maior foi sempre por Oliveira Salazar, que restaurou a ordem e as finanças de Portugal".

Muitas foram, como se vê, as áreas de presença e atuação de Antônio Soares de Araújo Filho, principalmente na cidade dos Reis Magos, antes pacata e livre de tanta violência. Ressaltar todas, porém, nesta sessão de saudade, ser-nos-á impossível.

Mesmo assim, de novo, deixem-nos enfatizar outro testemunho seu:

“Gostaria de falar nos que influíram na minha formação política, social, religiosa e profissional. Em primeiro lugar, meu pai. Aprendi mais Direito com ele do que nas Faculdades do Ceará e Recife, mesmo porque eu só comparecia às Faculdades para fazer as provas, não comparecia às aulas. E a formação religiosa que tenho, devo também a meu pai. Outra grande figura que sempre me impressionou foi o Mahatma Gandhi.

Minha advocacia começou quando estudante de Direito, na porta da cadeia (risos), requerendo “habeas corpus” e revisão criminal. Como eu não podia assinar, Alvarado Furtado, foi quem mais assinou. Ele e Djalma Marinho. Dos cem primeiros pedidos de revisão que entraram no Tribunal, do um ao cem, fiz mais de oitenta”.

Recorramos, agora, ao que disse o mestre Alvarado Furtado de Mendonça, um dos nossos, entrevistando-o em “Memória Viva”:

“Nós fomos companheiros de Atheneu. Seu depoimento foi um depoimento valioso, porque sua vida é muito rica de faces, mas a face que me impressiona exatamente é aquela que nasce da nossa convivência no tempo do ginásio. Eu me lembro que era um homem alegre, jamais o vi zangado, muito versátil na sua vida de estudante, um “blagueiro” excelente e recordo-o imitando Maurice Chevalier (nisso ele era espetacular).

Naquela atividade artística que levávamos a efeito em todas espécies de campanha que fazíamos, peças com a nossa participação, autoria, sempre foi uma figura marcante nesta fase da nossa juventude.

Antônio era o intelectual do futebol daquele tempo. Ele conhecia todos os jogadores de São Paulo, do Rio de

Janeiro; descrevia uma jogada em que ele geralmente era participante, que era uma peça literária e não uma peça esportiva. Era um negócio espetacular... ele participando.

Há um aspecto de grande significação na sua vida, que eu acho pitoresco e romântico: como promotor daquelas iniciativas estudantis naquele tempo, promoveu um concurso de “Miss Estudante” no Rio Grande do Norte”.

Aliás, neste particular, complementa e esclarece o homenageado desta noite primaveril:

“Não era “miss”. Era “Rainha dos Estudantes”. Eu estava veraneando na praia da Redinha, quando começou o concurso, e me diziam que a eleita seria uma bela normalista. Não conhecia nem de vista, mas fiz logo a suposição: estou em disponibilidade, não tenho namorada, vou levar essa moça pelo braço para ser Rainha, e findo sendo o Rei. Vou casar com essa moça! E tal aconteceu. O nome dela de solteira quero deixar aqui registrado, porque Meira Pires num livro sobre o Teatro “Alberto Maranhão”, deu outro nome que é de outra senhora aqui de Natal. O nome de solteira da minha mulher é Maria Luíza Bezerra Cavalcanti, e saiu no livro de Meira Pires, Luíza Maria Cavalcanti”.

Válido, sem dúvida, também é o testemunho do Dr. Jorge Cavalcante Boucinhas, sobrinho afim preferido e filho seu adotado pela força do coração.

Ei-lo:

“É bem conhecido um primeiro Antônio Soares, o da Assembléia Legislativa, o da Constituinte Estadual, o Chefe do Gabinete Civil de Dinarte Mariz, o Juiz do Tribunal de Justiça Desportiva (embora fanático torcedor do América Futebol Clube), o co-fundador da Faculdade de Direito, o astrônomo amador, idealizador da Teoria das 2 luas, o amador de teatro. Membro do Conselho Estadual de Cultura.

Menos conhecido é um segundo Antônio Soares, o que ficava “de quatro” para a criançada brincar de cavalinho, o que acordava pela noite para enterrar tesouros de pirata a serem procurados pela meninada nas mãos da qual caíam “acidentalmente” os mapas.

E que tantas coisas mais, como o ninar à base de “Praieira” e tantas outras peças semi-esquecidas do cancionero potiguar.

Em que pese para a memória do Estado do Rio Grande do Norte o primeiro Antônio Soares, é o segundo aquele que gosto e faço questão de lembrar”.

*Autoridades que compõem a mesa, caros colegas acadêmicos, minhas senhoras e meus senhores:*

Na verdade, cabe-nos ainda realçar que Antônio Soares de Araújo Filho teve mesmo participação efetiva nos movimentos culturais, esportivos e políticos neste Estado. Na paisagem humana, jurídica e social do Rio Grande do Norte.

Era professor emérito de nossa Universidade Federal.

Com ele convivemos, não apenas na Faculdade de Direito, da qual fora também diretor, na “Casa da Memória Norte-riograndense”, como durante o veraneio na bucólica praia da Redinha. Por sinal, exultava em ser, desde 1926, o seu mais antigo veranista, às margens do Potengi, tão decantado pelo poeta Otoniel Menezes, em sua “Canção do Pescador”.

Os bate-papos multiplicavam, após a missa na capelinha de pedra, celebrada pelo padre José - o bondoso e velhinho alemão.

Pari passu, recuando no tempo inexorável, faz-se mister aludirmos a alguns aspectos familiares e políticos.

Com efeito, o desembargador Antônio Soares, seu pai, quando juiz de direito de Martins, atendeu a apelo de seu fraternal amigo governador Alberto Maranhão, e foi mantido na chefia da política situacionista municipal. Queria o governador evitar cisão, pois seus correligionários estavam em duas correntes locais.

Não deu resultado a experiência governamental. Ferreira Chaves, ao assumir o governo, colocou-se abertamente ao lado de uma das correntes, obrigando o des. Antônio Soares a ficar ao lado da outra.

Nos fins da década de 20, Alberto Maranhão passou a figurar na própria chapa federal do Governo do Estado.

Então, o des. Soares achou que aquela era a oportunidade de abandonar definitivamente a política partidária, antecipando-se, em alguns anos, à proibição trazida pela Constituição Federal de 1934. Tornou-se, dessa forma, simples eleitor, até o fim da vida.

Recomendou aos filhos que seguissem a política que quisessem, mas procedendo com lealdade e correção.

O filho mais velho, Gil Soares, a pedido de Café Filho, ingressou na seção estadual do clube 3 de Outubro e pertenceu à corrente cafeeira na Constituinte Estadual de 35.

O segundo, Otto Soares, preferiu acompanhar o primo e padrinho Dr. Pedro Amorim, chefe político de Assu.

O terceiro, nosso homenageado Antônio Soares de Araújo Filho, ingressou na Ação Integralista Brasileira, com Seabra Fagundes, Otto Guerra, Manoel Rodrigues de Melo e outros. Todos três membros desta Academia, de saudosa memória. Foi até um dos secretários provinciais.

O quarto filho, Pedro Soares Neto, não quis entrar em partido algum. Preferiu ficar sempre simples eleitor.

Extintos os partidos, pelo golpe de novembro de 1937, reapareceram em 1945.

Nessa época, com o seu irmão mais velho Gil Soares, filiou-se ao Partido Social Democrático.

E nessa seqüência de enfoques, in memoriam do saudoso acadêmico, não podemos olvidar a palavra amiga do escritor e consócio Rubens de Azevedo. Ei-la:

“Há pessoas que marcam a nossa retentiva e a nossa vida de forma nítida e imperecível. Dentre aquelas que ficaram gravadas no meu coração e fazem parte de mim próprio, destaco o Dr. Antônio Soares Filho, do Natal, RN. É ele filho do Desembargador e poeta Antônio Soares, autor da “Lira de Poti”, belo livro de poemas onde figura o famoso soneto “Ser Noivo”, que, musicado, foi cantado em todo o Nordeste durante muitos anos”.

E arremata Rubens de Azevedo:

“Antônio Soares Filho é um dos últimos cavalheiros deste país, é homem do beija-mão de senhoras, abrir a porta e ceder lugar ao belo sexo. É um fidalgo de antanho que ainda perambula pelas alamedas ensombradas da bela Capital Potiguar. Conhecido por todos, de todos amigo é um homem simples, muito embora seja uma das mais importantes figuras do seu Estado, autor que foi de sua Constituição. Foi diretor e professor da Faculdade de Direito de Natal, é membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. É um pouco cearense, pois estudou na nossa Faculdade de Direito. Escritor primoroso, é amador de Astronomia e fundou e dirige a Associação Norte-rio-grandense de Astronomia, a única a realizar, no Brasil, um encontro internacional de Astronomia”. (In “Memória de um caçador de Estrelas” - 1996).

Neste ensejo, queremos igualmente evidenciar que, entre os livros de sua autoria, destacam-se: “A terra tem duas luas”, “Augusto Leopoldo, líder da oposição”, “Doze Temas”, “Meu pai”, “Antídio de Azevedo - poeta e trovador” e “Vicente de Lemos - o fundador”. Este último é um escrito de alta significação, contendo dados relevantes acerca do eminente historiador, o verdadeiro fundador de nosso IHG/RN, em 29 de março de 1902.

Deixando viúva a sua Maria Luíza, esta também chorou a sua partida, após 54 anos de convivência jubilosa e feliz. Faleceu em 4 de maio de 1997.

Evidentemente, permitam-nos, ainda, o registro de dois episódios, mesclados de bom humor e carisma.

Primeiro, perguntado, muitas vezes, sobre onde encontrá-lo, assim se expressava, com um sorriso fácil e franco:

“Se quiseres me encontrar é só procurar em Natal o homem mais feio, casado com a mulher mais bela do lugar”.

2º episódio:

Possuindo um velho carro, marca Austin, nele conduzia pessoas e objetos.



Um dia, uma bonita senhora, julgando ser um táxi, o chamou.

Ele não se fez de rogado. Parou o automóvel, auxiliou a passageira a entrar no veículo e a conduziu até a residência dela. Lógico que manifestou o desejo de pagar ao suposto motorista.

Entretanto, Antônio Soares de Araújo Filho retrucou, em tom de blague, que não cobrava a corrida. Antes, agradeceu à simpática senhora pela amável companhia.

Este o nosso homenageado. O mesmo que, conforme a poetisa Lúcia Helena, dedicava muito apreço à escritora Magdalena Antunes Pereira, autora de "Oiteiro - Memórias de uma Sinhá Moça".

Ela fez algumas interessantes anotações, em caderneta particular, a exemplo destes três bilhetinhos que recebera do acadêmico, motivo desta homenagem.

Vejamos também:

1. "Magdalena, hoje amanheci saudoso de tudo. Sinto saudades até de saudades. Imagino a tristeza dos escravos com saudades da terra, sofrendo o eterno banzo. Coitadinhos...."
2. "Agradeça à sua netinha Lúcia Helena os 11 sonetos de Juvenal Antunes que me enviou. O soneto a Laura comoveu-me tanto que me levou às lágrimas. Por acaso, homem não chora?"
3. "Magdalena, tal minha surpresa quando recebo uma belíssima carta de Nilo Pereira. Vou levar-lhe para que leia. Decerto, vai ficar, como eu, em estado de contemplação e de poesia".

*Minhas senhoras, meus senhores, familiares do homenageado, caros confrades acadêmicos:*

Agora, só nos resta concluir este panegírico, fruto mais do coração do que da mente, o qual, sem a característica da retórica, nem, muito menos, com estilo pomposo e gongórico, teve apenas o sentido da saudade, traduzindo louvor, admiração, respeito, enfim, o tributo espontâneo e justo, ao professor, confrade e acadêmico Antônio Soares de Araújo Filho.

E no epílogo deste discurso, protocolar e estatutário, bem oportuno reproduzir, com a mesma emoção, as palavras de Joacil de Brito Pereira, filho de Caicó, ilustrado consócio e presidente da Academia Paraibana de Letras, proferidas a 8 de abril findo, em homenagem à memória de Juarez da Gama Batista, escritor, jornalista, homem múltiplo, uma figura humana das melhores.

Assim, que seja também nossa a mensagem de Joacil, neste encontro singular e evocativo:

“O retrato do amigo a quem não vejo dá-me e impressão de que ele está vivo. É como se ressuscitasse com uma dimensão extraordinária, além do tempo e do espaço convencionais...

Alegra-me contemplá-lo redivivo, banhado de uma luz celestial. É homem novo, esplendente de glória.

Imune à inveja dos que o desprezaram, acima das vicissitudes terrenas, sem as amarguras produzidas pelas incompreensões, vem com a alma limpa e inesgotável. Com todos os caracteres de sua grandeza moral e intelectual”. (omissis).  
“Relembramos seu nome com saudade. Cultuaremos sua memória pelo tempo afora. E vemos-lo sempre redivivo, envolto pelo halo da imortalidade”.

*(Discurso proferido na sessão solene - Academia Norte-riograndense de Letras - dia 15/10/98).*

---

\*Advogado e escritor, membro da Academia Norte-riograndense de Letras.

## III

**Artigos e Crônicas**



# A VIDA É VIAGEM

*Diógenes da Cunha Lima\**

A vida é uma viagem. Nós somos passageiros. De primeira, segunda ou de terceira classe. Os passageiros não necessariamente ocupam os lugares em função de sua condição econômica, financeira, social. Por exemplo: Alcides, meu motorista há vinte e seis anos, só gosta de viajar de primeira classe. Conheço políticos vitoriosos, conheço homens ricos que sempre viajam de terceira classe.

O traço diferencial, ou melhor, as confrontações diferenciais são muitas. Quem viaja de primeira classe busca ser feliz sendo socialmente útil, é criativo, tira o prazer da natureza ou da arte, aproveita o tempo, o lugar, as oportunidades felizes, ri de alegria. Os passageiros da segunda classe cumprem os seus deveres, regulamentos, pouco riem e nunca dão uma gargalhada, vêem, com moderação, a beleza das flores e de alguns objetos de arte. Os passageiros de terceira classe obedecem apenas as suas próprias regras, riem de zombaria, vivem do trabalho dos outros, não constroem, destroem.

O passageiro de primeira classe é reto e flexível, o de segunda é reto e inflexível, o de terceira é rígido e tortuoso. O passageiro de primeira classe tem bom humor e, por ter consciência de que a vida é breve, deixa nas coisas e nas pessoas a marca da sua personalidade, a sua impressão digital. O passageiro de segunda classe tem consciência de que vai ser esquecido, mas de que deve cumprir o seu dever cotidiano. O de terceira marca a impressão do mal. Os primeiros são padroeiros do saber viver, partilham o pão da alegria, têm elasticidade no corpo e do espírito, viajam sem pressa: que chegar é não mais viajar. Têm a capacidade estética de ver a beleza das folhas e não apenas das flores, das árvores, dos arbustos e das bromélias.

A primeira classe vive a fantasia, a segunda tenta retirar dos fatos a visão da fantasia e para a terceira a fantasia é mentira. A primeira conduz, a segunda é conduzida, a terceira não tem destino certo. A primeira se integra às associações legítimas, a

segunda integra às associações mas a elas não se integra, a terceira se integra a uma associação ilegítima.

O passageiro de primeira classe é mais rigoroso consigo mesmo e generoso com os outros, o de segunda é moderadamente generoso consigo e com os outros, o de terceira é somente pródigo consigo mesmo.

Os passageiros de primeira classe nutrem o corpo, alimentam o coração e o espírito, os de segunda alimentam o corpo e pouco alimentam o espírito. Os de terceira abocanham o alimento. Os de primeira sonham, os de segunda aceitam e repetem, os de terceira mentem. Os de primeira são e têm amigos verdadeiros, os de segunda convivem, os de terceira usam das “amizades”. Para os primeiros o dinheiro é um instrumento, para os segundos um meio de vida, para os outros é a finalidade.

O primeiro cria e celebra a festa. O segundo comparece, os outros criticam a festa.

O amor para os primeiros é instrumento de simpatia e ação, os segundos amam passivamente, para os passageiros de terceira classe o amor é instrumento de dominação e maltrato.

Os primeiros têm solidariedade tão natural como respirar, os segundos têm solidariedade condicionada ao interesse próprio, os outros não sabem o que é ser solidário. Na educação, a primeira classe sabe que toda pessoa tem alguma coisa a ensinar, a segunda classe busca conhecer, a terceira esconde o que sabe.

A vaidade para a primeira classe se integra às qualidades por necessidade de harmonia, a segunda classe tem a natural vaidade humana, para a terceira classe a vaidade é máscara da maldade.

Enfim, a primeira classe fica feliz com a felicidade alheia, a segunda aceita ser feliz, a terceira inveja a felicidade dos outros.

Infelizmente, ninguém é sempre passageiro de uma única classe, há mudanças e nem sempre ocasionais. Pense, leitor, de que classe é a sua viagem e que classe de viagens escolheram os seus conhecidos.

---

\*Advogado, poeta e escritor, presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

## A PAZ

*Jurandyr Navarro\**

A sensação da Paz é agradável e quase hedonística, sem constituir-se, contudo, num prazer epicurista, do gozo e do deleite. Simboliza ela uma bela ave de plumagem branca: a pomba. Nada mais conforme e adequável. Não há ave dócil e que encante mais aos olhos e entorneça o coração. E o seu vôo deslizante representa a Liberdade, ao librar docemente as alvacentas asas.

A exemplo da Paz com o Amor, a pomba é fiel ao seu companheiro. Ela não dissimula como a raposa. A sua espécie constitui matrimônio e o seu casamento é monogâmico, até a morte de um dos cônjuges.

Não é assim a união indissolúvel entre o Amor e a Paz? Sim, a Paz sem o complemento do Amor é impossível. Tão impossível como é reconstituir um cristal em pedaços.

Em Atenas esculpiram estátuas em seu louvor. Roma a enalteceu com o magnífico templo da Via-Sacra.

Que é a Paz? Será a ataraxia inspirada pelo perfume do jardim de Epicuro? Não, porque essa calmia é imobilismo infecundo, visando, tão-somente, o gozo estéril do espírito e a satisfação sensorial. Traduz ela uma forma de quietude budista, apenas contemplativa, sem ação. Qual o Nirvana, repetido por Shopenhauer, a extinção da chama vital, a anestesia dos sentidos...

E a quietude é neutra, é isenta de matiz, descolorida e opaca, como um vitral sem luz.

Será a Paz uma rendição, tal a atitude de Pôncio, lavando as mãos trêmulas, numa postura covarde e acomodatória?

Ou a sonhada pela comédia de Aristófanes, trazida do Olimpo? Também não! Porque, como deusa das messes e das festas, só oferecia enlêvo sensitivo.

Seria a dos mistérios cabalísticos, do templo eleusino, iluminada pela tocha esmaecida do paganismo?

E a representada por Lisístrata, forçando os homens a uma continência compelida, para acabar com as guerras, a greve do sexo?

Ou então, a apregoada pela estratégia macedônica, a paz da ocupação, para “proteger”, a paz do cativo?

Ou ainda a “*união dos corações*” pregada por Alexandre, conclamando macedônios e persas?

Será a gerada pelo libelo inflamado de Demóstenes, nas suas Filípicas, a paz da Pátria?

Depois de oprimir os povos vizinhos, Otaviano Augusto brada-lhes; – Pax!

Poderia ser ela a Paz do pensamento, haurida do florido bosque de Academus, de Platão, ou o paradisíaco Campos Elísios, de Virgílio?

Finalmente, será ela “*a harmonia na ordem*”, considerada por Santo Thomaz de Aquino, ou a “*companheira da Caridade*”, no dizer de Santo Agostinho?

A Paz reflete tranqüilidade e tranqüilidade não é quietude. A tranqüilidade pressupõe ação e confiança interior do espírito. Uma pessoa quieta é mui diferente de uma pessoa tranqüila. A rocha é quieta, mas não é sensitiva, e, como tal, não pode considerar-se tranqüila. A tranqüilidade supõe vida.

A Paz tem alma, é vibrante, é corajosa.

O estado de espírito do cristão é dinâmico e não estático. E a paz é filha da doutrina do Crucificado.

A alma, a tranqüilidade e o dinamismo supõem energia cinética, como a que impulsiona a perfumada onda do mar, em constante movimento vibratório e, ao quebrar-se abre-se em flor, espelhando a vida.

A quietude e a omissão sendo atitudes letárgicas simbolizam a morte.

A Paz é formada por forças positivas, corporificadas num organismo social, no anseio de uma Nação, perseguindo o ideal de vida de um Povo.

Ela deve cingir a vontade de todos de Rousseau, num amplexo geral dos homens.

Em suma, tranqüilidade e quietude não são termos tautológicos, mas díspares. Esta última é imobilismo patológico; aquela outra, vibração anabólica.

Tudo na vida está a se mover febrilmente: o átomo, por seus prótons e elétrons, vibra em toda matéria, no coração inquieto do oceano ou nos olhos faiscantes das estrelas.



As suas íntimas moléculas são invisíveis. No entanto, o átomo vive palpitante. A figura-se como a imagem de Deus, que a imperfeita visão humana não enxerga. Exemplo palpável se tem na eletricidade: não se vê a corrente elétrica, mas ela existe. E quem for cético a esse respeito que a toque ou se aproxime do polo magnético de um fio de alta tensão!

A Paz é como a poesia lírica: um canto! Um canto à musa Polímnia, às criaturas e ao mar, um canto ao sol, às flores e às estrelas... um canto a Deus!

A Paz representa o amor universal. E esse amor não brotará das ideologias que até pouco tempo dividiam o mundo. Não nascerá do Capitalismo egoísta por ser ele refratário à Igualdade. Nem tampouco gerado pelo Comunismo ateu, porque este é inimigo da Liberdade.

A Paz só brotará do Cristianismo que prega tanto a Liberdade quanto a Igualdade.

Surge, agora, no horizonte, a figura horripilante do terrorismo internacional, a serpente invisível do Mal.

O homem sozinho será incapaz de promover a Paz. Somente com a ajuda de Deus é que ele a conseguirá. Tal o suplício de Tântalo, ele, isolado, será incapaz de saciar a sede, a água à sua vista.

Sozinho, o homem apenas sonhará com a Paz, como Moisés que avistou, aos longes, a terra da Promissão, sem poder nela pisar nem dela se apossar.

---

\* Advogado e escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# O PÃO, O PEIXE E A FARINHA DO NORDESTE

João Wilson Mendes Melo\*

*“A farinha que me coube no barracão  
Era meu corpo e dei ao meu irmão:*

*Por isso o irmão vive e anuncia  
A doação do meu sangue cada dia”.*

Esses versos de Luís Carlos Guimarães, em “A Lua no Espelho”, encheram-me de entusiasmo pelo Jesus Nordestino, como já havia, muito antes, vibrado com o São José Carpinteiro de outros autores e com o quadro de Nivaldete, do camponês crucificado no cabo da enxada e que ocupa um lugar de destaque na casa onde vivo.

Com o mesmo puro entusiasmo de momentos de exceção, procurei reler as expressões do Livro dos Livros, quando, na véspera de sua tortura e morte, Cristo deixou-se perpetuamente no mundo ao dizer, repartindo o pão e servindo o vinho, que eram o seu corpo e o seu sangue.

E fui, em seguida, ao Ato dos Apóstolos para reler uma das mais belas e edificantes narrações dentre todas as grandes narrações com que este mundo se deleita, na melhor literatura de cunho humano e social.

“A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava como próprias as coisas que possuía, mas tudo entre eles era posto em comum”. “Entre eles ninguém passava necessidade, pois aqueles que possuíam terras ou casas vendiam-nas, levavam o dinheiro e o colocavam aos pés dos apóstolos; depois era distribuído conforme a necessidade de cada um”.

Tenho ouvido dizer, vezes incontáveis, que isso é romantismo; que há dois mil anos foi esquecido; que nunca se repetirá espontaneamente, no ardor da fé, como naquele tempo e que hoje somente se repetiria pela força, pelo sangue e citam os nomes políticos que traduzem na prática procedimentos semelhantes.

Digam o que quiserem, mas está hoje, mais do que nunca, muito claro que a solução só será verdadeiramente solução se vier, como naquele tempo, da escolha espontânea do homem, do homem com alma, não do homem somente células e glândulas, prepotente e torturador e que só tem acima de si o Poder Político, feito de armas, de patrulhamento e repressão. Sete décadas foram bastantes para execrar essa prática já extinta.

Não se diga, porém, que o seu contrário político é a solução. Quem dá predominância ao ouro ou aos seus sucedâneos como valores supremos e deixa morrer de fome ou sob as barreiras do inferno de água e lama os outros que são números de periferia também não serve. Também cria outras formas de tortura.

Por isso, os exemplos eternos de repartir o pão e o vinho, os peixes, os produtos da terra, a farinha do barracão, “conforme a necessidade de cada um”, têm que ser lembrados sempre, para que um dia (será que acontecerá mesmo?) sejam repetidos.

Recebo, como uma contribuição à realização desse sonho, a expressão de um poeta que tem na sua poesia beleza e sonho de felicidade. Fica muito o que pensar e desejar no feliz leitor de Luís Carlos Guimarães. “A farinha que me coube no barracão/ Era meu corpo e dei ao meu irmão”.

Sendo um desses leitores, agradeço, penhoradamente, ao poeta que sabe refletir a luz que sobre ele incide e iluminar caminhos.

---

(Publicado na Tribuna do Norte de 18/05/1994)

\* Professor e escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

## SONHOS E SONOS E OS DORMINHOCOS DA HISTÓRIA

*José Melquíades\**

Sono, sonhos e devaneios fazem o encanto das religiões. Lendas e mitos completam esse encanto e enriquecem o folclore do monoteísmo dos hebreus e do politeísmo dos gregos. O cristianismo nascente adaptou em sua liturgia muitos costumes da mitologia decadente. Os confrontos são flagrantes na teopsia eclesiástica. A mitologia greco-romana dispunha de deuses ou divindades para todos os dias da semana e para todas as festividades do ano. A nossa Santa Igreja herdou esse teogonia pagã e ajustou-a a seu calendário cristão. Como o calendário eclesiástico envolvendo o catálogo dos santos esgotava-se nos 365 dias, no ano 609, o Papa Bonifácio IV instituiu o Dia de Todos os Santos, dia em que transformou o Panteon de Agripa num templo católico, dedicando-o ao culto da Virgem Maria. A virgindade da mãe de Jesus só foi definitivamente definida como Imaculada Conceição, em dezembro de 1854, pelo dogma assinado por Pio IX, como resultado do Concílio Vaticano. Mas isso é questão de fé assegurada pelo Evangelho de Mateus: omnia possibilia sunt credenti – tudo é possível àquele que crer – mais tarde referendado por São Paulo, na Epístola a Tito: omnia munda mundis – para o puro, tudo é puro. Esqueçamos, por enquanto, a infalível teologia dogmática e sigamos um pouco a teogonia mitológica.

Como se sabe claramente: a Igreja multiplicou os seus santos no dia-a-dia do cristianismo. Há santos patronos para todas as conveniências da fé, inclusive para coveiros e açougueiros. Gregos e romanos já dispunham de suas divindades espalhadas nos lares, nos campos, nos jardins, nas florestas, mares, lagos e rios. Nós temos São Crisóstomo como padroeiro dos oradores; os gregos tinham Calfope como deusa da eloquência. Isso não significa que lá e cá se tenha proliferado uma péssima qualidade de improvisadores de ocasião e uma outra de pregadores maçantes. Os que preferiam viver calados dispunham de Harpócrates, o deus do silêncio.

Desde criança somos protegidos pelo anjo da guarda. Os romanos, imitadores dos gregos, inventaram Fabulino, que ensinava a criança a falar, seguido de Fascinus, que protegia sua infância. Entre nós, São Francisco de Assis assiste aos surdos. Os sonhadores, na Grécia, eram protegidos por Brizo, deus infernal que também presidia os sonhos. Talvez Freud se tenha inspirado nele para o seu tratado onírico.

Nesse embalo de dorminhocos famosos, há casos interessantíssimos. Por exemplo, Endimião, pastor da Cária e filho da ninfa Cálice, foi castigado por Júpiter devido a uns amores que manteve com Juno numa gruta escura e na qual teve um filho e 50 filhas. Por tamanho pecado teve que dormir 30 anos. Imagine-se quantos filhos não teria gerado esse pastor se tivesse vivido acordado esse tempo todo. Em matéria de sono, caso curioso aconteceu com Epimênedis, filósofo cretense: entrou numa gruta e aí adormeceu e dormiu 57 anos de uma só cacetada. Com a sonolência e o silêncio desse filósofo muito se beneficiou a sabedoria grega. Endimião, ao acordar, ainda viveu 289 anos. Começa aí o princípio da longevidade da qual muito se beneficiaram os macróbios bíblicos pré-diluvianos.

Enoque, tido como filho de Caim, viveu 355 anos e não morreu: foi arrebatado aos céus. Matuzalém, seu filho, bateu o recorde com 995. Enoque está hibernando no céu. Não consta, na terra, os anos de hibernação de Matusalém. Muito digno de respeito foi o sono privilegiado dos Sete Dormentes de Éfeso. Isso aconteceu durante as perseguições do malvado imperador Décio. No ano 250, sete jovens soldados cristãos foram sepultados vivos numa caverna por ordem do desalmado imperador. Fechada a sepultura, quis a Divina Providência que esses seguidores de Cristo adormecessem tranqüilamente no fundo do poço. Durante umas escavações, já no reino de Teodósio II foram descobertos e logo despertaram. Dormiram tranqüilamente 159 anos. Nunca um martírio foi tão benéfico: o primeiro milagre pelo sono reparador.

Outro sonho fabuloso foi o de São Pedro. Aliás, quando Pedro chamava-se Simão e era pescador, não sonhava. Depois da ressurreição de Jesus, passou a sonhar mais do que os reis e os faraós do Gênesis. Entre os sonhos de Pedro relacionados nos Atos dos Apóstolos, esse merece a maior credibilidade. Dormia ele em Cesareia e, em êxtase, viu descer do céu aberto

um lençol em 4 pontas e dentro dele havia todos os quadrúpedes, répteis da terra e as aves do céu. Nenhum exegeta ou pregador nos explicou claramente essa revelação. Também jamais nenhum deles esclareceu o desembarque dos animais embarcados na arca de Noé. Talvez sejam esses enrolados no lençol e vistos por São Pedro. Voltaram todos para o céu.

Cícero, no VI livro de sua República, conta-nos o maravilhoso Sonho que Cipião Emiliano teve com o seu falecido avô, no qual este lhe descreve os segredos da outra vida e lhe revela as recompensas post mortem. Neste sonho, Cipião se refere à harmonia dos céus e à grandeza dos astros: tudo que está acima da lua é eterno e compensador. Ora, as Bem-aventuranças do Sermão da Montanha, pelos quais Jesus anuncia promessas de recompensas eternas e a felicidade perfeita, no Céu, muito se assemelham ao Sonho de Cipião, como se assemelha, na Missa, o momento dos mortos, na tranqüilidade dos que “descansam no sono da paz”. Note-se que Cipião era um bárbaro pagão adorador de Jovis, o Júpiter dos romanos. Seu mérito maior foi ter sido vencedor da 2ª guerra púnica, 146 anos a.C. As Bem-aventuranças só foram reveladas 2 séculos depois pela narrativa discordante dos Evangelhos de Mateus e Lucas. Mateus diz que eram oito, enquanto Lucas afirma que eram apenas quatro. O preocupante em tudo isso é descobrir-se onde se situa a certeza da originalidade.

A palavra anjo, em hebraico malak, significa mensa-geiro. Em grego se diz angelós com o mesmo sentido. Hermes, também conhecido como Mercúrio, era o mensa-geiro de Zeus. Na Odisséia serviu de anjo da guarda de Ulisses de quem era tio pelo lado materno. Confrontando a religião grega com a nossa religião, já nascemos sob a proteção do anjo da guarda, nosso anjo tutelar. Os gregos tinham os seus deuses lares, deuses domésticos, guardas e protetores de cada casa e de cada família. Originalmente, havia somente dois, mas havia também o deus Lare, o gênio bom, que acompanhava cada pessoa e libertava seu tutelado de todos os perigos. Entre os deuses lares sobressaía-se o gênio, o “espírito divino”, aquele que presidia o nascimento e protegia a pessoa durante toda a vida, acompanhando-a na morte. Bem protegido, sadio de corpo e mente, o acompanhado tornava-se genial. Eis aí um modelo fiel do anjo da guarda. A nossa Santa Igreja nos convence de que dispomos

de um anjo da guarda com o mesmo comportamento do deus Lare ou do gênio. Lá pelo século V acreditava-se que cada pessoa tinha dois anjos da guarda, como acreditavam que os Reis Magos eram 5, 7 ou 9. Nem sequer eram reis.

Esse anjo da guarda é meio controvertido nas passagens bíblicas. A sua custódia nasceu de uma insinuação no Gênesis, passa para o livro de Tobias e tem ligeira referência no Salmo 90. Por fim alcança o Evangelho de Mateus, quando se manifesta, em sonho, a José. Nada leva a crer que seja nosso guardião ou que nos sirva de custódia permanente. Nos dias de hoje, com tanta insegurança de vida, ele fica muito ausente: não aparece nas horas de aperto. Mas faça-se justiça aos infalíveis Concílios: ainda não é dogma de fé. Você acreditará nele se quiser. A palavra anjo, em hebraico, significa mensageiro. Hermes, também conhecido por Mercúrio, era o mensageiro dos deuses. Na Ilíada serviu sempre de anjo da guarda de Ulisses. Os deuses protetores dos gregos eram locais; os nossos santos patronos e padroeiros são universais. É verdade que alguns países católicos têm santos que outros países ignoram. No Brasil, o nosso pretinho São Benedito é desconhecido pelos negros católicos de outras nações. Os Sete Dormentes de Éfeso são cultuados como santos na Igreja Grega. Ninguém fala neles no Brasil. Mas o interessante é que padres e bispos do mundo inteiro são familiarizados com Apolo, Júpiter, Diana, Hermes e Afrodite. Só muita fé para crer nesse rojão.

---

\* Professor e escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

## DE IGREJA E TERRA

*Pedro Vicente Costa Sobrinho\**

Começo a resenhar a tese de doutoramento “A luta pela terra e Igreja Católica no Vale do Acre e Purus (1970-1980)”, de Sandra Cadiolli Basílio (professora da Universidade Federal do Acre, mestre - PUC-SP, e doutora - UFPE em História) pelo fim: a bibliografia. Através desta, senti de imediato o enorme trabalho que a pesquisadora teve em compulsar, organizar e analisar todo esse material. Sei, por experiência própria, a dificuldade que o pesquisador defronta ao realizar um trabalho sobre a Amazônia, e, sobretudo, quando sua pesquisa se particulariza ainda mais, e essa realidade a ser abordada centra-se no Acre. Arquivos precários, se é que se pode falar de arquivos; Universidade jovem, ainda em fase de consolidação, mas é bom que se ressalve, com um grupo de pesquisadores que de modo audacioso e sistemático tem procurado resgatar a história da região e do seu povo.

A autora, portanto, está de parabéns nesse aspecto, uma rica bibliografia: uma boa literatura descritiva e de cunho teórico sobre uma época já credencia o seu trabalho, e revela sua seriedade e competência com relação ao seu objeto de estudo. Vamos ao texto.

De imediato, quero dizer que me senti surpreso logo quando a autora anunciou o seu referencial teórico: o velho marxismo, hoje tão vilipendiado, cuja bibliografia clássica já é de difícil circulação até nos sebos. Está fora de moda, apesar de a sociedade dos homens não ter ainda encontrado solução para os grandes problemas que ele, o marxismo, apontou. Como disse Bobbio: “o comunismo histórico fracassou, não nego, mas os problemas permanecem: os mesmos problemas para os quais a utopia comunista chamou a atenção, e que garantiu serem solucionáveis”. Daí então, resta-nos navegar no seu texto para verificar em que o seu marxismo ajudou a compreender o real.

No primeiro capítulo, a autora faz um bom trabalho de reconstituição histórica, até exaustivo, a meu ver, pois o Acre



nos primórdios de sua formação é sobejamente revisitado. Mas é bom que se realce: a pesquisadora demonstrou que soube usar a bibliografia disponível, organizando bem a exposição: 100 anos se transformaram, na sua alquimia, em horas de leitura; leitura sem enfado, até para os que já conhecem com certo rigor toda essa história.

No segundo capítulo, e mais no capítulo terceiro, o contexto do seu objeto de estudo foi sendo reconstruído e certamente melhor exposto e analisado. Não observei maiores lacunas nessa travessia longa e sinuosa. Exigir maior detalhamento, novos dados, talvez fosse até exagero, pois o seu objeto é a igreja e a luta pela terra. Mas seria bom sugerir (ver p. 98 e 99) que a autora, a partir de um certo momento, já fosse destacando a presença da Igreja nos movimentos sociais, pois os locais-sede de fundação dos sindicatos, e também grande parte de suas assembléias foram instalados em prédios da igreja: colégios, salões paroquiais, e a própria catedral. Era igreja já encarnada na luta do povo: quer dizer, dos oprimidos.

Na página 110, faz-se necessário melhor explicitação do que é visão interacionista e colaboracionista da igreja na primeira carta pastoral, pois pode parecer um certo patrulhamento quanto à ação da instituição eclesial, e até mesmo uma cobrança injustificada à combativa igreja acreana.

Outra coisa: eu gostaria de sugerir que a autora abrandasse um pouco sua análise, seu rigor marxista com relação à posição da igreja no pré-1964, pois tratava-se de uma luta ideológica: de quem venceria a quem? No caso dos comunistas, se vencessem, com certeza, seriam impiedosos, e muitos padres, se não fossem ao paredón, seriam encarcerados. Esse não foi todavia o comportamento da igreja, pois logo dois anos depois de instalado o regime militar, muitos dos seus bispos e padres passaram a se recompor com as forças de oposição à ditadura, inclusive com os comunistas.

A autora, com uma clareza meridiana, demonstra em seu trabalho que Medellín é o desaguadouro natural das contradições acumuladas da igreja com relação aos governos autoritários de países da América Latina, e que a liberdade para as práticas religiosas não está dissociada da democracia e da luta contra as desigualdades sociais brutais existentes nesses países.

Outro aspecto que quero destacar no seu trabalho, pois me chamou muito a atenção, é que a autora fez muito bem em descartar a chamada discussão ampla e teórica no que diz respeito à Teologia da Libertação, quase sempre feita e reiterada nos estudos dos marxistas. Coisa que considero anacrônica, sobretudo aquela que dissocia a igreja como instituição da prática tida como avançada de alguns setores dessa mesma igreja, e daí por diante. A autora foi direto ao assunto, passando a analisar uma situação concreta: a igreja do Acre e a realidade do Acre. E como essa igreja se comportou nesse contexto prenhe de violência e conflitos.

Mesmo me dando por satisfeito, pois a tese que norteia o seu trabalho fica cabalmente demonstrada nas 80 páginas finais do seu texto: pois revela que o apoio da Igreja e suas comunidades eclesiais de base foi fundamental para a organização da luta pela terra no Acre e, que, sem esse apoio, a resistência teria sido mais difícil e vulnerável, recomendo, caso tencione transformar seu estudo em livro, que a autora acrescente ainda informações quanto aos meios utilizados pela igreja para conseguir chegar aos trabalhadores e conscientizá-los da necessidade da organização para resistir e denunciar quanto aos desmandos dos fazendeiros. Para concluir, quero confessar que senti falta do movimento indígena no seu texto: os índios também lutaram pela terra, e a igreja foi fundamental na organização dos seus movimentos de resistência contra os "paulistas". Feitas essas observações, quero dizer que o seu trabalho, com certeza, se constituirá em mais uma referência obrigatória para o estudo da história acreana.

---

\* Professor da UFRN, com doutorado em Ciências da Comunicação (ECA-USP).

## O CONCERTO DE VILLA-LOBOS

*José de Anchieta Ferreira\**

Com a morte prematura do Governador Dix-sept Rosado Maia, em julho de 1951, quando o avião em que viajava despencou no Rio do Sal, Estado de Sergipe, Sylvio Pedroza, que o substituiu no Governo, manteve todos os auxiliares escolhidos por Dix-sept, inclusive o professor Américo de Oliveira Costa, mantido na elevada função de Secretário Geral do Estado. Elevada função porque, naquele tempo, os demais auxiliares eram diretores de Departamento, (atuais secretários) subordinados à Secretaria Geral.

Enquanto “Sylvio Pedroza levou o governo, até o seu término em 31 de janeiro de 1956, sem vexamos ou atritos políticos”. – Vertentes (Memórias) – João Maria Furtado – o mesmo não ocorreu com o professor que, inúmeras vezes, assumiu a chefia do executivo durante as prolongadas ausências do governador, com freqüência viajando ao Rio de Janeiro para tratar de assuntos administrativos. Um desses vexames veio com o telegrama do Ministro da Educação comunicando a vinda a Natal, em caráter oficial, do maestro Heitor Villa-Lobos acompanhado de alguns artistas, gente famosa como a pianista Cristina Maristani, Iberê Luís Russo e outros. Recomendava ainda que providenciasse duas coisas: “Conseguir o maior piano de Natal, segundo: arranjar hospedagem para Villa-Lobos num lugar onde tivesse banho de tartaruga”. – Memória Viva – TVU.

Maior piano de Natal não deve ser difícil, pensou o Dr. Américo, mas banho de tartaruga... Nunca ouvira falar nesse tipo de banho. E ninguém sabia. A incômoda tartaruga só deixou de atanzar o juízo do secretário quando, no Hospital Miguel Couto, que na época hospedava pessoas ilustres, uma freira decifrou o enigma: “é coisa simples, é uma pecinha elétrica, espécie de tartaruginha, que se coloca dentro da banheira, presa a uma corrente que se liga a um interruptor para manter a água morna, com temperatura constante, até o fim do banho”.

Quanto ao outro “abacaxi”, o secretário ficou na maior preocupação até descobrir que o maior piano de Natal encontrava-

se na Sociedade de Cultura Musical, da qual o Sr. Carlos Lamas era o presidente, e um novo e bem afinado existia no Instituto de Música, presidido pela pianista Lourdes Guilherme. Depois de pesados os prós e os contras, ficou decidido que o lógico, o racional, era escolher o piano menor, mais novo e bem afinado.

Na noite do espetáculo, anunciado para as 20 h., o Teatro Carlos Gomes superlotado (atual Alberto Maranhão) e nada do avião do famoso autor das Bachianas chegar, esperado por uma seleta comitiva, no aeroporto de Parnamirim. Vinte e trinta, vinte e quarenta e nada. Até que, quase às 21h., o maestro desembarca acompanhado de 5 artista vindos de João Pessoa. “Tomamos os carros e fomos direto para o Hospital Miguel Couto onde eles iam se preparar para o espetáculo. E eu mandando avisos do atraso do avião, etc. Na entrada do Hospital, Villa-Lobos indaga: É o maior piano de Natal? Aí Carlos Lamas, hesitante, começa a dizer: “Bem, não é o maior, mas”. Antes de concluir a resposta, o maestro, ríspido e autoritário, voltando-se para mim, ordena: “O senhor mande cancelar o concerto porque os meus artistas iriam, - botou logo no condicional – se apresentar em Natal com a mesma consciência profissional com que se apresentariam em Paris, Londres ou Berlim. Se não é o maior piano, não há mais concerto”. “Nove horas e tanto da noite, o povo esperando e o homem dizendo isso. E o pior: Subiu e trancou-se no apartamento. O governador ausente e eu com esse abacaxi”.

Finalmente, Edilson Varela, Diretor dos Diários Associados, por intermédio de Eurico Nogueira França, seu amigo e marido da pianista, depois de muito implorar, consegue quebrar a intolerável resistência de Villa-Lobos.

No teatro, antes de iniciar o concerto, o homem num tom de desabafo de sua incompreensível contrariedade, começa se auto elogiando e criticando o governo, o mesmo que, através do Ministério da Educação, patrocinara sua excursão pelas capitais do país. “O governo do Brasil não ajuda os escritores, os pensadores, os artistas, os músicos, os pintores. Eu estou aqui como um caixeiro viajante porque preciso viver. Aceito missões dessa qualidade. Sibelius, que é um músico de terceira categoria diante de mim, é senador vitalício na Finlândia”...

“No dia seguinte, fomos a uma peixada na residência de Wandick Lopes em companhia de Câmara Cascudo, que era seu amigo, e os dois beberam e se confraternizaram”” A certa

altura, o maestro, descontraído, surpreende o secretário com uma declaração: “Mande anunciar pelo rádio que eu vou dar outro concerto”. Na noite seguinte, cumpriu o que prometera, com o maior sucesso. “Foi um momento difícil para mim, mas que resultou tudo bem. Mas lidar com um gênio é difícil”.

---

\* Médico e escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

## UMA TARDE COM CÂMARA CASCUDO

Getúlio Araújo\*

Numa chuvosa manhã de domingo, tomei um avião da Varig de Goiânia com destino ao Rio Grande do Norte, diretamente para a cidade do Natal.

Essa viagem de sonho a Natal, cidade do sol, famosa pelas bucólicas praias de Ponta Negra, Genipabu, Areia Preta e Redinha, foi para nós um reencontro com a terra de nossos pais e ancestrais – terra nordestina – que aprendemos a amar.

Foi em companhia do seridoense e amigo Luiz G. M. Bezerra que, em ensolarada tarde de fevereiro de 1980, visitamos o professor Luís da Câmara Cascudo, no seu casarão da Av. Junqueira Aires, 377, construído no século passado, de cujas sacadas eu e Luizinho contemplamos o esplêndido pôr-do-sol no rio Potengi, paisagem agora escondida pelas construções dos casarios. Ir a Natal e não visitar o mestre Câmara Cascudo é qualquer coisa parecida com *ir à Itália e não ver o Papa, no Vaticano*.

Conheci a sua biblioteca de livros raros, acervo de pinturas primitivistas, medalhas, condecorações, porta com a pintura de um cangaceiro e inúmeras esculturas africanas e indígenas espalhadas no assoalho do velho casarão, gavetas entulhadas de anotações e fotografias.

Como observou o primo Luiz G. M. Bezerra, Câmara Cascudo estava num dia bem-humorado, com vontade de conversar e disposição para nos receber.

A sensação que tive ao abraçá-lo naquele momento de êxtase foi a mesma que experimentei em visita ao artista plástico Antônio Poteiro, no seu desarrumado ateliê de pintura, recolhido no Jardim América e na clausura de sua arte primitivista, em Goiânia.

Cascudo apareceu de pijama, sorridente, em companhia de Dona Dhália Freire (sua esposa), acomodou-se em sua cadeira de “Pantaleão”, acendeu um charuto Havana que médico nenhum o convenceu a abandonar.

Conversamos sobre o Seridó, folclore e outras amenidades. Tive a honra de receber autógrafa no livro *A Vaquejada Nordestina e Sua Origem* – “Para Getúlio Pereira com um aboio afetuoso de Luís da Câmara Cascudo, Natal, 4/2/1980.

## Humor Cascudiano

“Sou o único potiguar que não pode negar a idade (81anos), porque ela está marcada na porta da minha casa”. Placas de bronze enfeitam a entrada da casa do grande folclorista brasileiro. Todas com a data do seu nascimento: 30 de dezembro de 1898.

Em seu memorável depoimento “O Tempo e Eu”, editado pela UFRN, Natal, 1968, nos deixou páginas antológicas: “Meu primeiro banho foi água morna numa bacia de ágata. Água temperada com vinho do Porto, para eu ficar forte, e um patacão de prata, do Império, para não faltar dinheiro.

Desde 1898 algumas criancinhas passaram à notoriedade indiscutível. Na Espanha, Garcia Lorca. Não tive curiosidade de rumar outros quadrantes.

– Eu sou da geração do recado. Enquanto Nabuco andou de sege e automóvel, minha geração começou a cavalo e terminou no avião a jato.

– O homem que foi à Lua levou consigo uma figa de guiné. Continua o mesmo: nascendo, amando, sofrendo, comendo e morrendo igual ao homem das cavernas. Não modificou os sistemas digestivo nem supersticioso”.

Gostava de ler na rede, seu lugar predileto, fumar charuto Havana e prosear com seus diletos amigos e ex-alunos.

Autor de livros importantes: *Dicionário do Folclore Brasileiro; História da Alimentação no Brasil; Literatura Oral; Canto de Muro; Made in África; Civilização e Cultura; Geografia do Brasil Holandês e O Prelúdio da Cachaça.*

Recebeu o Troféu *Juca Pato* (1977) e o Prêmio Machado de Assis. Foi comendador da Ordem de Rio Branco, da Ordem Militar do Cristo (Portugal), da Ordem dos Cisneiros (Espanha) e da Ordem de São Gregório (Santa Sé).

Luís da Câmara Cascudo foi um grande espírito, iluminado por uma forte e bela inteligência.

---

\* Médico e escritor potiguar, radicado em Goiânia.

# HUMBERTO DE CAMPOS E MOSSORÓ

*Vingt-Un Rosado, Isaura Ester Rosado e Caio César Muniz\**

## 1ª Parte

### 1

Esta é uma pequena revisão do capítulo que cuida de Humberto de Campos no livro *"70 Escritores Brasileiros Falaram de Mossoró"*.

### 2

#### Humberto de Campos

Humberto de Campos Veras nasceu em Miritiba (MA), a 25 de outubro de 1886.

Perdendo o pai na primeira infância, mudou-se com a mãe e a irmã mais nova, para Parnaíba (PI), em 1893. Fez os primeiros estudos na escola de Sinhá Raposo, transferindo-se depois para a Dona Marocas. Marcado pelo sofrimento e pela orfandade, como a maioria dos meninos do Nordeste, cedo conheceu a necessidade de ganhar o pão. Em 1898, começou a trabalhar na loja do tio Emídio Veras, e, em 1899, como aprendiz de tipógrafo, nas oficinas de O Comercial, seminário de Parnaíba, sob orientação do mestre Floriano Serpa. Em 1900, partiu para São Luís (MA), à procura de emprego. Trabalhou como aprendiz de tipógrafo na Casa Transmontana, do português José Dias de Matos, seu Zé. De volta ao balcão do tio Emídio, começou a ler desesperadamente. Em 1903, transferiu-se para Belém do Pará, empregando-se no escritório da firma Montenegro & Cia. viajou pelos seringais e foi ao contato da terra bruta, diante do drama dos seringueiros, que entrou a escrever para os jornais de Belém (PA). Nasceu o jornalista. Em 1908, ingressou no corpo redatorial de A Província do Pará e foi nomeado secretário da prefeitura de Belém. Em 1912, forçado por acontecimentos políticos, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde ingressou na imprensa. Através dela, percorreu todos os gêneros literários: contista, poeta, ensaísta, crítico, biógrafo, memorialista. A crônica foi a mais alta expressão da sua atividade literária.



Em 1920, tomou posse na Academia Brasileira de Letras, em substituição a Emílio de Menezes, na cadeira, cujo patrono é Joaquim Manuel de Macedo. Em 1927, foi eleito deputado federal pelo Maranhão, em duas legislaturas seguidas, sendo o último mandato interrompido pela Revolução de 30.

Em 1931, foi nomeado Inspetor Federal do Ensino e diretor interino da casa de Rui Barbosa. Batido pela doença e pobreza, trocou o riso leve característico de suas obras, pelo pensamento profundo. Faleceu no Rio de Janeiro, com menos de 50 anos, a 5 de dezembro de 1934, quando se submetia a melindrosa operação cirúrgica, na Casa de Saúde Dr. Eiras.

### 3 – “Alípio Bandeira

A referência de Humberto a Alípio está na página 277 de *“Sombras que Sofrem”*, da edição de *“Obras Completas de Humberto de Campos”*, vol. VI, 1ª Série, ei-la:

“Vai para um ano, em carta gentilíssima que me dirigiu sem que nos conhecêssemos, o Sr. Coronel Alípio Bandeira, soldado notável pela sua inteligência pessoal e pelas suas letras, falava-me da necessidade que via, de consagrar-me a obras definitivas e profundas, sob a proteção do Estado.”

Alípio foi um dos grandes homens da humanidade potiguar. Historiador da Revolução de 1817, outros dois mossoroenses igualmente ilustres (Adauto da Câmara e Francisco das Chagas de Souza Pinto), foram também historiadores de 1817. Poeta, um dos instituidores da Festa da Bandeira, soldado valoroso de Rondon.

Escreveu uma página, *“Pequena Teoria da Punição, Vulgarmente Chamado Castigo”* que teve imensa repercussão em todo o País.

O grande Darcy Ribeiro, ao analisar a participação de oficiais do Exército tocados pela magia da personalidade incomparável de Rondon, que os tornou entusiasmados propagadores dos ideais indigenistas, afirmou que Alípio foi a maior expressão literária da causa indígena.

Mossoroense de uma família ilustre foi ainda pioneiro do ensino agrônomo no Rio Grande do Norte, quando batalhou pela construção do Centro Agrícola em Upanema.

Foi o homem que não quis governar o Rio Grande do Norte, que tanto honrou na sua vida de soldado e patriota.

## 2ª Parte

### 4 – As galinhas miraculosas

As Galinhas Miraculosas são um capítulo do livro “Vale de Josafá”, cuja primeira edição é de 1919, publicada no Rio de Janeiro. Não nos foi possível identificar o ano em que o capítulo foi escrito e se foi anterior à publicação.

Uma curiosidade seria saber quem é o Padre Bibiano.

Segundo Nestor Lima(2) Pedro Paulino e Silva foi o vigário de Mossoró no período 1907-1914, Manoel de Almeida Barreto, de 1914-1918, e Ulisses Maranhão, de 1918-1920.

Nem com a ajuda do Monsenhor Severino Bezerra, historiador do clero católico do Rio Grande do Norte, foi possível descobrir quem era Bibiano<sup>2</sup>.

#### As galinhas miraculosas

“Um dos inconvenientes de certas senhoras virtuosas, é a exploração que fazem com a sua própria virtude. Há mulheres honestas, que, receando, talvez, que ninguém lhes descubra as altas qualidades morais, vivem geralmente, a proclamá-las dos conhecidos, das amigas, e, sobretudo, do marido. E quando se dá com elas um fato mais evidente, um episódio demonstrativo da sua seriedade, esse episódio vem sempre à baila, repetindo insistentemente em todas as circunstâncias e lugares. Eu sei, por exemplo, de uma que tendo repellido há trinta anos os atrevidos galanteios de um cavalheiro intolerável, não admitiu, nunca mais, as dúvidas do esposo. Quando este se exalta, enciumado, é infalível a réplica da senhora:

– Tu não te lembras, então, que tive a coragem de repelir o Moreira? Quem fez aquilo é capaz, porventura, de enganar seu marido?

---

<sup>2</sup> BEZERRA, Mons. Severino. Levitas do Senhor no Oeste Potiguar. Col. Mossoroense – Série “C” – Vol. 394, 1987. In. “70 Escritores Brasileiros Falaram de Mossoró”. FVR/CM, Série “C”, vol. 1118, 2000.

Esses heroísmos domésticos representam, às vezes, para certas damas, o papel daquelas galinhas do vigário de Mossoró, de que me dava notícias, há dias, na Avenida, o deputado Rio-grandense do Norte, Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros.

O vigário de Mossoró, padre Bibiano, era conhecido na sua paróquia como o sujeito mais sovina do Rio Grande do Norte. A sua economia chegava a tal ponto que a Semana Santa, na sua casa, começava em janeiro, unicamente para aumentar os dias de jejum. Um dia, porém, a cidadezinha foi alarmada com uma notícia sensacional: Padre Bibiano havia comprado um jacá com doze galinhas, que pretendia comer! E era verdade: momentos depois, chegando à janela que dava para um terreno vago, ao lado da casa, o venerado sacerdote colocava à sua mão direita o jacá, e fazia a seguinte prédica, ao povo reunido:

- Vocês são uns avarentos, uns usuários, uns unhas-de-fome. É preciso que eu dê a vocês o exemplo, mostrando como se vive. Olhem: aqui estão doze galinhas, para as minhas canjas. Agora vão furtar, para ver o que lhes acontece!

E abrindo o jacá, principiou a atirar as galinhas ao terreno, contando-as, em voz alta:

- Uma!
- Duas!
- Três!
- Quatro!

E, assim, até as doze. No dia seguinte, mandou pegar uma galinha, e comeu. No outro, comeu a segunda. E, assim, comeu vinte, trinta, quarenta, considerando suas, sempre, quantas galinhas encontrava nas ruas de Mossoró.

Há gestos virtuosos, que, para certas senhoras, repetem efetivamente, o milagre das galinhas do Padre Bibiano: rendem para toda a vida, - e ainda sobra!”

### 3ª Parte

#### 5 – Moura Brasil

Moura Brasil, o famoso oftalmologista, é perfilado por Humberto de Campos:

“O Dr. Moura Brasil é cearense?

– É sim, - respondem do Ceará.

Mas do Rio Grande do Norte, protestam:

– Não senhor, é rio-grandense do norte!

Essa questão de naturalidade depende, entretanto, do direito de opção.

As bacias do Jaguaribe e do Mossoró estão divididas, no Nordeste brasileiro, pela serra do Apodi. Nascer mais para lá, ou mais para cá, é ser “cabeça-chata” ou “gerimum”. A vida é, toda ela, em comum; bois cearenses comem o capim do Rio Grande do Norte, e cabras do Rio Grande do Norte estalam os cascos nas pedras do Ceará. E na fraternidade em que vivem os bichos, vivem os homens.

Ao Rio Grande do Norte havia de caber, porém, alguma coisa, na partilha desse grande nome. Com dois meses de idade, foi levado menino para a fazenda do pai, ao lado rio-grandense.

E um mês depois, era batizado na vila rio-grandense do Apodi, em cuja matriz tem registrado seu nome.”<sup>3</sup>

#### 6 – Graça Aranha e Humberto de Campos perderam-se na cronologia mossoroense

José Pereira da Graça Aranha e Humberto de Campos Veras, ambos maranhenses além de grandes da literatura brasileira perderam-se na cronologia de Mossoró:

“Preocupando-se com o anacronismo de Graça Aranha, no seu romance mencionado, afirma que ele não poderia ter citado, em 1923, o ataque de Lampião a Mossoró, fato que só aconteceria 5 ou 6 anos depois, no que comete também um erro histórico.

Romance não é história, mas quando se refere a fatos históricos, deve obedecer com rigor possível a cronologia, afirma o escritor de “Memórias” e “Memórias Inacabadas”.

5 ou 6 anos depois, levaria a investida de Lampião a Mossoró a 1928 ou 1929, quando a data exata da vitória de Rodolfo Fernandes e do seu bravo exército de civis, aconteceu a 13 de junho de 1927.

<sup>3</sup>CAMPOS, Humberto de. Perfis. (Crônicas). Primeira Série. W.M. Jackson Inc. Editores, RJ, 131, 304 p.

“A Viagem Maravilhosa”, na sua 3ª Edição, fomos encontrá-la num sebo da Livraria Brandão do Recife, tão famoso pela sua riqueza bibliográfica como pela altura dos preços que cobra da freguesia.

Mossoró aparece no livro de Graça Aranha entre as páginas 310-313. Um dos seus personagens nordestinos, que era cantador, afirma “que o sertão não é só cantoria. Lá se briga a vida inteira de verdade”.

Os nordestinos encheram-se de vaidade para parecer aos camaradas paulistas e aos colonos, como valentes e infatigáveis batalhadores. Um dos camaradas sertanejos, que havia acompanhado os tocadores blasonou:

– Nós somos da terra do cangaço, onde a gente peleja dia e noite...

Os companheiros riram, ufanos...

– Aí, cangaceiro velho... tu estás espantando esta arraia mofina, como a terra fria deles...

Os camaradas paulistas riram contrafeitos da pabulagem nordestina. Filipe, interveio para perguntar ao cabra sertanejo se ele fora cangaceiro. O homem respondeu ousado:

– Nhor, sim, não tenho pejo e não minto, assegurando a vossa senhoria que já trabalhei no cangaço...

Lampião? Indagou rápido Filipe.

– Nhor não, eu conheci o Virgolino quando estávamos ambos os dois sob as ordens do grande Sinhô Pereira. Vossa Senhoria nunca ouviu falar? Chefe do Cangaço, como aquele, nunca houvera, nem Luiz Padre...” (pág. 310-311).

Um outro camarada nortista (nordestino) “pequeno, magro, seco, amarelo-fosco”, entrou na conversa.

Teria sido cangaceiro de Lampião.

“Se tu topasse Lampião, paulista frouxo, tu e toda esta gente paulista morria de medo. Pois te asseguro que fui do cangaço de Lampião... Não há inconveniente...”

Filipe interessou-se pelo que confessara o camarada.

Interrogou-o com cuidado, animando-o e justificando-o. O cangaceiro foi abandonando a desconfiança e, por vaidade, ia narrando episódios do bando, a que pertencera. Eram assaltos às povoações, aos engenhos e às fazendas, resgates de prisioneiros, contribuições de dinheiro, gado, armas e balas. Só

assim as populações eram poupadas. E rematou contando a ocupação que fizeram, na vila do Limoeiro, no Ceará, quando se escaparam da polícia paraibana.

– Saiba vossa senhoria, que nós demos uma batida nas tropas do governo e fomos varando pelo Ceará a dentro, depois do ataque de Lampião sobre Mossoró, que foi uma vitória sem igual. No Limoeiro, tudo estava em festa para receber os cangaceiros”.

A recepção festiva aos cangaceiros de Limoeiro confere com a verdade histórica. Mas a vitória de Lampião sobre Mossoró foi uma grande mentira.<sup>4</sup>

#### 4ª Parte

7 – Cantidiano Bermudes de Oliveira casou-se com uma moça de Mossoró.

Cantidiano Bermudes de Oliveira, Cantidiano, ficção ou personagem real, é capítulo de *“Sombras que Sofrem”*, casou-se com uma mossoroense e não foi feliz.

Funcionário do Tesouro Nacional, por concurso, bateu Seca e Meca, a começar de 1910, dois anos após o seu ingresso no Serviço Público Federal.

Passou por todas as alfândegas e delegacias fiscais.

Conheceu Recife, Cuiabá, Jaguarão, Manaus e inúmeras outras cidades.

Depois de tanto viajar, durante 15 anos, pensou em se casar.

Carioca da gema, temia unir-se a uma conterrânea, pois acreditava que a fidelidade feminina era virtude da província.

Carioca que funda família no interior ou fica lá criando galinha ou vem para a Capital trazendo sogra, filhos da sogra, sobrinhos da sogra, cachorro, gato e papagaio da sogra.

Decidiu-se a consorciar-se com uma mossoroense e logo foi para o Rio trazendo toda a parentela da mulher e ainda os animais de estimação.

---

<sup>4</sup> ROLIM, Isaura Ester Fernandes Rosado & ROSADO, Vingt-un. *Graça Aranha e Mossoró* – FVR/CM, Série “B”, N° 1383, 1997.

Foi morar perto do Sampaio, mas uma noite veio-lhe a desgraça: a esposa tinha fugido com um vendedor de prestações. Desde então Cantidiano tornou-se filósofo.

Chegou-me certo dia e falou:

“– Veja você... Que fiz eu, de mal, neste mundo, para não ter direito a um lar feliz e consagrado?! Nada! E o que me acontecesse a mim está acontecendo à maior parte dos homens do meu tempo. O lar solidamente constituído é, hoje, uma exceção, quase um escândalo. Noventa por cento dos rapazes que se casaram no decênio em que me casei, estão desquitados, por falta de medida legal mais eficiente e definitiva. Ninguém tem casa! Ninguém tem família!

Os pensamentos de Cantidiano são como os camelos que andam no Deserto. Só eles sabem o caminho que vão tomar. Por isso, não o interrompi. E ele reatou:

– Nós somos as vítimas sem culpa, de uma época de transição. Entre o regime doméstico a que obedeceram nossos pais e aquele sob o qual se estão formando os nossos filhos, há um abismo que a Humanidade devia franquear em oitenta anos, e franqueou em menos de quinze. Minha mãe vivia dentro da sua casa. Minha sobrinha trabalha em um escritório, para onde vai e de onde volta desacompanhada. Mas, a minha sobrinha já foi criada no ambiente em que devia viver. Para ela um galanteio não tem a menor significação. Não acredita no que lhe dizem quando ela passa na rua. Está vacinada contra a sedução. Minha mulher, além de provinciana, foi educada no regime antigo. Veio para a rua, enfrentar o mundo como minha sobrinha. Mas possuía uma alma nos moldes de outrora. O primeiro elogio à sua formosura que lhe dirigiram na via pública, pensou que era sincero, verdadeiro, e correspondeu com um sorriso. E lá se foi, despenhadeiro abaixo, pagou caro, coitada, a culpa de haver adotado hábitos em desacordo com a educação recebida. Se tivesse nascido vinte anos depois, no Rio de Janeiro, em vez de ter visto a luz tão cedo, em Mossoró, nada lhe teria acontecido. Seria indiferente às palavras do conquistador idiota como acontece com qualquer moça de hoje, posta desde a infância em contato com a multidão. Para esta, a amabilidade galante de um pelintra é tão natural e desprezível como o salpico de lama que o automóvel lhe atira na passagem: mas, para a mulher da geração anterior, esse galanteio representa uma rosa, que não se deixa no chão.

Mandei vir café. O café é o combustível dos filósofos. Cantidiano tomou uma xícara, virando-a de uma vez, a cara voltada para cima. E insistiu:

– Essa epidemia de separações e desquites que anda por aí é um simples sintoma desse desequilíbrio entre a educação de ontem e a vida de hoje. Está acontecendo com as mulheres que foram criadas no lar e quiseram afrontar os perigos da rua o que sucedeu com as galinhas lá de casa. Você não viu ainda a minha criação de galinhas?

– De longe, apenas. As galinhas só me interessam depois de assadas, ou de preparadas em molho pardo.

– Pois bem. No tempo de minha sogra, todas as galinhas do nosso quintal tinham as asas cortadas. A velha metia-lhes a tesoura nas penas da asa, decepando-as rente. Com o afastamento desta boa senhora, as frangas que nasciam ficavam com todas as penas das asas. Resultado: hoje, as frangas, e até as pintas, sobem para o poleiro com a maior facilidade, ao passo que as galinhas já idosas não ostentam a mesma proeza sem dar dois ou três trambolhões!

– Você acha, então, que a epidemia dos desquites e separações conjugais vai desaparecer? – aventei.

– Eu? Eu acho sim, – confirmou Cantidiano. – O imposto feminino de infortúnios domésticos tem de ser pago, quase todo, pelas mulheres que se acham hoje entre os trinta e os cinquenta anos. Coube-lhes, na partilha dos bens e das misérias do mundo, essa desgraça irremediável.

Pôs-se de pé, espreguiçou-se e concluiu:

– Ajudemos as galinhas que tombam do poleiro... elas não caem por sua vontade... é que foram criadas sem asas...

Disse isso, e saiu. E quando passou na esquina, os cachorros lhe caíram em cima.”<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup>CAMPOS, Humberto de. Sombras que Sofrem. Págs. 214 a 217



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MENEZES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro*. RJ, 2ª Ed. Livros Técnicos e Científicos S/A, 1978. 830p.
- CAMPOS, Humberto de. *Crítica*, 2ª série. SP/Gráf. Edit. Bras. Ltda., 1958, 488p.
- ARANHA, Graça. *A Viagem Maravilhosa*. RJ, 3ª Ed. F. Friguiet & Cia. Editores. 1994, 400p. In. "70 Escritores Brasileiros Falaram de Mossoró". FVR/CM, Série "C", vol. 1118, 2000.

---

\* Isaura Ester Fernandes Rosado Rolim, Caio César Muniz e Vingt-un Rosado são organizadores do livro "70 Escritores Brasileiros Falaram de Mossoró". FVR/CM, Série "C", vol. 1118, 2000. Vingt-un, membro da Academia Nortério-grandense de Letras.

## EM LOUVOR DE UM JUSTO

*Fernando Abbott Galvão\**

Visitei pela primeira vez o desembargador Benício Filho quando já estendido no esquife em que o sepultaram, envergando a toga que tanto dignificou pela sabedoria de sua doutrina e pela grandeza de seu exemplo. Quis valer-me de suas derradeiras horas sobre a terra, para levar-lhe as homenagens que lhe devia como advogado e que, por circunstâncias várias, não pudera render-lhe em vida.

Seu semblante tranqüilo e a tristeza serena dos amigos e parentes, em meio à casa povoada de reminiscências e relíquias de longa e honrada judicatura, compunham um quadro digno das folhas amarelecidas daqueles velhos hagiológicos em que se narram a vida e morte dos justos. Justo também fora aquele que se aprestava para a grande viagem, a fim de comparecer à instância suprema, onde, por sem dúvida, veria de logo confirmadas todas as suas decisões terrenas, porque as ditara o mais cristalino espírito de justiça.

Para o excelso magistrado, a justiça tinha de ser uma virtude que reunisse todas as demais, pois encarava a ordem jurídica como sendo, necessariamente, uma simples dependência da ordem moral. Para ele, ser justo tinha aquele sentido de perfeição moral que os filósofos gregos e romanos já emprestavam àquela palavra.

Desconheceu ele o que fosse o interesse influindo na decisão de um feito e não admitiu jamais que as razões de estado alterassem o curso e o desfecho de uma causa submetida a seu julgamento. Na aplicação do direito, não teve limite outro que a equidade, porque de outra forma estaria ferindo o princípio de que a justiça é igualitária e visa à garantia da igualdade ou ao restabelecimento dela.

Afastou-se da magistratura quando mais necessários eram seu exemplo e sua vigilância, contribuições inestimáveis para que não fôssemos arrastados pela voragem de paixões que tanto nos ameaçam. Para os bons, os honrados, os dignos, os isentos de corrupção, sua vida era um estímulo e um penhor de justiça;

aos maus, aos desonrados, aos inverdadeiros e aos devassos fulminava com sua presença, como uma permanente nota censória lançada na face de todos eles, queimando como vitríolo e atormentando-os noite e dia.

A mentira ressalta ainda mais pelo contraste com a verdade e era esse contraste que temiam os falsos e os prevaricadores. Os que curvam a cerviz diante do poder, os que julgam em razão de circunstâncias estranhas ao direito, os que se servem da função de ministrar justiça para malversá-la e os que arrebatam direitos para vendê-los mais adiante, esses, embora também se lamentem, lucraram com a morte de Benício Filho. É um censor de menos, para fiscalizar-lhes os atos, descobrir-lhes as razões e depois apontar seus autores ao julgamento público, que é inapelável, não se submete à força e não se fascina diante de moedas, por mais refulgente que seja seu dourado.

## DIX-SEPT, A NOTÍCIA DE UMA DOR

Vicente Serejo\*

Minhas Senhoras,  
Meus Senhores

A morte de Dix-Sept Rosado caiu nos meus ouvidos como a notícia de um pranto de família. Como uma lembrança triste, dessas que ficam guardadas nas gavetas afetivas de uma velha cômoda adormecida no sótão da alma, ali onde dormem os velocípedes da infância.

Não o conheci. Nem poderia.

O ano que marca o fim da sua vida, 1951, é o mesmo ano em que minha vida começa. Sim, nasci em abril, aquele abril de tardes azuis do poema de Lêdo Ivo, e por isso fiquei assim, com essa alma lírica, imprestável para as grandes lutas. E enrolado na bandeira dessa glória humilde que é ser apenas um cronista de jornal, nada mais que um cronista.

Não trago nos olhos, pois, a imagem viva desse homem que salta como uma legenda banhada de sangue. É como se cumprisse aquele estranho e estranhamente belo sentimento trágico da vida dos que parecem nascidos para viver com pressa, como se viver fosse mesmo aquele verso que é um aviso do poeta Manuel Bandeira – uma agitação feroz e sem finalidade.

Mas Dix-Sept, como o sino forte de sua aldeia, nunca viveu longe de mim.

Um dia, a minha mãe me contou uma triste história de família.

Meu tio Antônio Serejo, seu irmão, estava em nossa casa, em Macau. Viera de férias do seu curso na Faculdade de Direito de Recife. Ali, onde ainda hoje estão pregadas nas suas velhas paredes as vozes de Tobias Barreto, Joaquim Nabuco e Castro Alves.

Fora visitar a mim, o primeiro sobrinho, filho de sua irmã querida, Benigna até no nome. E lá recebeu a notícia trágica da morte de Dix-Sept Rosado. E, também naquelas asas que mergulharam tragicamente no Rio do Sal, em Sergipe, a morte

de José Gonçalves de Medeiros, aquele que escolhera para ser uma espécie de irmão velho.

Estudante pobre em Recife, sonhando em ser bacharel, e o único com alguma chance de se formar dentre seis irmãos, muito unidos e muito pobres, a notícia da morte de José Gonçalves lhe feriu o peito. Fora ele, Zé, como lhe chamava carinhosamente, segundo a minha mãe, que estendera a mão para o rapaz pobre e inteligente que do alto de um casarão antigo, numa pensão de estudantes, olhava as águas mansas do Capibaribe como quem esperava um bom destino.

Hoje, quando vejo os janelões daqueles sobrados abandonados que agonizam, úmidos, diante do rio velho do Recife, cheios de silêncio e solidão, lembro de tudo isso e é como se me sentisse de alguma forma também biografado. Afinal, de certa maneira a minha pobreza de estudante foi a mesma, como uma herança que se reparte em destinos iguais. E como se a cada um de nós coubesse o mesmo ofício da espera.

A notícia da tragédia lhe foi tão forte que do seu pranto inesquecível nasceu essa história triste, como se a tristeza fosse também uma herança entre os guardados da família. Por isso a minha mãe repete, ainda hoje, a história do pranto do meu tio, também tragicamente morto, e que talvez não tivesse chegado a Desembargador se antes não vencesse as dificuldades de estudante. E, sobretudo, se, para vencê-las, não tivesse merecido a mão de um amigo.

Foi assim: José Gonçalves de Medeiros era amigo pessoal do poeta Mauro Mota, diretor do Diário de Pernambuco, a quem indicou seu nome para ser repórter. O mesmo gesto que tivera antes com Newton Navarro. Anos e anos depois, D. Celina, mãe de Navarro, vizinha da minha avó Edith, lamentava-se porque o filho voltara sem ser bacharel, mas com sua alma de artista ainda mais acesa, na vertigem das formas e das cores, e um único diploma que lhe concedia o título de dançarino especialista em tango.

Morto, ficou de José Gonçalves de Medeiros, como um grito surdo, o seu poema da despedida do pássaro morto, escrito em junho de 49, seis anos antes, como o testamento de uma morte pressentida:

O vô também é sensualidade,  
Estremeço e vibração de pássaro,  
Que passou e penetra o espaço  
E era como se possuísse e penetrasse a alma do tempo.

Se eu morrer como um pássaro  
Deixo aos que me amaram, aos que me quiseram e me  
gostaram  
Como eu era com o meu sempre e displicente adeus

Estou compreendendo que se eu morrer  
Num vô, antes de tocar a terra,  
Do mundo serei como a pena do pássaro ferido de morte.  
Serei um pássaro de fogo, que vem do céu para repousar  
No seu ninho de areia.

Chorem, bebam, dancem, passeiem:  
Pela alma do amigo que não foi pássaro, mas morreu como  
ele.

Como, diante de uma história tão triste, a imagem de Dix-  
sept viveria longe de mim?

E mesmo sem ter nos meus olhos a imagem viva do seu  
rosto, preso que ficou para sempre nos traços imóveis do retrato  
e nas duras formas do bronze, pergunto, num vô da imaginação:  
Como seria ele? Parecido com o pai? Talvez parecesse. Talvez  
não. Os que lhe conheceram retocam sua fisionomia com os  
traços da firmeza máscula e da bondade humana. Como o velho  
Jerônimo Rosado, o patriarca, que Câmara Cascudo, seu biógrafo  
ilustre, descreve, ele também sabia dominar...

“...a multidão furiosa, depredadora, insubmissa. Dominava  
sem uma palavra. Apenas a presença tranqüila aos olhos  
mossoroenses” ?

Depois de descrever o velho Jerônimo Rosado, fixando-  
lhe o tipo marcante e inesquecível, Cascudo avisa como quem  
espera ter feito o leitor compreender muito bem o que são os  
homens, dizendo:

“Um homem é invariavelmente a soma dos muitos homens que nele vivem. O meu Jerônimo Rosado é o que encontrei no diagrama do percurso, de 1861 em Pombal a 1930 em Mossoró”. E acrescenta, perfeito e sereno: “O meu, vale dizer, visto por mim”.

O Dix-Sept que vejo, é o meu Dix-Sept, esse visto por mim, na dimensão desse milagre de lembrança e transposição.

Não o homem fechado em si mesmo, que nunca vi; nem o político, o exímio jogador dos tabuleiros partidários, que nunca conheci; nem mesmo o sedutor de multidões que sequer nunca ouvi. Mas, Dix-Sept, o homem visto por mim: uma legenda de dor a timbrar de tristeza uma velha história de família.

Talvez traga comigo de forma inconsciente, e viva, aquele mesmo sentimento invisível diante das coisas imponderáveis. Aquele que assaltou seu amigo Antônio Soares Filho quando sentiu, ao vê-lo sem saber que era pela última vez, na noite da véspera de sua viagem, envolvido no estranho mistério da despedida, como se fosse para nunca mais.

Para Hélio Galvão, seu biógrafo, Dix-Sept “tinha o raro segredo, o homem sem títulos acadêmicos, de tocar a sensibilidade do povo, pelo fascínio de sua presença, pela simpatia irradiante que era um dom de Deus”.

E acrescenta Hélio, como se precisasse de mais dois traços para completar o retrato de corpo inteiro, afirmando que ele tinha as duas qualidades que mais atestam a condição humana de um verdadeiro homem: –

“... nobre e generoso até ao sacrifício”.

Com seu olhar erudito, disciplinado por um autodidatismo que o fez um historiador de grande porte e dono de um modelo de observação sistemática que lhe dotava de uma visão sociológica, Hélio Galvão sentiu as circunstâncias que formaram a gênese política e social de Dix-Sept. Viu o poder decadente dos velhos coronéis, mas percebeu com precisão o papel que ainda lhes cabia se por acaso surgisse um novo líder que fosse capaz de chamá-los e ouvi-los. Desde que vinculando essa partilha de luta às mais legítimas raízes dos que nascem para servir ao seu povo e à sua terra. Ouçam Hélio, ao descrever as relações sociais e políticas da época:

“Relegados ao silêncio ou esquecidos nos sertões interiores, os velhos coronéis patriarcais, desgastados no poderio econômico e ignorados no ostracismo político, ainda sobreviviam em alguns dos seus exemplares, e ainda podiam erguer a voz aliciante de outros tempos, herdeiros dos seus ascendentes no patrimônio econômico conservado ou na chefia consultiva para certos problemas de terras ou para financiamento da agricultura que os bancos desconheciam. Estes remanescentes de uma fauna estranha tinham dado à nossa democracia uma configuração caudilhesca, mas de qualquer modo haviam imprimido na face da nação os traços de sua formação democrática”.

Vinha chegando, como escreve o próprio Hélio, a madrugada de 45, a madrugada da redemocratização.

E a partir dali, do prefeito que revolucionou a cidade e, logo depois, do candidato vitorioso ao Governo do Estado, se consolidava um novo líder, nascido do menino que viera ao mundo a 25 de março de 1911.

É ainda de Hélio Galvão a descrição da moldura familiar e humana do menino que seria governador:

“A vida era modesta, mas a casa era farta. Hospitaleira e grande, para a filharada que crescia e para os hóspedes ilustres que chegavam. Nos quartos dos filhos as redes se cruzavam. Aquele menino – relembram os irmãos – era muito chorão”.

Em 1981, nos quarenta anos de sua morte, Raimundo Nunes entrega aos leitores, no perfil que escreveu sobre Dix-Sept Rosado, os traços da contemporaneidade vivida no Ginásio Santa Luzia. E informa, como uma referência de valor testemunhal, que desde cedo Dix-Sept já revelava nos bancos escolares sua vocação para ser um homem público, mesmo quando ainda se fixava, unicamente, nas atividades empresariais, na indústria de gesso da família. Como escreveu Hélio Galvão, seu biógrafo mais extenso, ali estava o filho do dono que trabalhava como um simples operário entre operários simples.

Também em 1981, Raimundo Nonato, aquele que nasceu na chã da Serra do Martins para um dia descê-la como um pobre retirante, trazendo nas mãos calejadas e ainda rudes, uma cabaça de mel e no coração uma alma feita de ternura, viu em Dix-Sept a impressionante vocação para um condutor de multidões.



É o velho Raimundo quem conta a história de uma menina que dias depois da morte de Dix-sept, passa anônima e distraída por um pequeno grupo de homens onde estava Vingst Rosado, o irmão e sucessor, à sombra de um posto de gasolina, em Santa Cruz, naqueles anos distantes:

E conta:

“E no meio do silêncio que compungia o grupo solidariamente, foram todos despertados como se fossem tocados por um choque, pela voz de uma menina que passava pela rua, cantando, alegremente, em tom de festa:

– Dix-Sept Rosado Maia  
Esperança do povo potiguar!

E finaliza, derramando o olhar sobre o mistério da vida:

“Era a consagração anônima do sofrimento, num mundo atormentado pela dor, banhado pelas lágrimas do desespero, na hora em que a voz da inocência repetia o hino da vitória daquele extraordinário condutor de multidões”.

Minhas Senhoras,  
Meus Senhores

Às vezes é preciso retomar a leitura de Dorian Jorge Freire para entender a morte em Mossoró. Talvez ele tenha razão. Ele que viu e sentiu seu pai sair da vida tão discretamente, sem ser uma vítima da solidão. Pergunto com ele, Dorian, mestre da palavra:

“A vida não será a morte?”

Alguns dias acho que sim.

Eu também acredito, lendo Jaime Hipólito Dantas, outro conterrâneo ilustre de Dix-Sept, e um erudito refinado que estudou na Inglaterra, que Mauriac, católico e radical, pode ter razão quando confessa que teme ser verdadeira sua desconfiança de que Deus não presta muita atenção ao que a gente escreve.

Mesmo assim, eu que só tenho para contar essa pequena história de uma tristeza de família, acredito que Dix-Sept, com seus olhos de bronze, ainda hoje olha Mossoró. E sente orgulho. De sua cidade. Do seu povo. Dos seus filhos.

Orgulho de Vingt-un, esse homem precioso, tocado pela ternura humana, nosso irmão mais velho e o melhor de todos nós.

Muito obrigado a todos.

Discurso lido na noite de 13 de julho de 2001, no salão do Museu de Mossoró, nos cinqüenta anos da morte de Dix-Sept Rosado, a convite da prefeita Rosalba Ciarlini.

---

\* Jornalista, professor e escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# INDICAÇÃO ACADÊMICA E ACADEMISMO FABRIZO MACHADO EM NOVA BRASÍLIA

de Fabrizio Machado

## III

### Novo Acadêmico



# SAUDAÇÃO AO NOVO ACADÊMICO TARCÍSIO MEDEIROS, EM NOME DA ACADEMIA

*João Wilson Mendes Melo\**

Fosse a Lei uma consagração mais rigorosa do Direito Consuetudinário haveria de taxar as amizades próximas e duradoiras entre os homens como impedimento real para muitos atos jurídicos, inclusive o de funcionar como testemunha por equiparar-se ao parentesco consanguíneo.

Rejubila-me o encargo de saudar Tarcísio Medeiros neste momento de sua posse na Cadeira 24 desta Academia de Letras, mesmo que para muitos seja, no espírito daquele costume, apenas o depoimento de um informante. Invoco em meu favor o preceito da boa conduta para dar a certeza de expor a verdade, nada mais que a verdade, e no final poder dizer como os escrivães juramentados, que de tudo que afirmo “dou fé, subscrevo e raso”.

Isso porque à pessoa humana excepcional que é este novo acadêmico, estive ligado por muito tempo no exercício da atividade advocatícia, como Procuradores da extinta Legião Brasileira de Assistência, na defesa dos menos protegidos da sorte, nas causas do Direito de Família, nesta cidade Natal. Nessa atividade ele se distinguiu como advogado dos pobres, humildes e ignorantes que o designavam com carinho de “doutor Otacílio, Juiz da Legião”. Seu procedimento nesse setor é digno de registro nos anais da história da advocacia no Rio Grande do Norte, ao lado de Antônio Soares Filho de quem é por justiça substituto na aludida cadeira acadêmica. O conjunto de suas petições iniciais, contestações, recursos e arrazoados, constitui prova de uma atividade intelectual específica que, por sí só, daria direito ao seu ingresso nesta Academia.

Igualmente, sua atividade como docente desde a antiga Escola de Comércio do Professor Ulisses de Gois, desde o Ginásio Sete de Setembro até às Faculdades de Ciências Econômicas, Contábeis e Atuariais, de Filosofia, Ciências e Letras e, finalmente, da Universidade Estadual, federalizada pelo esforço inaudito de Onofre Lopes e hoje Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Suas lições de História do Brasil e de História do Rio Grande do Norte ressoam na memória de muitos cidadãos desta comunidade e que foram seus alunos na juventude. Aliás não se poderia esperar outra compostura dada sua tradição. Ele é neto de Vicente de Lemos que, segundo Luiz da Câmara Cascudo, foi o primeiro historiógrafo do Rio Grande do Norte, tendo realizado magnífico trabalho de codificação.

Ouvi de alunos de Tarcísio Medeiros comentário sobre o conteúdo de suas exposições em classe e também de sua excepcional didática, embasadas essas duas qualidades pela sua vocação para a pesquisa, atividade que o levou a sócio efetivo da IHGRGN. Ele não apenas repetia a história da Cidade e do Estado, como acrescentava a ela fatos que documentos dos arquivos revelavam e às vezes corrigiam o pensamento anterior, trazendo à luz da ciência histórica acontecimentos e personalidades que jaziam nas lápides frias e nos papéis que sobreviviam ao tempo, à poeira e às traças destruidoras.

Ele figura como um dos denodados garimpeiros desse veio de ouro que é para a sociedade a memória dos homens que passaram e que deixaram marcas inapagáveis de como se deve e de como não se deve agir. A ele, a este novo acadêmico, o nosso Estado deve igualmente, este serviço, fruto de uma inteligência que norteou e norteia uma curiosidade científica também reconhecida e considerada pelos que o trouxeram a esta oficina de Câmara Cascudo e Henrique Castriciano.

Este trabalho de Tarcísio Medeiros presenciei de muito perto, como seu companheiro nessa segunda atividade que nos aproximou e tanto o engrandeceu pela positiva participação na formação da mocidade, hoje adulta e bastante consciente.

Mas, sobretudo, flagrei constantemente a sua atividade máxima na arte de escrever, querendo que ficassem suas lições para muito além das sucessivas classes de alunos que tiveram o privilégio de ouvi-lo até que a merecida aposentadoria emudecesse a voz do professor, somente, e não os ensinamentos do mestre-escola dos três níveis de ensino.

Desta atividade, absorvente e dominadora do talento humano, que produz dores numa semelhança entre o ato da criação artística (ato de escrever) e aquelas do nascimento do ser humano na delivrance feminina. A elaboração das obras do

espírito traz sofrimento quando, sobretudo, o escritor deseja dar vida útil e beleza ao produto de sua gestação literária.

Os esforços despendidos nesse desiderato dão hoje a Tarcísio Medeiros o conforto de haver trazido à luz vários livros que multiplicarão o número dos que se beneficiam com uma aprendizagem que responde a muitas indagações do homem de inteligência e sede de conhecimento histórico, sempre num estilo literário que emoldura condignamente tudo que expõe. Daí a relação de tantos manuais, sobretudo de história do Rio Grande do Norte que sua bibliografia registra.

A Academia Norte-rio-grandense de Letras agiu com sabedoria ao trazer Tarcísio Medeiros ao seu corpo de intelectuais.

Meu depoimento nesta saudação não pode deixar de registrar e dizer o homem chefe de família numerosa, que confunde sua vida com a da esposa, filhos, netos e bisneto que sempre foram e hoje são mais ainda, objetos de sua afeição, quase adoração, mesmo que esse termo seja mais próprio do amor a Deus, do Deus da sua juventude, a quem tem sido fiel por toda sua laboriosa vida.

Por fim, a manifestação do amigo que sou, numa amizade de mais de meio século, quero que fique no meu gesto de reunir as forças que a idade deve tornar semelhante às suas, dar-lhe as mãos e conduzi-lo sob o pórtico desta Casa, dizendo em alto e bom som: Tarcísio Medeiros, estamos exultantes pela sua chegada para um convívio que ainda é de luta, mas é, sobretudo, de reconhecimento, de justiça e de louvor.

---

\*Professor e escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.





# A JEITA CLARA DE MACEDO E A POVOAÇÃO DA SÃO DOMINGUISTA DO ASSU

Luiz Carlos Moura Filho\*

Em 1712 a Senhora Clara de Macedo, com Manoel Martins da Costa, assentaram o povoado de São Domingus do Assu por Sebastião de Souza Lima, em 15 de Junho de 1712. A origem do nome do povoado de São Domingus do Assu, a doação (região) no tempo de Manoel Martins da Costa, a origem do nome da cidade do Natal, a origem do Rio Grande, a origem do nome da cidade de Assu e a origem do nome do povoado de São Domingus do Assu.

Em 1712, São Domingus do Assu, com Manoel Martins da Costa, a doação (região) no tempo de Manoel Martins da Costa, a origem do nome da cidade do Natal, a origem do Rio Grande, a origem do nome da cidade de Assu e a origem do nome do povoado de São Domingus do Assu.

## IV

### História

No ano de 1741 surgiu o povoado de São Domingus do Assu, com Manoel Martins da Costa, a doação (região) no tempo de Manoel Martins da Costa, a origem do nome da cidade do Natal, a origem do Rio Grande, a origem do nome da cidade de Assu e a origem do nome do povoado de São Domingus do Assu.

No ano de 1741 surgiu o povoado de São Domingus do Assu, com Manoel Martins da Costa, a doação (região) no tempo de Manoel Martins da Costa, a origem do nome da cidade do Natal, a origem do Rio Grande, a origem do nome da cidade de Assu e a origem do nome do povoado de São Domingus do Assu.

No ano de 1741 surgiu o povoado de São Domingus do Assu, com Manoel Martins da Costa, a doação (região) no tempo de Manoel Martins da Costa, a origem do nome da cidade do Natal, a origem do Rio Grande, a origem do nome da cidade de Assu e a origem do nome do povoado de São Domingus do Assu.

No ano de 1741 surgiu o povoado de São Domingus do Assu, com Manoel Martins da Costa, a doação (região) no tempo de Manoel Martins da Costa, a origem do nome da cidade do Natal, a origem do Rio Grande, a origem do nome da cidade de Assu e a origem do nome do povoado de São Domingus do Assu.

VI

história

# A BEATA CLARA DE MACEDO E A POVOAÇÃO DE SÃO JOÃO BATISTA DO ASSU

*Olavo de Medeiros Filho\**

Em 1712 o Senhor Bispo de Olinda, Dom Manuel Martins da Costa, assinou um despacho, no qual confirmou a doação feita por Sebastião de Souza Jorge, relativa ao terreno destinado à ereção da matriz da freguesia de São João Batista do Assu. A doação, registrada no Livro de Notas do tabelião Sebastião Cardoso Batalha, na Cidade do Natal, capitania do Rio Grande, referia-se apenas à terra necessária à ereção da matriz e da casa do reverendo pároco (1).

O SÍTIO DO ICU, onde foram edificadas a matriz e a casa paroquial, foi herdado por Manoel Brás, herdeiro daquele Sebastião de Souza Jorge. Posteriormente o lcu foi adquirido pelo capitão-mor José Ribeiro de Faria(1).

No ano de 1741 chegava ao Assu, vindo de Goianinha, o capitão-mor José Ribeiro de Faria, natural do rio São Francisco. O mesmo chegou acompanhado da esposa, dona Joana Martins, filha do casal Manoel Lopes de Macedo (2º) e Bárbara Freire de Amorim, filhas e genros; Josefa Martins de Sá, casada com Antônio Cabral de Macedo, filho de Matias Cabral de Macedo e Margarida de Oliveira; Maria do Ó de Faria, casada com Jerônimo Cabral de Macedo, irmão de Antônio; e Clara de Macedo, menor (2).

Assentamento matrimonial de 19.02.1732, fazia alusão ao fato de o capitão-mor José Ribeiro de Faria ser morador em Goianinha e também possuir casa de morada na Missão de São José de Mipibú (3).

Dona Joana Martins faleceu no ano de 1746; seu marido, em 1751. Ambos foram sepultados na matriz do Assu (2).

Os irmãos Antônio e Jerônimo Cabral de Macedo tornaram-se proprietários rurais, possuindo os sítios CASA FORTE e SÃO JOSÉ, respectivamente. Em São José foi edificada a chamada CASA GRANDE. Casa Forte distava meia légua da povoação, ao norte; Casa Grande, “à vista da povoação”. Nela foi instalado o estabelecimento comercial de Jerônimo. A descendência dos dois irmãos ficou conhecida, no Assu, como as Famílias Casa Forte e Casa Grande (2).

Em 15 de setembro de 1751, o Capitão-mor e Governador do Rio Grande, Pedro de Albuquerque Melo, nomeava Jerônimo Cabral de Macedo para o posto de capitão do Regimento de Cavalaria das Ordenanças da Ribeira do Assu, do qual era coronel Antônio da Rocha Bezerra. Em 17 de setembro, o mesmo acontecia com Antônio Cabral de Macedo (4).

Em 11 de novembro de 1755, Jerônimo era nomeado para o posto de sargento-mor daquele dito regimento de ordenanças (5). Referência de 30.12.1772, indicava o fato de Jerônimo ocupar o cargo de coronel regente, no Assu, época em que contava 60 anos de idade (6). Escritura de 6 de fevereiro de 1776, já citava Jerônimo como ocupando o posto de coronel (7).

Com o falecimento do pai, a filha Clara de Macedo herdou o sítio do Icu, no qual achava-se incrustada a povoação do Assu. O inventário do capitão-mor tramitou junto ao juízo de Órfãos da Cidade do Natal, em virtude de Clara ainda ser menor de idade, em 1751 (1).

Segundo a tradição familiar, Clara tomou hábito de Nossa Senhora do Carmo, vivendo em companhia da sua irmã mais velha, dona Josefa Martins, no sítio Casa Forte. Todavia, documento do ano de 1776 concede a Clara a condição de beata, isto é, “mulher que ostenta virtude e devoção a práticas religiosas”...

No dia 12 de setembro de 1774, na povoação do Assu em casas de aposentadoria do reverendo Manuel Garcia Velho do Amaral, onde se encontrava também o tabelião Paulo Coelho, ali apareceu Clara de Macedo, moradora na fazenda da Casa Forte, subúrbios da povoação do Senhor São João Batista, ribeira do Assu, capitania do Rio Grande. Foi então lavrada uma escritura de doação de 75 braças, menos dois palmos, feita por Clara ao Senhor São João Batista, orago da matriz daquela povoação. Dona Clara de Macedo foi representada no ato, pelo cunhado Antônio Cabral de Macedo, seu procurador (1).

Segundo reconhecia a beata, desde a doação efetuada por Sebastião de Souza Jorge, em 1712, “té o presente, não houve inovação alguma a respeito da tal doação, e que atendendo que os fregueses desta ribeira é os que estavam obrigados como paroquianos, a concorrerem para o patrimônio dela, se mostravam omissos, e que ela doadora por esmola e ato voluntário, fazia doação das sobreditas braças de terra, que principia da casa da

preta Domingas, por alcunha Ranes, até a casa do capitão João Pedro Moreira, que fica por detrás da matriz, da parte do córrego, que sendo cordeada em presença de mim tabelião, se achou ser de comprido setenta e cinco braças, menos dois palmos, ou a que chegar na forma confrontada, com quinze braças de fundo para a parte do mesmo córrego, ao Glorioso São João Batista, orago desta freguesia”(1).

Os foreiros do terreno pagariam um vintém de foro, por cada palmo, e não poderiam “criar nele mais que tão somente suas galinhas, e nem retirarem madeiras, nem se utilizarem de cousa alguma da mesma terra, ainda que seja para formar a praça, sem consentimento dela doadora, seus procuradores e herdeiros, e que o recebimento dos ditos foros seria para utilidade do mesmo santo e seu altar”(1).

Cuidou ainda, dona Clara de Macedo, de incluir uma cláusula especial: “querendo ela sepultar-se nesta matriz, lhe dava-se sepultura de graça, no ponto que determina nos capítulos de preceito”(1).

Aos 6 de fevereiro de 1776, na fazenda chamada da Casa Forte, subúrbios e termo da povoação de São João Batista, ribeira do Assu, capitania do Rio Grande do Norte, em pousada do capitão Antônio Cabral de Macedo, ali também se achava presente o tabelião José Antônio Correia de Sá (7).

Na ocasião foi lavrada uma escritura de entrega, paga e satisfação, em que figurava como doadora dona Clara de Macedo, “mulher solteira, moradora no dito lugar”, “das terras e sítio chamado Icu, e seus pertences”. Foi favorecido com a doação o Glorioso São João Batista, representado na ocasião, pelo reverendo cura da freguesia do Assu, o deão Frei Francisco de Sales Gurjão (7).

Segundo consta da referida escritura, a propriedade Icu “princiava nas testadas do Puassá, pela beira do rio Assu, isto té as testadas do sítio Casa Forte, em que se acha a situação da dita povoação, com fundos que contestam com o senhorio do Piató”(7).

Por ocasião da lavratura da escritura, a beata Clara de Macedo esclareceu os motivos que a levaram a doar as terras do sítio Icu:

O espólio do capitão-mor José Ribeiro de Faria respondia a um processo, movido pela Fazenda Real de Pernambuco, que

pretendia lhe fosse paga “uma grande soma de dinheiro, por foro que se dizia deverem atrasados, montando mais que seus valores, ficando perpetuamente onerosas, tendo sido dadas em sesmaria, sem pensão alguma, e para as defender, ofereceu-as ao dito seu cunhado Jerônimo Cabral de Macedo, por não experimentar pegarem-se-lhe seus escravos, pelo excesso em que se dizia ficavam alcançados de ditos foros, além das mesmas terras, e repudiando o dito seu cunhado o oferecimento, recorrera ao Glorioso São João Batista, patrono desta freguesia, de sua livre vontade, sem constrangimento ou indução de pessoa alguma, prometendo-lhe com voto, transferir-lhe referidas terras, se por sua intercessão alcançasse de Deus Nosso Senhor, livrá-la daquela pensão e cobrança pretendida, e como sendo julgados por isento de tal pensão, logo que foi dada a sentença, ou dela teve notícia, determinara ela, dita beata, ao seu procurador, o dito seu cunhado, o Coronel Jerônimo Cabral de Macedo, que o rendimento que fosse cobrado das ditas terras, os entregasse ao tesoureiro do Santo, na mesma forma queria ela fazer entrega das sobreditas terras, em cumprimento de sua promessa e voto”(7).

Determinou ainda dona Clara, que os ditos rendimentos seriam aplicados nas obras da matriz do Assu, principiadas com esmolas do povo. Esclareceu mais, que ficavam fora da doação os chãos “em que se acham plantadas as duas casas, dos ditos seus cunhados, em que assistem quando vão à povoação, por lhes haver dado anteriormente, sem pensão alguma”(7).

Da leitura da escritura, constata-se uma triste referência: a beata Clara de Macedo era uma mulher cega, privada do sentido da visão...Não sei informar se no Assu existe algum logradouro público que perpetue o nome da piedosa beata Clara de Macedo, doadora da terra onde hoje repousa aquela cidade...

## NOTAS

- (1) Escritura de doação de 75 braças, menos 2 palmos, que doa Clara de Macedo, ao Senhor São João Batista, orago da matriz da povoação do Assu (12 de setembro de 1774). Livro de notas do Cartório do Assu-(RN). Coleção Francisco Amorim (Chisquito), Assu-RN;

- (2) SOARES DE MACEDO, Antônio. Breve Notícia sobre a Árvore Genealógica da Família Casa Grande, residente na Cidade do Assu, Estado do Rio Grande do Norte, pp 4-6. Natal: Tip. Da Comp. Livro-Tipográfica Natalense, 1893;
- (3) Livro de Casamentos da freguesia de Nossa Senhora da Apresentação (Natal), 1731-1740. Acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Caixa nº 103;
- (4) Livro nº 9 do Registro de Cartas e Provisões do Senado da Câmara do Natal – 1743 – 1754, fls. 176 v-179v. Acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Caixa nº 67;
- (5) Livro nº 10 do Registro de Cartas e Provisões do Senado da Câmara do Natal – 1755-1760, fls. 85-86. Acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Caixa nº 67;
- (6) Livro nº 12 do Registro de Cartas e Provisões do Senado da Câmara do Natal – 1762-1775, fls. 221-v. Acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Caixa nº 100;
- (7) Escritura de entrega, paga e satisfação, que faz a beata dona Clara de Macedo, ao glorioso São João Batista, das terras e sítio chamado ICU, e seus pertences (6 de fevereiro de 1776). Livro de Notas do Cartório do Assu-(RN). Coleção Francisco Amorim (Chisquito), Assu-RN.

---

\* Historiador e genealogista, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras

# O SYNDICATO CONDOR E O GOVERNO POTIGUAR

*Pery Lamartine\**

Certamente Augusto Severo não se motivou a fazer pesquisas sobre a aerostação, pelo fato de haver nascido no Rio Grande do Norte. A vocação deste Estado para assuntos aeronáuticos ainda não havia se revelado.

Quando dos seus estudos em Paris, a atividade aérea ainda estava na fase dos balões experimentais, e ninguém na época, podia imaginar qual o futuro daqueles experimentos loucos. Só após o sucesso de Santos Dumont, com o mais pesado do que o ar, é que começou a se vislumbrar o ilimitado futuro do avião. Ele mal acabara de fazer voar o seu "Demoiselle" e já era contatado por jovens aventureiros, encomendando naves semelhantes, para usá-las em competições aéreas e "raids" de longa distância.

A Primeira Guerra Mundial (1914/18), ofereceu a oportunidade do aperfeiçoamento dos aeroplanos ainda com tempo de usá-los naquela catástrofe mundial. Por incrível que pareça, o mesmo avião que serviu a guerra, depois foi servir a paz.

O industrial francês, Pierre Latécoère, homem de horizontes largos, saiu na frente e encontrou a solução para os aviões, excedentes de guerra, que se amontoavam no pátio de sua fábrica, nos arredores de Toulouse. Criou a Latécoère, a mais extensa linha aérea da época, desde a França, Norte de África, Dacar, América do Sul até a Patagônia, com o objetivo de transportar malas postais.

Por essa época, Natal já era visitada por aviadores aventureiros que disputavam prêmios em dinheiro para vôos de grandes distâncias. Por aqui passou o cearense Pinto Martins (1922), o italiano De Pinêdo (1927), o paulista Ribeiro de Barros (1927), o francês Paul Vacher (1927), implantando os serviços da Latécoère, além de outros, usando Natal como ponto de apoio para os seus vôos.

No rastro da Latécoère vieram outras empresas, como foi o caso do SYNDICATO CONDOR, uma subsidiária da Lufthansa alemã, fundada em 03 de fevereiro de 1927, por germânicos



radicados no Rio Grande do Sul. A ação partiu das seguintes pessoas e empresa: Fritz W. Hammer, Max Sauer, Staltz & Cia e o Conde Ernesto Pereira Carneiro.

No dia 28 de março de 1927, o SYNDICATO CONDOR iniciava as suas operações partindo de Porto Alegre para Pelotas, voando com hidro aviões sobre a Lagoa dos Patos. Posteriormente Natal entrou no plano de expansão da empresa, sendo representada nesta praça pela firma Gurgel Lueck & Cia, e o Presidente, Sr. Fritz W. Hammer, tinha escritório no Rio de Janeiro.

Como bom negociador que era e arguto observador, o Sr. Hammer logo percebeu o interesse do Governo do Estado em acolher a atividade aérea nesta Capital. Colocou-se a disposição do Presidente (Governador Dr. Juvenal Lamartine de Faria), a fim de conseguir meios, na área internacional, para instalação da infra-estrutura de aeroporto e rádio-farol, facilidades necessárias para navegação aérea. Na Alemanha, conseguiu junto à fábrica Junkers-Flugzeugwerk A. G., sem ônus para o Governo do Estado, um avião com tripulação, para conduzir o Governador a outras Capitais, caso ele se dispusesse a ir falar sobre os benefícios do transporte aéreo. Esse assunto chegou a ser tratado por correspondência, enviada da Alemanha ao Governador Lamartine.

Natal estava sacramentada como ponto estratégico para os vôos transatlânticos, assunto que vale até os dias de hoje e foi bem aproveitado pelos Aliados na 2ª Guerra Mundial.

Lamentavelmente o movimento revolucionário de 1930, pensava diferente e o resultado foi o atraso de várias décadas na implantação da nossa infra-estrutura aeroportuária que só foi possível a partir da 2ª Guerra Mundial quando foram dados os primeiros passos.

Natal, 27/outubro/2001

---

\* Empresário e escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

## O ENSINO FARMACÊUTICO NO RIO GRANDE DO NORTE

*Aluísio Azevedo\**

Ao ensejo do transcurso do cinquentenário de diplomação da primeira turma de concluintes da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Natal, neste ano de 2001, tomei iniciativa de produzir um trabalho para fazer a evocação daquele passado distante, que as gerações de hoje e do amanhã jamais poderão deixar de conhecer e exaltar.

Escrevo com a autoridade de quem participou dos primeiros momentos daquela Escola superior, a partir de seu vestibular, realizado em fevereiro de 1949, até o ato final da coleção de grau, que se realizou a 22 de dezembro de 1951. Guardo com o maior carinho, o Convite que fora elaborado para a referida solenidade, aliás, com um detalhe importante: sou, talvez, dentre todos os formandos, o único a possuir tal documento, até os dias presentes.

Inicialmente, focalizo os procedimentos adotados, nos tempos mais remotos, para a criação de uma Escola Superior de ensino, em nosso Estado, utilizando, como fonte de informação, as obras "Universidade - Para que? - Para quem? -", do Prof. Itamar de Souza, a "Síntese Cronológica da UFRN", o do prof. Veríssimo de Melo e a História do Ensino Farmacêutico do RN de autoria da Prof<sup>a</sup> Maria Célia Ribeiro Dantas e Aguiar, além de pesquisas em coleções do Diário Oficial do Estado.

Nas primeiras décadas do século passado, houve uma conjugação de esforços das elites culturais e administrativas do Estado, com o objetivo de fundar um estabelecimento de Ensino Superior, em nossa Capital. O primeiro passo foi dado com a aprovação da Lei nº 497, de 02 de dezembro de 1920, que autorizava o Governo do Estado a criar uma escola de Farmácia em Natal, que foi finalmente instituída por meio do Decreto nº 192, de 08 de janeiro de 1923.

O Currículo da Faculdade era composto das seguintes matérias: Física, História Natural, Microbiologia, Higiene, Química Mineral, Química Orgânica, Química Analítica, Toxicologia, Legislação Farmacêutica, Farmacologia e Bromatologia. O curso

tinha a duração de 3 anos e o ano letivo era iniciado em 1º de abril e terminava a 14 de novembro. As aulas, no primeiro ano de funcionamento, tiveram início em 16 de abril de 1923.

Por meio da Lei nº 570, de 01 de dezembro de 1923, foi criado o Curso de Odontologia, anexo à Escola de Farmácia, razão pela qual passou a denominar-se Escola de Farmácia e Odontologia de Natal. Convém salientar que a Escola, no seu primeiro ano de funcionamento em 1923, contou, apenas com 4 alunos aprovados no vestibular, que fora realizado a partir de 02 de abril de 1923 e para o qual foram inscritos 26 candidatos. Os alunos daquela turma foram: Áureo Paiva, Álvaro Torres Navarro, José Almeida Júnior e Oton Paulino de Santana, acrescidos de mais 22 alunos ouvintes e cujas aulas foram ministradas no prédio do Atheneu Norte-rio-grandense. O 1º Diretor da Escola foi o Dr. Januário Cicco, que fora sucedido pelo Dr. Vale de Miranda, ambos professores da referida Escola.

A primeira e única turma de Farmacêuticos da citada Escola foi diplomada em 19 de dezembro de 1925, sendo composta de apenas dois (2) farmacolandos: José de Almeida Barreto (que fora o orador da turma) e Álvaro Torres Navarro. Logo depois desse ato solene, que fora o primeiro realizado em nosso Estado, aquela Escola deixou de existir, segundo uma versão, por motivo de rivalidade política, entre o Governador de então, Dr. José Augusto e o criador do estabelecimento o ex-Governador Antônio de Souza. Há, no entanto, outra versão dando conta que o fechamento teria sido ocasionado por motivo da ausência de alunos.

Finalmente, a 3 de fevereiro de 1947, o Decreto Estadual nº 682, do Interventor Federal Orestes da Rocha Lima, cria a **Faculdade de Farmácia e Odontologia de Natal**, que fora uma idéia do Prof. Luiz Soares de Araújo. O seu funcionamento fora autorizado pelo Decreto Federal nº 25.973, de 06 de dezembro de 1948. O Regulamento da referida Faculdade fora aprovado por meio do Decreto Estadual nº 1.554, de 01 de março de 1947. Consultando coleções do Diário Oficial do Estado, encontrei a nomeação do seu 1º Diretor, o Dr. Adolpho Ramires, em data de 13 de março daquele ano de 1947, bem como, no dia 14, dos Professores: Pedro Segundo Soares de Araújo, para a Cadeira de Química Orgânica e Biológica e José Gurgel do Amaral Valente, para a Cadeira de Física aplicada à Farmácia, ambas

do Curso de Farmácia, bem como a de Sebastião Monte, para a Cadeira de Histologia, do Curso de Odontologia. O Dr. Joaquim Luz Cunha fora nomeado Professor da Cadeira de Zoologia e Parasitologia, do 1º ano do Curso Farmacêutico, pelo Decreto de 20 de março de 1947.

De acordo com um Edital da Faculdade, datado de 30 de Dezembro de 1948 e publicado no D.O de 06.01.49, foram abertas as inscrições de candidatos para o exame vestibular. Outro Edital de 07.02.49 estabelecia a realização das provas do referido exame, para as seguintes datas do mês de fevereiro daquele ano. Provas escritas: Biologia no dia 14; Física, no dia 15 e Química, no dia 16, todas às 19,30 horas. As provas orais seriam realizadas nos dias 17 e 18, também no mesmo horário. O resultado do exame foi divulgado no dia 21 de fevereiro, pelo qual foram habilitados 16 candidatos, dentre os 36 que haviam feito inscrição, para ambos os cursos, dos quais 6 foram do Curso Farmacêutico e 10 do de Odontologia. A Congregação de Professores, reunida logo depois, resolveu realizar uma segunda época do mesmo vestibular, na qual forma aprovados mais 3 candidatos para o Curso Farmacêutico e 4 para o de Odontologia. Ainda de acordo com outro Edital, de 04 de março de 1949, os candidatos aprovados, para ambos os cursos, foram convocados para o ato de matrícula, que se realizaria durante o período de 05 a 10 de março. As aulas foram iniciadas no mesmo mês de março, em salas do prédio do Ateneu Norte-rio-grandense, localizado na Avenida Junqueira Aires, hoje Luiz da Câmara Cascudo. Ressalte-se que as bancas examinadoras do referido vestibular foram integradas cada uma de 3 membros, só sendo possível lembrar os nomes dos Professores José Cavalcanti de Melo, José Tavares da Silva e Leonel Freire, além de 3 Irmãos Maristas, que foram convocados pela Direção da Faculdade, para funcionarem como examinadores.

Como o curso Farmacêutico tinha uma duração de 3 anos, a sua conclusão ocorrera em 1951. O ato solene de colação de grau realiza-se a 22 de dezembro de 1951, no Teatro Carlos Gomes, hoje Alberto Maranhão. A primeira turma de Farmacêuticos era composta de 9 formandos: Aluísio Azevedo, Áurea Barros Cavalcanti de Albuquerque, Djanira Dalva de Farias, Isabel Fernandes de Góis, Ítalo Suassuna (que fora o orador da turma),

Joana D' Arc Barreto, João Olímpio Filho, Paulo Garcia de Oliveira e Vilma Lopes Cardoso. O paraninfo da turma de Farmacêuticos foi o Prof. Joaquim Luz Cunha, o Homenageado Especial, Prof. Adolpho Ramires, Diretor da Faculdade, Preito de Gratidão ao Prof. Luiz Soares Correia de Araújo e homenageados do Curso Farmacêutico: pelo 1º ano: Prof. Esmeraldo Homem de Siqueira; pelo 2º ano: Prof. José Ivo Moreira Cavalcanti e pelo 3º ano: Prof. João Cirineu de Vasconcelos. Fora homenageado, também, o bedel José Elesbão de Macedo.

Do festivo programa daquela colação de grau, constou a celebração de uma missa de Ação de Graças e bênçãos dos anéis, na Catedral de Natal, ato presidido por Dom Marcolino Dantas, Bispo Diocesano, que fora acolitado pelo Cônego Luiz Wanderley e o Padre Nivaldo Monte. Às 22 horas, do mesmo dia, nos salões do Aero Clube de Natal, os concluintes ofereceram um baile à sociedade natalense.

Finalmente, a 29 de julho de 1952, por meio do Decreto Federal nº 31.209, os Cursos da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Natal são reconhecidos oficialmente, razão pela qual os concluintes do ano anterior tiveram os seus direitos garantidos, por meio da concessão do respectivo Diploma, ato que se processou a 11 de dezembro de 1952.

Pela lei Federal nº 3.849, de 18.12.60, os Cursos de Farmácia e Odontologia, da antiga Faculdade, foram desmembrados, passando ambas a constituir Faculdades autônomas e a de Odontologia, posteriormente, passou a ocupar o novo prédio da Avenida Salgado Filho.

O 1º Diretor da antiga Faculdade, como já disse antes, fora o Prof. Adolpho Ramires, o 2º o Prof. José Cavalcanti de Melo e o seu 1º Diretor, após o desmembramento, o Prof. Genário Alves da Fonseca. O primeiro Diretor, após a mudança do nome para Faculdade de Farmácia e Bioquímica, foi o Prof. Raphael Cabral Pereira Fagundes.

Ressalte-se, nesta matéria, que a antiga Faculdade de Farmácia e Odontologia de Natal, por ter surgido antes das demais Escolas Superiores de nossa Capital, fora a primeira a integrar a Universidade do Rio Grande do Norte, por ocasião de sua fundação, em 1958. As demais Escolas Superiores, fundadas posteriormente, a saber: de Medicina, Direito e Engenharia, passaram a compor o seu currículo.

Rememoro, com grande satisfação, os nomes dos nossos professores do Curso Farmacêutico, a partir do ano de 1949, quando tivemos as suas aulas, no seu 1º ano: Joaquim Luz Cunha – Parasitologia; Esmeraldo Homem de Siqueira – Botânica aplicada à Farmácia; Pedro Segundo Soares de Araújo – Química Orgânica e Biológica; José Gurgel do Amaral Valente – Física aplicada à Farmácia. No 2º ano, em 1950, tivemos os seguintes professores: Vicente Dutra de Souza Neto – Química Analítica (que é um dos sobreviventes de toda a turma de docentes); José Ivo Moreira Cavalcanti – Farmacognosia; Leonel Freire – Farmácia Galênica e Adolpho Ramires – Higiene e Legislação Farmacêutica. No 3º ano, em 1951, tivemos os seguintes professores: João Cirineu de Vasconcelos – Farmácia Química; Múcio Galvão de Oliveira – Microbiologia e Neide Gadelha – Química Industrial e Bromatológica, (também sobrevivente.)

Para finalizar esta matéria, cumpro o dever de registrar que, dos 9 farmacêuticos diplomados em 1951, 3 já partiram para a outra vida. São eles: Áurea Barros Cavalcanti de Albuquerque, Djanira Dalva de Farias e Paulo Garcia de Oliveira, aos quais rendo, neste instante, a minha homenagem de saudade, de respeito e de admiração. Sobre eles, o nosso colega Ítalo Suassuna pretende escrever algo sobre as suas personalidades. Resta-me traçar um perfil de cada remanescente. **Ítalo Suassuna:** depois de colar o grau de farmacêutico em Natal, partiu para o Rio de Janeiro, onde se formou em Medicina, em 1957, pela Faculdade Nacional de Medicina, da Universidade do Brasil. Tornou-se professor de Microbiologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pesquisador e cientista de renome nacional e internacional, com mais de 100 trabalhos científicos publicados no Brasil e no exterior. Hoje, aposentado, dedica-se a atividades literárias, no campo da poesia. **João Olímpio Filho:** inicialmente, foi proprietário de Farmácia em Natal, tornando-se, depois, grande empresário de Lojas de móveis, utilidades para o lar e eletrodomésticos, para finalmente, ingressar no ramo de materiais de construção, com a instalação de um moderno Hiper da Construção. Além disso, por motivo de seu elevado conceito, tornou-se dirigente de entidades de classe, às quais pertence. **Joana D’Arc Barreto de Andrade:** exerceu, algum tempo, as atividades farmacêuticas, para depois ingressar no magistério, tornando-se uma notável professora de Biologia, na antiga

ETFRN, hoje CEFET, por onde se aposentou. **Isabel Fernandes de Góis Silva**; especializou-se em Bioquímica em outro Estado, para exercer sua profissão no Laboratório de Análises do Hospital Luiz Soares de Araújo, desta capital, por onde se aposentou depois de longos anos de atividades. **Vilma Lopes Cardoso**: após exercer as atividades farmacêuticas algum tempo, tornou-se funcionária pública da Receita Federal, nesta capital, mediante concurso, por onde se aposentou, recentemente. Finalmente, o autor deste trabalho, **Aluísio Azevedo**, que após sua diplomação, exerceu, durante 20 anos, atividades farmacêuticas, em sua terra natal, tornando-se, depois, professor de Ensino Médio, escritor e historiador, com 10 livros publicados e finalmente membro do Instituto Histórico e Geográfico do RN e da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

---

\* Professor e escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

de 1964, a Lei nº 4.024, de 30 de dezembro de 1964, instituiu o Conselho Nacional de Educação (CNE) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O CNE é o órgão máximo de orientação e controle da educação no Brasil, e o CNPq é o órgão máximo de orientação e controle da pesquisa científica e tecnológica no Brasil. Ambos os órgãos são compostos por representantes de diversas instituições de ensino superior e de pesquisa científica e tecnológica do Brasil.

Para a realização das atividades de ensino, pesquisa e extensão, o Brasil possui uma rede de instituições de ensino superior, incluindo universidades, institutos de pesquisa e centros de pesquisa. A rede de ensino superior brasileiro é composta por mais de 200 instituições de ensino superior, incluindo universidades, institutos de pesquisa e centros de pesquisa. A rede de ensino superior brasileiro é composta por mais de 200 instituições de ensino superior, incluindo universidades, institutos de pesquisa e centros de pesquisa. A rede de ensino superior brasileiro é composta por mais de 200 instituições de ensino superior, incluindo universidades, institutos de pesquisa e centros de pesquisa.







Mentors

# UMA ÁGORA CHAMADA “COCADAS”

*Inácio Magalhães de Sena*

Em depoimento exclusivo, o escritor Inácio Magalhães de Sena reaviva as suas lembranças dos anos 60, em Natal, focalizando, de modo especial, o Grande Ponto – “coração da cidade” – e a Praça Kennedy, então denominada, jocosamente, Praça das Cocadas.

Comecei a aterrissar no Grande Ponto no ano da graça de 1963. Já havia uma comoção nacional em torno de fatos sociais e econômicos, de que o Socialismo parecia ser a solução.

Surgiam pela Pracinha das Cocadas rapazes cabeludos que chocavam os transeuntes tupiniquins. Época de Sartre, de Camus, dos filmes do Cinema de Arte, filmes tão complicados como “Teorema”, de Pasolini, e “O Eclipse”, de Antonioni. Eu ficava esperando uma palavra luminosa de Moacyr Cirne, Franklin Capistrano, Gilberto Stabile e outros doutores na interpretação esotérica dos filmes. Apareceu, então, Vicente Serejo, falando em José Lins do Rego, José de Alencar e tantos outros escritores, já mostrando rara inteligência no que dizia ou analisava. Manoel Onofre Júnior, bacharelado em Direito e assistente jurídico da FUNDHAP, já pensava na “Primeira Feira de José”, enquanto lambreteava pelas ruas da cidade.

“As Cocadas” foi a denominação dada aos monstrenhos quadrangulares que, partindo de uma base no chão da praça, substituíam os bancos tradicionais.

Aos poucos, foi se formando, ali, uma fraternidade de amigos que, em parte, dura até hoje. De lá partíamos para passeios a Estremoz, Ponta Negra, Lagoa do Bonfim, Jenipabu e até Recife.

Eu não devia mencionar nomes, por acabar esquecendo algum. Mas como esquecer Juliano Siqueira, uma das inteligências mais sedutoras que conheço – mártir, nos execráveis anos de chumbo, hoje bem vivo; seus irmãos Mano e Júnio,

inteligentíssimos e muito bem-humorados. Carlos Tinoco, Bonga (irmão deste) e Luciano Almeida estudavam seriamente a doutrina marxista. E no meio desse povo todo aparece Francisco de Paula Medeiros, recém-saído da Marinha, recebido por mim num palanque natalino do Prefeito Djalma Maranhão. Pela sua maneira extrovertida e características bem seridoenses, Medeiros foi apelidado por este que vos escreve de “Alma de Vaqueiro”. E depois foi aparecendo um rapazinho magro que, batizado de Twiggy, viria a revelar-se, anos depois, excelente médico e amigo dos seus amigos como poucas pessoas são capazes de ser. Seu nome: João Batista Costa de Medeiros, bom e culto em muitas áreas do conhecimento humano.

Dando adeusinhos, pelas Cocadas, passava Gizélia, com quem Batista veio a se casar e tiveram filhos maravilhosos.

E no SESC, magrinha e elétrica, conheci Rejane Cardoso, que participava dos auês da época, com camisa de desenho inglês, e que recebeu de mim o apelido “Calangro Britânico”. Ela estava no curruxiado da Rádio Rural, com debates inteligentes e daí surge seu casamento com Vicente Serejo.

No Grande Ponto, toda noite, “assinavam o ponto” os irmãos Diógenes e Demócrito Pereira, excelentes amigos, exímios derrubadores de Ron Montilla. E nossa turma é abrilhantada com a aparição de Zeland Barros, que me escandalizou ao dizer: “Quem é esse galego tão imoral?” Ótima pessoa, seria futuro redator do “The Cocadas Times”, juntamente com os irmãos Gilson e Gilton Carvalho, aplicados estudantes de Medicina.

Agregado e amigo nosso, Manoel Sérgio, enfermeiro e estudante, lutando, titânicamente, para conquistar um lugar ao sol, que afinal conseguiu, formando-se em diversos cursos, e chegando a exercer a Magistratura, sem perder sua simplicidade. Antes de diplomar-se, academicamente, já era mestre e doutor na universidade da vida.

Antônio Capistrano, outro amigo das Cocadas, seguiu caminho semelhante – da Livraria de Walter Pereira a importantes cargos universitários e políticos, de quem cobro muito pelo afeto, em nosso relacionamento, juntamente com Francinete ( Neta ). Eles venceram grandes batalhas, com filhos que vi nascer, e por quem quero muito bem.

Não poderia encerrar estas mal traçadas linhas, sem nomear Hélio Brucutu, uma grande figura, excelente amigo, contador (e ator) de ótimas anedotas. Já foi para as campinas eternas, e deixou marca profunda nos seus amigos.

No momento, só disto me lembro, e passo para o ponto.

VI

Conto





IV

Conto



## A METAMORFOSE ANUAL DE SEU OLAVO

*Francisco Sobreira\**

Todos em São Januário já conheciam aquele ruído e, ao ouvi-lo, identificavam o autor: é o Seu Olavo. E alguém da casa ia receber a correspondência. Seu Olavo era o carteiro. Não se anunciava pela voz, como Ariston, o seu substituto. Correio, gritava Ariston. Seu Olavo adotava o método de bater com a palma de uma mão sobre o volume de cartas empilhadas na palma da outra mão, e tão forte era o som produzido que se podia ouvir pela casa toda. Punha tanta habilidade em seu método que o ruído era escutado mesmo que Seu Olavo trouxesse na mão uma única mensagem. O som, nesse caso, percutia de forma vaga.

Essa maneira de se anunciar, sem a voz, condizia com o temperamento de Seu Olavo, um homem caladão, sisudo, que não apreciava uma boa conversa. O tipo físico colaborava com o temperamento, a bem dizer o completava. Alto, seco de carnes, um bigode grosso, bem tratado, olhos que mal fitavam as pessoas, como se não ousasse encará-las. Seria de esperar que usasse óculos e os seus eram de lentes muito grossas, o que realçava mais ainda o ar sério de Seu Olavo.

Seu Olavo e a mulher formavam um casal que timbrava pelo contraste de temperamentos. Vendo-os, podia-se acreditar naquela afirmação de que os opostos se atraem, pois até no físico apresentavam diferenças. Dona Zizinha era baixa e gorda e apreciava uma conversa, tanto quanto o marido evitava-a. Tinha uma língua maior do que o corpo, com mais peçonha que uma cascavel, e, como se fosse pouco o veneno que destilava, gostava de colocar apelido nas pessoas. Imagino como seria o convívio entre aqueles dois. Dona Zizinha falando sem descanso, Seu Olavo só escutando. E é de se supor que suportasse numa boa a língua de camêlo da esposa, porque só saía de casa para o trabalho, a missa aos domingos, ou para fazer alguma compra. Sem um único amigo, Seu Olavo não era visto num bar ou nas esquinas, ou na praça, em um animado papo. Jamais.

Tinham um filho, com o mesmo nome do pai, mas chamado pelo diminutivo. Olavinho puxara à mãe no físico e também no gosto por uma conversa. Diferentemente de Dona **Zizinha**, no

entanto, o assunto preferido de Olavinho não era a vida alheia. Ele gostava de cinema. Parecia a única coisa que o interessava, quase não falava de outro assunto. e não se contentava em ver o filme (ia a todos, não perdia uma sessão do Cine Éden), precisava contá-lo a quem não o tivesse visto. Narrava o filme de cabo a rabo, não esquecendo os mínimos detalhes. Fosse um seriado, ou um banguê-banguê, ele imitava o som dos tiros ou dos socos. Chegava até a reproduzir o som que anunciava o **trailer** de cenas do seriado da próxima semana.

Dona Sueli, a mulher de Celso Meireles, era uma das mais freqüentes vítimas de Olavinho. Era vizinha dele, mantendo uma certa amizade com Dona Zizinha. Até contam que certa vez Olavinho foi lhe contar um filme de terror e que Dona Sueli não queria ouvir, por não gostar do gênero. Mas esse é colorido, replicou Olavinho, tão sério quanto Olavão, fazendo a vizinha soltar uma gargalhada.

Mas o filho de Seu Olavo tinha outro diminutivo: longe das vistas dele (e dos outros ouvidos) muita gente o chamava de Doidinho. Não tenho certeza se o apelido era uma alusão ao companheiro engraçado e trapalhão dos heróis dos banguê-banguês, mas não há dúvida de que tinha a ver com a grande variedade de tiques nervosos que Olavinho carregava.

Imagino como seria difícil para alguém de passagem por São Januário, ao ouvir um nativo falar a respeito de Seu Olavo, crer que ocorresse uma extraordinária transformação nos hábitos e na conduta daquele homem quando chegava o carnaval. Eu mesmo quando atingi a idade em que o homem descobre que a natureza humana é pródiga em mistérios impenetráveis, sentia-me perplexo diante do espetáculo oferecido por Seu Olavo no período momesco. Durante aqueles quatro dias o que víamos era um homem do qual não restava qualquer vestígio daquele a que nos acostumáramos a ver nos demais dias do ano.

O homem que vivia de boca fechada durante quase o ano inteiro, abria-a no carnaval para cantar as marchinhas e os sambas; o abstêmio dos outros dias, incapaz de pôr os pés num bar, no carnaval bebia da garrafa que trazia no bolso; o homem sempre vestido com roupas sóbrias, no carnaval usava uma fantasia, diferente a cada ano. E a cada ano, à medida que se aproximava a chegada do carnaval, crescia a expectativa dos januaenses em relação à fantasia que Seu Olavo iria usar. Era o

segredo mais bem guardado de todo o planeta. Nem o mais sherlockiano dos homens de São Januário seria capaz de descobri-lo. Calado e discreto como era, Seu Olavo não o revelaria nem mesmo à esposa, mesmo que ela não tivesse a língua solta, como Dona Zizinha. É quase certo que ele a mandava confeccionar na capital. Em São Januário não era, todo mundo saberia.

É certo que mesmo naqueles quatro dias, ainda que desvelando a alma de folião, Seu Olavo conservava o segregacionismo social. (Este o único traço de sua personalidade que permanecia imutável.) Nada de se misturar aos outros foliões, como integrante de um bloco, ou comparecendo aos bailes do clube 4 de outubro. Também no carnaval, Seu Olavo era o homem solitário dos outros dias. Fazia questão de manter-se separado dos outros foliões. E certamente para inibir algum intruso de querer acompanhá-lo, Seu Olavo todo ano aparecia trazendo numa mão um pedaço de pau, que na outra ponta tinha pregada uma tabuleta com a inscrição "Bloco do Eu Sozinho."

Falei, falei, falei e não disse ainda onde Seu Olavo brincava o carnaval. Porque havia um local, o mesmo em todos os anos. Pois muito bem. Ele escolhera o Posto Azul, de propriedade do Horácio Flores. Originariamente um posto de gasolina, acrescido de uma mercearia, com o tempo as duas bombas foram retiradas, mas a mercearia ficou, bem como o nome de Posto Azul. A mercearia passou a vender também bebidas, e na área cimentada, antes reservada às bombas, foram fincados três bancos de madeira, em que se sentavam fregueses, ou não, para conversar. Nesse espaço, entre os bancos, que circundava a mercearia, Seu Olavo brincava o carnaval.

Ele chegava ao Posto Azul pela manhã, depois das nove horas, e saía no começo da noite. Tortuoso o caminho de volta para casa, com Seu Olavo moído de cansaço, a cabeça rodando pela bebida. Mal se sustendo em pé, ele se arrastava apoiando-se nas paredes das casas, até chegar ao seu destino. Por sorte a casa ficava perto do Posto Azul. Mal entrava em casa, caía na cama, só acordando no dia seguinte. E assim ia até a terça-feira. Mas na quarta-feira lá estava ele percorrendo as residências, entregando correspondência. Voltava a ser o caladão, o sisudo, o abstêmio, o recluso do resto do ano.

Agora uma pergunta inevitável: e a posição de Dona Zizinha diante do comportamento do marido no carnaval? Bem, Dona Zizinha se possuía alguma virtude, não era a de procurar compreender o marido. Descompunha-o ao vê-lo chegar em casa naquele estado, descompunha-o de manhã, quando Seu Olavo acordava, e o coitado era obrigado a escutar a cantilena por uma semana, no mínimo, depois do carnaval. Passados aqueles dias, Dona Zizinha voltava a se ocupar da vida alheia, até quando de novo o carnaval batia à sua porta e por algumas horas daqueles quatro dias Seu Olavo se transformava num outro homem.

Morreu num daqueles carnavais. Em São Januário há quem assegure que foi a espécie de morte que ele pediu a Deus. Não que Seu Olavo tenha feito essa confidência, ele lá seria capaz disso! Mas por simples especulação. E tudo porque ele gostava muito de cantar um samba em que o autor revelava o desejo de morrer no carnaval. Seu Olavo nunca deixou de cantar essa música, durante os anos em que se exibiu no Posto Azul. Se tinha esse desejo, Seu Olavo o levou para o túmulo. E suposições é só o que nos resta, pobres de nós, que jamais conseguiremos decifrar o enigma daquela esfinge.

---

\* Escritor, poeta e crítico de cinema.

# CANTO EM LOUVOR DO POETA EUGÊNIO DE ANDRADE

Luizeno Avelino\*

Exilado da história fútil,  
de novo é ipse o maior;  
em sua Habusca, em sua casa, o assolado  
de sua brecha, para figurar as póti-  
culas e o decorado de seu arcaísmo.

Quem leva o sagrado das neblinas  
para adotar o novo que se forá,  
a sua é a obra, não se mais  
transfigurada agora,  
em o quanto não possa dar  
a narração de todos os momentos.

## VII

### Poesia

#### Nota

Primeira parte do poema, escrita para a ocasião do lançamento do livro  
narrado. (Leitura de José Augusto de Carvalho, em 10 de março, junto ao poeta  
Eugênio de Andrade - Prêmio Jabuti de 1971).

\* Autor do livro "Poesia e escritor", membro da Academia Mineira de Letras e do Conselho de Letras.



# CANTO EM LOUVOR DO POETA EUGÊNIO DE ANDRADE

*Gilberto Avelino \**

Em tom de tristeza funda,  
de novo eleva o rouxinol  
o canto. Rebusca, por amor, o espinho  
da rosa branca, para tingir-lhe as pétalas  
com o escarlate do seu sangue.

E na leve estação das neblinas,  
em adeus à neve que se fora,  
a rosa branca, em vermelha  
transfigurada agora,  
não apenas arde, posto que pulsa  
no coração de todos os amantes.

## **Nota**

Poema feito, especialmente, para a coletânea coordenada pelo escritor Joaquim de Montezuma de Carvalho em homenagem ao poeta Eugênio de Andrade (Prêmio Camões 2001).

---

\* Advogado, poeta e escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

CANTO EM LOUVOR DO POETA  
EUGÊNIO DE ANDRADE

Gilberto Araújo

Em tom de irata fúria,  
de novo eleva o trovador  
o canto. Procura, por amor, o espírito  
de sua pátria, que lhe dá as pétalas  
com a escatola do seu sangue.

Ele leve sempre as notícias,  
seja sobre o que se faz,  
a sua pátria, em vênias,  
transfigurada agora,  
não cêntes anos, posto que fúria  
na corção de fúria os amores.

Nota

Trata-se de um texto, especialmente, com a colação de palavras de  
sacris, e com o intuito de Cantar em homenagem ao poeta  
Eugênio de Andrade (Rio de Janeiro, 1907).

Labim/UFRRN, 2014. É uma obra de domínio público. É permitida a reprodução total ou parcial desta obra, desde que citada a fonte.



**PAULO DE TARSO CORREIA DE MELO\***

**14 MOEDAS ANTIGAS**

\*Professor, poeta e escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

PAULO DE TARSO COHREIA DE MELO

14 MOEDAS ANTIGAS

Professor, para a escola, método de Associação Não-Gravando da  
Léves

14 moedas antigas  
não pagam a amizade  
de Carlos Newton  
e Sílvia.

14. 1984-1985  
15. 1986-1987  
16. 1988-1989  
17. 1990-1991  
18. 1992-1993  
19. 1994-1995  
20. 1996-1997  
21. 1998-1999  
22. 2000-2001  
23. 2002-2003  
24. 2004-2005  
25. 2006-2007  
26. 2008-2009  
27. 2010-2011  
28. 2012-2013  
29. 2014-2015  
30. 2016-2017  
31. 2018-2019  
32. 2020-2021  
33. 2022-2023  
34. 2024-2025

Ver en el día o en el año un  
símbolo  
De los días del hombre y de  
sus años,  
Convertir el ultraje de los años  
En una música un rumor y un  
símbolo.

*Jorge Luis Borges*

En una mirada de futuro, un  
Convenio de Alfabetización de los  
años sesenta.  
De los días del hombre y de  
símbolo.  
Ver, en el día a día, un  
símbolo.

Jorge Luis Borges

## **Tributo**

Moeda antiga, sólida e pesada,  
teu perfil entrevisto de momento,  
de geração a geração passada  
no infindo e inquieto mar do tempo.

Riqueza leve e facilmente herdada,  
a ágil graça de cada movimento  
na luz de ouro que não se esgotava  
e era teu apanágio e elemento.

Pobreza minha, que te contemplava,  
impossível usura e encantamento,  
efígie da beleza que brilhavas,

fatal moeda, fugaz investimento,  
de mão em mão, por gerações, passada  
no infindo e inquieto mar do tempo.

## Pastor Protágoras

A Hélade era azul e as palavras  
de ontem moram no peito de hoje -  
ouro de muitas lavras  
bronzes que vieram de longe.

Cordas vocais e músculos  
mexem quando pousas  
auroras e crepúsculos  
sobre os nomes das coisas.

Hordas vogais e nuvens  
passam, cessam e tosam  
ovelhas e hunos

e dá medida a todas  
as coisas, homem,  
e repousas.



## Alexandria, 1990, perto de onde foi o farol

Acordou, às portas da cidade clareada  
pelo mar, onde o alento do mundo  
perpassa. Vestiu a camisa rasgada  
de conquistas e saiu andando

pelo provisório acampamento  
onde morava. Alexandre,  
ainda jovem, no momento  
começa outro dia, o grande

desconhecido, destino seu  
não sabe o corpo seminu.  
Vai atrás do que perdeu

ontem. Não convenceu  
aos turistas o olhar verde e azul.  
Vende postais, o semideus.

## Roma

Antínoo passa despreocupado  
de calça jeans, camisa regata  
e óculos de sol. Vai sendo desejado  
pelos paterfamílias na piazzeta.

Porque o seu mover-se desenha o ar  
de sonhos largos e cintura estreita  
e sobre os ombros pode carregar  
olhares azuis e as curvas perfeitas

do corpo alheio. Ou do desejo humano  
- vale indagar - porque agora,  
Antínoo, como faz nesta fase do ano,

tomou café e vai trabalhar  
no emprego de férias. Ignora  
o discurso de Sêneca. E as lágrimas de Adriano.

## Jerusalém, IX Estação

Sendo um homem e descendo a ladeira  
na tarde da cidade turbulenta,  
pode encontrar moeda, companheira,  
bicho, beleza, desastre, dor violenta.

Tudo pode acontecer na passagem ligeira  
pela rua torta: escárnio e assombro  
e o resvalar na pedra traiçoeira  
e cair outra vez, a cruz ao ombro.

Sendo um homem, só, dentro do espaço  
restrito entre a pele e a neblina  
pode pensar: é hoje que faço

o encontro misterioso, além da rotina -  
a morte, ao próximo passo,  
o amor ao dobrar a esquina.

## Aparição

À hora terça de chuvosa madrugada,  
na estrada longa da biblioteca,  
encontro o jovem Abdullah Ansari,  
nascido no século XI, na Pérsia.

Fala uma *língua de aves e de rosas*,  
veste pouco sobre a pele amorenada,  
convida-me em palavras silenciosas  
a acompanhá-lo pela mesma estrada.

Dá-me uma mão de mestre e com bravura  
desvia-me das flores venenosas  
da retórica e outras luxúrias.

Separamo-nos perto do muro  
da cidade, pouco antes da aurora.  
O viajor deve buscar no escuro.

Os olhos de Eric, o Ruivo  
e os cabelos de Olaf, louros,  
restos de idades de ouro,  
ainda andam pelo mundo.

Eles navegaram sob os astros.  
Sabiam caminhos de ir e voltar.  
Mudaram árvores em mastros  
e plantaram florestas no mar.

Inverno e distância despojaram  
sua forma de ornato. Inventaram  
sagas de aventura e conquista.

Guerreiros do cotidiano continuam  
a ser e mercadores de sonho:  
conduzem barcos para turistas.

Lancelote do Lago é teu nome  
imaginário e ser forma dourada  
e terna fonte que reluz e some  
tua clara missão transfigurada

medievo candor despojado e despido  
de armas e bravuras cavaleiro de vagas  
audácias na memória esbatido  
em ouro e água brilha e te apagas

em possível instante e certo canto  
tempo e lugar perigos indomáveis  
eu te quis dizer tanto quanto

as palavras armadilhas instáveis  
não prendem encanto sorte que se vai  
juventude doçura de tarde quando cai

## Twenty Century Tours

Marco um embaixador de errante encanto  
deambulando na arcada bizantina.  
Príncipes e viandantes acompanham  
o olhar que descobre maravilhas.

Pólo imantado da ambição de tantos,  
a fácil graça dos gestos que ensina  
o corpo aventureiro e navegante.

Livros de juventude e ousadia  
eternamente escrevem as palavras  
de exaltação à cidade roubada  
em muito ao sonho e um pouco à natureza.

Tem um olho no mar, outro na praça.  
Guia mais um grupo que passa  
de Catai e Cipango nos canais de Veneza.

## Tarde do século XX em Florença

Não o poeta do Salmo 23  
quer o escultor, não o harpista;  
o moço atleta, fundista,  
de um bloco de mármore fez.

Mãos enormes e aquele valor  
inconsciente que ilude  
Golias, abafa o tambor  
da inveja e é dom da juventude.

Descansam hoje dias dilatados,  
David, da luta em verdejantes  
prados. Miguel, da pedra e buril.

Só o modelo vive. É garçon de restaurante  
na Signoria. Cabelos encaracolados,  
o mesmo perfil.



Morenos gládios, asas e sorrisos  
enigmáticos, montanhosas paisagens,  
secretos códigos e anatomias,  
arquétipos e imagens  
de anjos em interditos paraísos,  
artefatos de guerra e viagem  
do homem errante.

Tudo isso  
ocupou-lhe a vida, inacabado  
painel de magia reverente  
na adolescência da humanidade,  
trazido, súbito, ao século XX  
pelo jovem sem nome, absorvido  
no vídeo-club, hoje à tarde.  
Filmes eróticos, manuscritos proibidos.

## Aqui

A perna esquerda nas iluminuras  
daquele Arthur ficou na memória  
e o torso arcaico de Rainer, figuras  
de mármore ancestral, cacos da história:

pé anônimo do museu de Olímpia,  
braços desaparecidos de Vênus,  
mãos em prece de Auguste ou Ímpia  
carnadura, alinhada sobre troncos.

Vivos outros modelos e esculturas  
de carne vil e mais humildes donos:  
o torso jovem de Aparecida, a cintura

de cântaro grego de Thomas  
jogando futebol, arquiteturas  
breves, dias mais humanos.

## Montanha mágica

Não é água e albumina, simplesmente,  
nem o espírito que paira sobre as águas  
o que provoca este arrebatamento;  
nem as fendas da veste, nem as cavas  
da carne, a perfeição do espaço  
vazio e pleno; é antes um momento  
fugaz e endereçado à eternidade,  
alguma exata dimensão do tempo,  
presentificação e brevidade  
trazida de repente ao violento  
agora que incendeia a tarde  
e luz sobre o espírito infunde.  
Não é água e albumina, simplesmente,  
fanais fugazes, é antes juventude.

## Planck

Perdido e ignorado na urdidura  
da imensa tapeçaria do universo  
há um fio frágil que decifra a ruga  
perturbadora na face do Eterno,

explica o breve gesto de loucura  
com que Luís estrangulou Helena  
e alguma outra intervenção cirúrgica  
em princesa real ou aparentada lenda,

associa distantes aventuras,  
carretel de crioulas ariadnes  
une retalhos díspares, costura

em túnica inconsútil os acasos  
impossíveis, segura  
cérebros e outros planetas ameaçados.

UNIVERSITY OF EDINBURGH  
LIBRARY  
100 HUNTERIAN BUILDING  
GEORGE SQUARE  
EDINBURGH EH8 9JY  
SCOTLAND

ISSN 0567-5995



9770567 599002

Labim/UFRN